

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Luciana Andrade Paula

Discurso Direto Fictivo: a perspectivação conceptual (*construal*) como
estratégia intersubjetiva argumentativa

JUIZ DE FORA
2020

Luciana Andrade Paula

Discurso Direto Fictivo: a perspectivação conceptual (*construal*) como
estratégia intersubjetiva argumentativa

Dissertação apresentada à Faculdade
de Letras da Universidade Federal de
Juiz de Fora como exigência para
aprovação no Mestrado em Linguística

Orientador(a) e Presidente - Prof.^a Dr^a Sandra Aparecida Faria de Almeida UFJF

Coorientador - Prof. Dr. Luiz Fernando Matos Rocha UFJF

Membro titular externo - Prof^a Dr^a Maria Lúcia Leitão de Almeida UFRJ

Membro titular interno - Prof^a Dr^a Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda UFJF

JUIZ DE FORA

2020

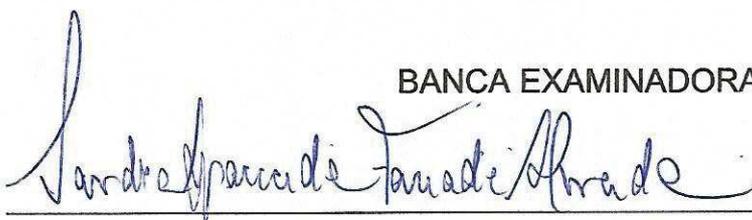
Luciana Andrade Paula

Discurso Direto Fictivo: a perspectivação conceptual (*construal*)
como estratégia intersubjetiva argumentativa

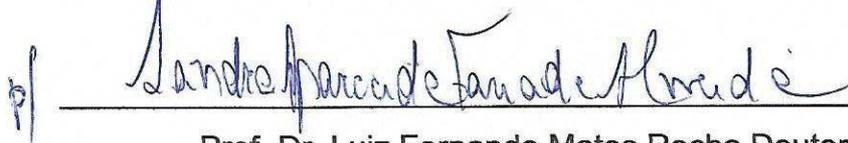
Dissertação apresentada à
Faculdade de Letras da
Universidade Federal de Juiz de
Fora como exigência para
aprovação no Mestrado em
Linguística

Aprovada em 17 de dezembro de 2020.

BANCA EXAMINADORA



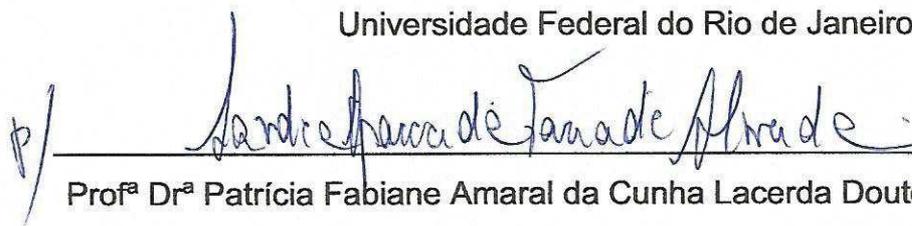
Prof.^a Dr.^a Sandra Aparecida Faria de Almeida – Orientadora e Presidente
Universidade Federal de Juiz de Fora



Prof. Dr. Luiz Fernando Matos Rocha Doutor - Coorientador
Universidade Federal de Juiz de Fora



Prof.^a Dr.^a Maria Lúcia Leitão de Almeida Doutora – Membro titular externo
Universidade Federal do Rio de Janeiro



Prof.^a Dr.^a Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda Doutora- Membro titular
interno

Universidade Federal de Juiz de Fora

Dedico este trabalho em primeiro lugar ao Deus Eterno e aos meus amados avós Abel, Luiz e Maria da Glória (in memoriam), que mesmo sem terem tido a oportunidade de estudar, acreditavam que seria possível ser diferente com as gerações posteriores.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente ao Eterno Deus de Abraão, Isaque e Israel, por permitir a conclusão desse trabalho, me fortalecendo e me capacitando a cada manhã. Louvado e exaltado seja o Senhor pela sua bondade e fidelidade, "EBENÉZER! – Até aqui nos ajudou o Senhor!" I Samuel 7.12.

Ciente de que nossas conquistas não são apenas nossas, mas de todos que nos amam e que de algum modo se fazem participantes destas conquistas, é chegado o momento de expressar minha profunda gratidão:

À UFJF, por me proporcionar adquirir e desenvolver conhecimento.

Ao PPG – Linguística, professores, secretárias e demais colaboradores, aos quais sempre foram solícitos e dispostos em apoiar durante esse percurso acadêmico.

A todos os integrantes do Grupo de Estudos de Interação Fictiva, que fizeram dos momentos de trabalho momentos também de crescimento, sempre permeados de boas risadas. Ao Jaime, Márcia, Leila, Dalila, o meu "muito obrigado".

À CAPES, pelo amparo financeiro durante parte da pesquisa, o qual foi imprescindível.

Aos meus orientadores, Sandra Almeida e Luiz Fernando Matos Rocha, que com muita competência profissional e intelectual, contribuíram muito na realização desse trabalho, passando-me segurança quanto ao meu potencial em poder fazer melhor.

Aos meus pais Lucy e Luiz Enéias pelo apoio, à minha irmã Juliana, ao e meu cunhado Virgílio, por estarem demonstrando todo seu apoio e amor em forma de deliciosos momentos gourmet, longas conversas e fartos cafés.

Ao admirável professor e amigo Vilmar Henrique que mesmo antes do meu ingresso na graduação já me estimulava a pensar grande e nunca desistiu de mim, pois as pessoas podem esquecer o que um dia ouviu de outrem, mas jamais se esquecem de como esses as fizeram se sentir.

Aos amores, muito mais do que amigos, Evanhoé, Adriana, Alef e Asaf, por compreenderem as ausências, os estresses, as emoções muitas vezes conturbadas, sendo também base emocional e espiritual em dias difíceis, todos sempre me incentivando e trazendo a memória de que não há bem que sempre dure e nem mal que nunca se acabe logo é preciso avançar sempre, pois a vida é dinâmica.

As amigas e companheiras que de modo intenso e efetivo estiveram presente, Leonora, Elisabeth, Livia, Laryssa, Márcia, Lizane e Dalila por estarem sempre com ouvidos atentos e disponíveis me aconselhando sabiamente além de serem completamente amorosas e acolhedoras durante todo o percurso.

Por fim os meus sinceros agradecimentos ao meu amor, amigo e companheiro Gabriel Queiroz que escolheu fazer parte, não apenas dessa conquista, mas da minha vida como um todo, e tem se feito presente com maestria, me surpreendendo dia após dia com palavras e atitudes de amor, compreensão e incentivo, em inúmeros momentos se colocando em segundo plano para que eu alcançasse o meu objetivo. É muito difícil agradecer com palavras quando se tem tanto a dizer e o máximo que se consegue dizer é: muito obrigada.

A todos que diretamente ou indiretamente partilharam dessa vitória.

"Porque d'Ele e por Ele, e para Ele, são todas as coisas; glória, pois, a Ele eternamente. Amém." Romanos 11:36.

“A linguagem visível é a ponta do iceberg da construção invisível do significado que tem lugar enquanto falamos e pensamos.”
Fauconnier (1997)

RESUMO

O presente trabalho se dedica a estudar as manifestações de Fictividade e os diferentes modos pelos quais ela opera discursiva e intersubjetivamente com base em dados reais de fala espontânea do PB de diatopia mineira. A pesquisa se apoia na Linguística Cognitiva (LANGACKER 1987, 1990, 1991, 2008; TALMY 1988, 2000; LAKOFF E JOHNSON 1980; FAUCONNIER 1994, 1996, 1997; FILLMORE 1982, 1985, 1993; SWEETSER 1990; elegendo-se o conceito de perspectivação conceptual (*construal*) como guia para a hipótese de que, nas interações face-a-face, falante e interlocutor lançam mão do *Frame* de Conversa PASCUAL, 2002, 2006, 2014; PASCUAL; SANDLER, 2016; para estruturar a Interação Fictiva, em especial o tipo aqui pesquisado – o Discurso Direto Fictivo ROCHA, 2004, 2006, 2012, 2013, 2014, 2018, 2020 – como estratégia intersubjetiva argumentativa. A noção de (inter)subjetividade TRAUGOTT; DASHER, 2005; VERHAGEN, 2005, 2007, 2008; inerente ao conceito de *construal* TALMY, 1988, 2000; LANGACKER, 1987, 1990, 1991, 2008; VERHAGEN, 2005, 2007, 2008; é tomada como codificação linguística da atenção por parte do falante ao interlocutor ou convite para que o interlocutor assumira uma determinada perspectiva discursiva, em busca de um alinhamento ALMEIDA, 2010, 2019; ALMEIDA; FERRARI, 2012 de pontos de vista. No tocante à metodologia, foram investigados dois *corpora* de origens distintas, porém de características semelhantes. O primeiro *corpus*, de estudo, foi compilado a partir de gravações de fala espontânea em um salão de beleza PAULA, 2018; os áudios foram transcritos com a finalidade de permitir a oitiva dos dados para uma melhor percepção e explanação do fenômeno. O segundo *corpus*, de referência, foi extraído do C-ORAL BRASIL I RASO; MELLO, 2012; o qual tem por característica ser um *corpus* de fala espontânea do português brasileiro que contém gravações e transcrições das conversas. Adotou-se uma abordagem metodológica baseada em *corpus* (*corpus-based*) e guiada por *corpus* (*corpus-driven*) MCENERY; HARDIE, 2012; TOGNINI-BONELLI, 2001, possibilitando que os *corpora* norteassem a análise. A análise qualitativa dos *corpora* evidenciou não apenas manifestações de Interação Fictiva do tipo Discurso Direto Fictivo (DDF), mas possibilitou identificar diferentes padrões sintáticos- semânticos de DDF atrelados a contornos melódicos específicos. Os resultados obtidos atestam a aceitabilidade empírica do fenômeno e evidenciam o uso

do DDF como *frame* atencional ou janela de atenção (LANGACKER, 2008) e a tomada de perspectiva como estratégia intersubjetiva argumentativa em prol do alinhamento de pontos de vista entre falante e interlocutor.

Palavras-chave: Intersubjetividade. Fictividade. Discurso Direto Fictivo. *Frame* de Conversa. Corpora.

ABSTRACT

The present work is aimed at studying the different types of Fictivity in language and the distinct ways it operates both discursively and intersubjectively by drawing on real speech data of Brazilian Portuguese spoken in the state of Minas Gerais. The study relies on Cognitive Linguistics LANGACKER (1987, 1990, 1991, 2008; TALMY 1988, 2000; LAKOFF; JOHNSON 1980; FAUCONNIER 1994, 1996, 1997; FILLMORE 1982, 1985, 1993; SWEETSER 1990; outlining the concept of construal as guiding the hypothesis that in their face-to-face interactions speaker and addressee use the Conversation Frame PASCUAL, 2002, 2006, 2014; PASCUAL; SANDLER, 2016; in order to structure Fictive Interaction, especially the type here under study – Fictive Direct Speech ROCHA, 2004, 2006, 2012, 2013, 2014, 2018, 2020; – as an intersubjective and argumentative device. The notion of (inter)subjectivity TRAUOGOTT; DASHER, 2005; VERHAGEN, 2005, 2007, 2008; intertwined with the notion of *construal* TALMY, 1988, 2000; LANGACKER, 1987, 1990, 1991, 2008; VERHAGEN, 2005, 2007, 2008; is viewed as either linguistically codifying the attention of the speaker towards his/her addressee or as cognitively signalling a coordination or alignment of perspectives ALMEIDA, 2010, 2019; ALMEIDA; FERRARI, 2012. In regard to methodology, two different corpora – a study corpus and a reference corpus – were chosen for the analysis. The first one was compiled from spontaneous speech recordings at a beauty salon (PAULA, 2018), which were transcribed in order to better capture and explain the cognitive phenomenon. The second corpus was obtained from C-ORAL BRASIL I RASO; MELLO, 2012; a reference corpus of the spontaneous speech variety of Brazilian Portuguese, with both recordings and transcriptions available. We have adopted a methodology which blends a corpus-based and a corpus-driven approach to data MCENERY; HARDIE, 2012; TOGNINI-BONELLI, 2001; thus allowing the corpora to inform our analysis. Apart from that, the qualitative approach to data not only conveyed Fictive Interaction samples of Fictive Direct Speech but also made it possible to identify distinct semantic-syntactic patterns exhibiting specific prosodic features. The results make the empirical acceptability of the phenomenon clear and reveal the use of Fictive Direct Speech as an attentional frame LANGACKER, 2008; and perspective-taking as an intersubjective and argumentative device for ultimately aligning different vantage points through discourse.

Keywords: Intersubjectivity. Fictivity. Fictive Direct Speech. Conversation Frame. Corpora.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Convenções de transcrição usadas (Modelo Jeferson, 2008)	31
Quadro 2: Ocorrências rastreadas de Discurso Direto Fictivo (DDF).....	36
Quadro 3: Os padrões sintático-semânticos	46
Quadro 4: Padrões de construais.....	46

LISTA DE EXCERTOS

Excerto 1: Negociação de procedimento capilar.....	48
Excerto 2: Defeito no ônibus.....	50
Excerto 3: O resultado da escova progressiva.....	52
Excerto 4: Resultado da escova progressiva.....	54
Excerto 5: Conflito matrimonial.....	57
Excerto 6: Conflito familiar.....	63
Excerto 7: Decisão profissional.....	65

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. A ABORDAGEM COGNITIVISTA DA GRAMÁTICA: O CONCEITO DE CONSTRUAL	13
1.1. A relação forma/significado.....	13
1.2. A noção de <i>construal</i>	14
1.2.1. Perspectiva	15
1.2.2. Orientação e ponto de vantagem	16
1.2.3. Ancoramento (<i>grounding</i>)	18
1.2.4. A noção de <i>domínio</i>	18
1.2.5. Objetividade e subjetividade	19
1.3. A noção de intersubjetividade.....	21
1.4. Frames atencionais	22
2. O CONCEITO DE CONSTRUAL SOB A PERSPECTIVA DA TEORIA DA FICTIVIDADE	24
2.1. Fictividade e Interação fictiva	24
2.2. Fictividade.....	24
2.3. Interação Fictiva.....	26
3. METODOLOGIA EMPREGADA	29
3.1. Objetivos.....	29
3.2. Hipótese.....	30
3.3. Os dois <i>corpora</i>	30
3.3.1. A coleta de dados do corpus gerado	30
3.3.2. O corpus gerado	31
3.4. O C-ORAL BRASIL I.....	31
3.5. Procedimentos de análise: Abordagem <i>corpus-based</i> e <i>corpus –driven</i>	33
4. ANÁLISE DE DADOS	35
4.1. Quadro analítico-resumitivo de ocorrências rastreadas de Discurso Direto Fictivo (DDF).....	36
4.2. Análise pontual do <i>corpus</i> de estudo (Salão de Cabeleireiro, Juiz de Fora - MG).....	48
4.2.1. Tópico 1 “Negociação do procedimento capilar”	48
4.2.2. Tópico 2, de tema “Defeito no ônibus”	50
4.2.3. Tópico 03, de tema “O resultado da escova progressiva”	52
4.2.4. Tópico 14 de tema “Conflito matrimonial”	56
4.3. Análise pontual do corpus C-ORAL BRASIL I	62
4.3.1. Tópico “Conflito Familiar”	63

4.3.2. Decisão profissional	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
REFERÊNCIAS.....	70
ANEXOS	74
Anexo 1: Transcrição do Corpus de Estudo	74
Tópico 01: Negociação acerca do procedimento capilar ombré hair.....	74
Tópico 02: Defeito do ônibus.....	74
Tópico 03 : Resultado da escova progressiva	76
Tópico 04: A viagem para o EUA.....	77
Tópico 05: Crise de endometriose.....	79
Tópico 06: Negociação a respeito do procedimento capilar que está sendo realizado.....	80
Tópico 07: Retorno ao Tópico 04 (viagem para EUA).....	80
Tópico 08: Reação do enteado	81
Tópico 9: Retorno ao Tópico 04 e 08 (a viagem para EUA)	82
Tópico 10: Venda de móveis.....	85
Tópico 11: Insatisfação com o casamento.....	85
Tópico 12: Saída noturna.....	86
Tópico 13: Filha da Lilyan.....	87
Tópico 14: Conflitos no matrimônio.....	89
Anexo 2: Corpus C-ORAL BRASIL I – arquivo bfamdl22.....	95

INTRODUÇÃO

Por um longo período, o que se estudava acerca da linguagem e das línguas esteve muito atrelado à forma linguística por si mesma, abstraindo-se consideravelmente do uso e das implicações cognitivas inerentes a ele. A inquietude de pesquisadores com a rigidez dessa abordagem, a qual não contempla o sujeito como agente cognitivo que produz e interpreta significados, abriu caminho para outras maneiras de se refletir sobre a linguagem. (KOCH; CUNHA-LIMA, 2004; FERRARI, 2016)

Uma dessas diferentes maneiras de se pensar a linguagem atualmente é pelo viés da Linguística Cognitiva (LC), a qual defende uma abordagem pautada na interação entre módulos cognitivos, ou seja, trabalha com a ideia de redes conceptuais operando com princípios linguístico-cognitivos gerais ligados a outras capacidades cognitivas; sendo assim, a presença do sujeito como agente da construção do significado ganha relevo. Sob esse novo paradigma, o significado não é fixo nem dado, mas sim, construído e co-construído na interação a partir das pistas linguísticas que o orientam (LANGACKER 1987, 1990, 2008; TALMY 1988, 2000; LAKOFF E JOHNSON 1980; FAUCONNIER 1994, 1996, 1997; FILLMORE 1982, 1985, 1993; SWEETSER 1990).

É possível, então, começar a pensar em construção de significado em uma interação face-a-face, mais especificamente em uma conversa, que a espécie humana experimenta desde que se tem notícia e que é fundamental para o desenvolvimento social e cultural do sujeito. Tais aspectos fomentaram estudos e análises relacionados à conversa em si, como os trabalhos de Sacks, Schegloff e Jefferson (1974).

O desdobramento de estudos como esse resultou na profunda investigação de como se constitui essa forma de interação, a conversa, e quais os objetivos dessa prática. Entretanto, é preciso se destacar de antemão que a conversa é cognitivamente orientada e que, em certa medida, nós a reconhecemos como tal, visto que não só operamos pragmaticamente com ela, mas sabemos (cognitivamente) muito sobre ela. Logo, partindo de uma estrutura de conhecimento a respeito do que é e de como é conversar, deu-se início a uma investigação acerca desse conhecimento induzido pela prática da conversa aplicado especificamente como uma estratégia comunicativa, para enquadrar o que não é canonicamente uma conversa,

conforme é o caso da Interação Fictiva (IF), fenômeno estudado por Esther Pascual em sua tese de doutorado (2003).

Pascual (2003, 2014), linguista que cunhou o termo, defende que a Interação Fictiva se utiliza do Frame de Conversa para estruturar o pensamento, o discurso e a gramática, ou seja, funciona como uma estrutura cognitiva subjacente a outras estruturas. Deste modo, o *Frame* de Conversa se organiza tendo como ponto de partida algo tão inerente ao modo como acontece a comunicação humana, a conversa; e com a Interação Fictiva acabamos por usar dele no discurso como uma estratégia para lidar com coisas que não estão ligadas à prática de conversa propriamente dita, ou seja, uma conversa entendida como interação verbal factiva ou genuína se torna uma interação verbal fictiva ou não genuína.

O presente trabalho investiga o uso da IF como estratégia intersubjetiva em contexto efetivo de fala espontânea e os efeitos argumentativos mediante a delimitação de um de seus subtipos: o Discurso Direto Fictivo (DDF), focado por Rocha (2012, 2013, 2014, 2018). Para isso trabalhamos com o conceito de perspectivação conceptual ¹(*construal*) (LANGACKER, 1987, 1991; TALMY, 1988, 2000; VERHAGEN, 2005) e as noções intrínsecas ao conceito, a saber, *perspectiva, orientação, ponto de vantagem, subjetividade/objetividade* (LANGACKER, 1987, 1990, 1991, 2008) e *intersubjetividade*, tanto sob o prisma cognitivo-pragmático-discursivo (VERHAGEN, 2005, 2007, 2008) quanto linguístico propriamente dito (TRAUGOTT; DASHER, 2005). Deste modo, investigamos as diferentes maneiras de se expressar linguisticamente o DDF ao se caracterizar uma cena, uma situação ou uma relação entre os participantes de uma interação, até mesmo a relação entre participante e um dado objeto, assumindo a hipótese de que o DDF constitui-se em estratégia intersubjetiva argumentativa e os diferentes tipos de *construal* ou perspectivação conceptual sinalizam a tomada de determinado ponto de vista ou perspectiva, convidando o interlocutor a se alinhar com ele(a)."

De modo mais específico, optou-se por mapear e analisar as ocorrências de IF em corpus de fala espontânea, no sentido de se fortalecerem as evidências empíricas acerca do fenômeno. Por isso, buscamos constituir um *corpus* para, nos dados reais

¹ A escolha por traduzir “construal” por “perspectivação conceptual” tem como base a seguinte referência: SILVA, A. S. da. Perspectivação conceptual e Gramática. Revista Portuguesa de Humanidades: Estudos Linguísticos: Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, Braga, Portugal, v. 12, n. 1, p. 17-44, 2008.

de fala, (i) verificar a existência de padrões de *construal* de DDF; (ii) observar como se dão as ocorrências e como se operam os padrões de *construal* de DDF; (iii) refletir sobre o potencial objetivo do falante ao fazer uso do recurso da DDF. Em um segundo momento, lançamos mão de outro *corpus*, já constituído, o C-ORAL BRASIL (RASO; MELLO, 2012), cujo arquivo, composto de quinze minutos de interação verbal, exhibe características temáticas e situacionais semelhantes ao primeiro *corpus*.

O primeiro *corpus* é composto por três horas de gravação de interação face-a-face que envolve três participantes em contexto de fala espontânea, sendo que, para a presente análise, são utilizados trinta e cinco minutos da conversa. O modelo Jeferson (2008) de transcrição é aplicado aos dados de modo simplificado. Priorizamos uma investigação qualitativa buscando explorar suas facetas no contexto efetivo de fala, o que permite a identificação de padrões de *construal* de Discurso Direto Fictivo (DDF).

A metodologia adotada é uma metodologia mista, oriunda da abordagem baseada em *corpus* (*corpus-based*) e guiada por *corpus* (*corpus-driven*) (MCENERY; HARDIE, 2012; TOGNINI-BONELLI, 2001), possibilitando que o *corpus* ocupe uma posição de destaque nas análises. Sendo assim, colocamo-nos sensíveis e flexíveis aos dados, não fazendo deles simples ilustrações linguísticas de teorias já formuladas.

As ocorrências de IF no padrão de DDF são analisadas à luz das noções de *construal* e perspectiva, o que, argumentamos, revela aspectos (inter) subjetivos da construção, na medida em que ela parece operar como um convite do falante ao interlocutor a assumir um determinado ponto de vista.

O trabalho está organizado da seguinte forma: o primeiro capítulo apresenta as teorias que servem de base para as análises. A abordagem cognitivista da gramática, focalizando-se o conceito de *construal*, é um dos pontos de destaque do capítulo que discute a relação forma e significado baseada, primordialmente, nos estudos de Langacker (1987, 1990, 1991, 2006, 2008). O conceito de *construal* traz consigo importantes noções, como as de perspectiva, de *ground*, de ponto de vantagem, de orientação, as quais envolvem ainda as noções de objetividade, subjetividade e (inter)subjetividade (VERHAGEN, 2005, 2007, 2008), de grande importância para as investigações.

O segundo capítulo oferece um breve panorama sobre *Fictividade* e traz também alguns trabalhos sobre o fenômeno já realizados por pesquisadores no Brasil e em outros países. Em seguida, dedicamo-nos a discorrer sobre o fenômeno da Interação

Fictiva e o uso do *Frame de Conversa* como recurso discursivo-pragmático para estruturá-la.

O terceiro capítulo apresenta a metodologia aplicada aos dados, assim como a justificativa pela escolha teórico-metodológica. São detalhados os objetivos gerais e específicos da pesquisa, a descrição acerca da coleta de dados e da anotação. A abordagem teórico-metodológica mista é explanada em mais detalhes.

O quarto capítulo parte da análise geral dos dados conjuntamente com o padrão de *construal* encontrado. Em um segundo momento, são apresentadas as ocorrências de DDF localizadas e apresentadas nos excertos na ordem cronológica em que a interação face-a-face se dá. A análise pontual é realizada de modo a explorar o comportamento de cada padrão de *construal* encontrado, juntamente com os propósitos comunicativos percebidos com o uso do recurso do DDF.

Por fim, são apresentadas as considerações finais da pesquisa, indicando possíveis contribuições do estudo para pesquisas futuras bem como possíveis avanços nos estudos sobre Interação Fictiva com base em dados reais de fala.

1. A ABORDAGEM COGNITIVISTA DA GRAMÁTICA: O CONCEITO DE CONSTRUAL

1.1. A relação forma/significado

A Linguística Cognitiva, na perspectiva de Langacker (1987, 1990, 1991, 2008), Talmy (1988, 2000) Lakoff e Johnson (1980), Fauconnier (1994, 1996, 1997, Fillmore (1982, 1985, 1993), Sweetser (1990), é uma vertente do pensamento linguístico contemporâneo que, para compreender a relação entre forma e significado, apoia-se em uma abordagem mentalista, porém, não-modular da linguagem (FERRARI, 2016). Em outras palavras, a LC defende a interação entre os módulos cognitivos, em detrimento da existência de um único módulo cognitivo, o da linguagem, conforme advogado pela vertente gerativa, que tem em Chomsky (1951, 1965, 1979, 1981, 1996) seu representante mais proeminente.

Em uma abordagem distinta, a LC adota uma perspectiva que considera a atuação de princípios linguístico-cognitivos gerais atrelados a outras capacidades cognitivas (memória, raciocínio lógico, atenção, etc.), bem como à corporeidade e à experiência. Logo a relação entre estrutura linguística e conteúdo conceptual ocupa lugar de centralidade. Dessa forma, admite-se a importância e a influência de aspectos cognitivos no processo de construção do sentido, seguindo por uma vertente marcada pelo entendimento de que a linguagem se estabelece em sua estreita relação com a construção de conhecimento e de significado vinculada à experiência humana no mundo.

No âmbito da Gramática Cognitiva (LANGACKER, 1990, 1991, 2006, 2008), postula-se que a relação entre a forma linguística e o significado não se apresenta de modo rígido ou fixo, ou seja, a forma não é detentora de um sentido único e absoluto, mas evidencia uma relação dinâmica, sensível ao contexto, que considera vários aspectos cognitivos orientados pela experiência, pois se estabelece a partir de uma estrutura que sofre flexibilizações, adaptações ou relativizações quando se tem em vista a dimensão do uso. Sendo assim, as palavras não contêm um sentido pronto, único, absoluto, mas, antes, são unidades simbólicas (LANGACKER, 2008). Langacker define símbolo como “um” pareamento entre uma estrutura semântica e

uma estrutura “fonológica” (LANGACKER, 2008, p. 5, tradução nossa²). Em outras palavras, o sentido é co-construído, é potencial. Podemos discutir de maneira concisa alguns conceitos e principais domínios que ocupam lugar de centralidade nas reflexões e investigações propostas pela LC, ressaltando que as unidades e estruturas linguísticas são concebidas como demonstrações de capacidades cognitivas gerais (FERRARI, 2016 p.14). Elas servem de arcabouço para a ordenação conceptual, para os princípios de categorização, para os dispositivos de processamento e da experiência individual, social e cultural. Desse modo, são temáticas primordiais para a LC os processos de categorização, de prototipia, de metonímia, de metáfora conceptual, de esquemas imagéticos, de modelos cognitivos idealizados (BRUGMAN, 1981; CROFT, 1993; LAKOFF; JOHNSON, 1980; LAKOFF, 1987), dentre outros.

Na LC, encontramos abordagens desenvolvidas em momentos distintos, porém vale destacar que existe um ponto convergente que perpassa a questão temporal: a maneira como se concebe o significado como algo construído (FAUCONNIER 1994, 1996, 1997; SWEETSER, 1990; LANGACKER, 1987, 1990, 1991, 2008). Esses aspectos possibilitam adotar a LC como sustentáculo para investigações linguísticas e nos permitem afirmar que não está disponível para o falante/ouvinte nenhum significado pronto; antes, existem significados potenciais. Tendo em conta que as unidades linguísticas são simbólicas, melhor dizendo, elas sempre podem significar, assim, o sentido é continuamente construído a partir das pistas linguísticas, é algo negociado. As interações, na medida que ocorrem, é que vão oferecendo potenciais de significação com base na estruturação de uma determinada cena comunicativa ou evento de fala, cuja perspectivação conceptual, ou *construal* (LANGACKER, 1987, 1991, 2008; TALMY 1988, 2000; SILVA, 2008; e VERHAGEN (2005, 2007, 2008) contribui para a (re)construção de sentido.

1.2. A noção de *construal*

A LC concebe a semântica como sendo de ordem cognitiva, logo, dessa primazia, emergem as noções de “*perspectiva*”, “*ponto de vista*” e “*subjetividade*” nos estudos acerca da construção dos significados. Muito dos problemas de comunicação e interpretação emergem nas interações cotidianas e podem ser compreendidos com

² Texto original: “...the pairing between a semantic structure and a phonological structure”

certa facilidade quando se faz uso dessas noções. Tais noções são relevantes para a análise linguística mas, como não são dadas *a priori*, requerem investigação empírica.

O conceito para definir diferentes formas de visualizar e expressar uma determinada situação é *construal*, ou perspectivação conceptual (termo escolhido por Silva, 2008), pois as línguas oferecem diversas possibilidades de se caracterizarem situações, seus participantes, e ainda as relações entre eles. Sendo assim, é plausível afirmar que falar, ou escrever, sempre implica uma escolha. Por exemplo, um determinado sujeito que se dispõe a observar com precisão a disposição espacial de certas estrelas no céu pode descrevê-la de muitas formas distintas: (i) como uma constelação, (ii) como um aglomerado de estrelas, (iii) como manchas de luz no céu, dentre outras maneiras possíveis. Essas expressões são semanticamente distintas e exprimem as várias formas que o conceptualizador da cena pode ter disponíveis, ao eleger uma delas para uso compatível com as propriedades objetivamente dadas (LANGACKER, 1990, p.61) com diferentes níveis de especificidade. Tais possibilidades estão diretamente ligadas às estruturas de conhecimento, as quais são subjacentes à linguagem e permitem explicar a razão pela qual o ato de proferir enunciados e interpretá-los envolvem sempre mais informações do que aquelas codificadas na forma linguística, pois carregam consigo marcas da experiência humana em uma perspectiva sociocultural.

1.2.1. Perspectiva

Ao desenvolver o conceito de *construal* e os que subjazem a ele, Langacker (1990) traz a noção de *perspectiva* como central e intrínseca ao modo pelo qual o sujeito conceptualiza um dado evento comunicativo, logo o falante/conceptualizador³elege uma maneira de representar a cena e de organizá-la, lançando mão, para isso, de uma dimensão do *construal* denominada *focalização*. Então, o modo como o evento de fala é apresentado é tido como revelador da

³ Segundo Langacker (2008, p. 261, tradução nossa), "Em termos de significado linguístico, os conceptualizadores primários são o falante e o interlocutor, cuja interação ao produzir e compreender uma expressão constitui o *ground*." Texto original: "For linguistic meanings, the primary conceptualizers are the speaker and the addressee, whose interaction in producing and understanding an expression constitutes the ground" (LANGACKER, 2008, p. 261). Também de acordo com Langacker (2008, p. 298, tradução nossa), o conceptualizador pode ser invocado pela sentença: "Se considerarmos uma cláusula finita isolada, sem um contexto maior para identificá-la, o conceptualizador invocado para o fundamento da cláusula é apenas virtual". Texto original: "If we consider a finite clause in isolation, with no larger context to identify it, the conceptualizer invoked for clausal grounding is only virtual".

perspectiva assumida pelo conceptualizador frente à cena descrita, ou seja, a posição ou ponto de partida que o falante escolhe ocupar para retratar a cena (que pode ser real ou imaginária) é sinalizadora de sua perspectiva, a qual é primordial no processo de construção e atribuição de significados. Sendo assim, os conceitos de *figura* e *fundo* se fazem presentes: para que um elemento seja focalizado e ocupe lugar de destaque (figura), outro elemento tão importante quanto é desfocalizado, ocupando um lugar que podemos chamar de fundo, compreendendo-se, assim, um mecanismo de perfilamento de um determinado elemento da cena descrita. Os conceitos de figura e fundo podem ser melhor entendidos, no âmbito da gramática, através de preposições, como demonstra Langacker (2008).

A fim de ilustrar as preposições *over* e *under*, nas diferentes construções abaixo, pode-se perceber que a alteração de significado está ligada a diferença de perspectiva representada por cada preposição.

(1) The picture is over the table.

(O quadro está acima da mesa)

(2) The table is under the picture.

(A mesa está debaixo do quadro)

A forma como o falante expressa sua conceptualização da cena revela e traz consigo o que Langacker (1987, 1990, 1991, 2008) denomina de *vantage point* (ponto de vantagem). No enunciado (1), “The picture is over the table”, o ponto de referência é a pintura, sendo a pintura a figura ou o *trajetor*; e a mesa, o fundo ou o *landmark* (ou marco); ou seja, o elemento colocado em proeminência é o quadro; já no enunciado (2), “The table is under the picture”, tem-se uma situação inversa: a mesa como a figura ou o *trajetor* e a pintura como fundo ou *landmark*. Sendo assim, um dos participantes é descrito na atividade como trajetor ou participante focal primário (figura), e o outro participante é descrito como marco ou participante secundário (fundo).

1.2.2. Orientação e ponto de vantagem

A *orientação* e o *ponto de vantagem* são componentes do conceito de *perspectiva*. Como não é possível invocar uma concepção qualquer em muitas expressões ao descrever uma situação, defende-se que uma concepção integra um arranjo de visão (*viewing arrangement*) específico, produzindo efeitos também específicos na descrição de uma situação. Expressões como “*direita e esquerda*” revelam de modo mais evidente que a orientação está relacionada à direção e é estabelecida “pela direção para a qual o falante, o ouvinte ou algum observador esteja voltado” (VANDELOISE 1984, 1986, *apud* LANGACKER, 2019):

(1)

a. Turn left at next corner.

(Vire à esquerda na próxima esquina.)

b. Raissa was seated on Nancy's right.

(Raissa estava sentada à direita de Nancy.)

Nos exemplos acima, a correta interpretação das direções “esquerda” (*left*) e “direita” (*right*) depende da posição (relativamente implícita) assumida pelo falante ou conceptualizador da cena visualmente representada. No plano discursivo, os marcadores de tempo como, por exemplo, *ontem* e *amanhã*, são de igual modo importantes para a construção da cena e sinalizam o ponto de vista, ou ponto de vantagem temporal assumido pelo falante ou pelo ouvinte. Os elementos dêiticos, *aqui* e *lá*, por exemplo, colocam em evidência o valor do ponto de vantagem, do mesmo modo que, em (2), estão colocadas em cena a árvore e a rocha.

(2) The tree is in front of rock.

(A árvore está na frente da rocha)

Neste exemplo, a posição do observador ou seu ponto de vantagem situa-se fora da cena descrita em si, mas, implicitamente, ele evidencia sua posição ou localização a partir da forma como constrói a cena: a posição da árvore em relação à rocha é dada pelo ponto de vantagem do conceptualizador que enuncia (2).

Nos exemplos (1) e (2), a discussão gira em torno da configuração espacial. Outra possibilidade tem a ver com a configuração temporal. Nesse caso, o ponto de

vantagem é assumido por um falante e apresentado linguisticamente em um tempo diferente do real, como ocorre com o presente histórico.

1.2.3. Ancoramento (*grounding*)

O conceito de *ground* trazido por Langacker se refere ao evento de fala em si, considerando seus participantes e suas circunstâncias imediatas (tempo e lugar), as quais estão sujeitas a perfilamento (*profiling*). Em outras palavras, os elementos que se encontram em posição de figura são perfilados no evento comunicativo por conta de estarem ancorados em um escopo imediato, e podem fazer referência ao *ground* ("o aqui e o agora") de forma mais ou menos explícita. Sendo assim, *grounding* pode ser compreendido como o ancoramento (ou ancoragem) dêitico de uma expressão ou relação linguística de acordo com a proposta de Langacker. O autor defende que a construção do(s) sentido(s) se dá não apenas, mas também, pelo fato de que as expressões linguísticas estão atreladas a um "contexto"; logo o *ground* atua diretamente na construção do significado de cada expressão. Assim, no evento comunicativo em si, pressupõe-se que os participantes da interação estejam conscientes (pelo menos vagamente) de seu papel na escolha do *construal* que represente a concepção evocada (LANGACKER, 1988).

1.2.4. A noção de *domínio*

Langacker (1990) propõe também a noção de *domínio* para tratar algumas estruturas de conhecimento básicas armazenadas na memória semântica permanente. Nessa vertente, o autor define "domínio" como sendo "o contexto de categorização da unidade semântica, destacando como domínios mais básicos aqueles que apresentam estreita relação com as experiências corporais: espaço, visão, temperatura, paladar, pressão, dor e calor" (FERRARI, 2016 p.49). A título de exemplo, pode-se analisar o termo "círculo", o qual se refere a uma área desenhada em um espaço bidimensional, sendo esse espaço bidimensional seu domínio, isto é, seu contexto. Por sua vez, o termo "diâmetro" (do círculo) não pode ser definido apenas com base no espaço bidimensional mencionado, pois, como o termo diâmetro faz referência a uma dimensão, o seu domínio é o círculo, sendo assim o conhecimento do que venha a ser um círculo é indispensável para que se compreenda

o que é diâmetro, ou seja, o contexto ou domínio de diâmetro é círculo. Alguns autores relacionam o conceito de domínio à *frame* (FILLMORE, 1982) ou mesmo a Modelo Cognitivo Idealizado (LAKOFF, 1987), mas Langacker (2008) prefere restringir esses dois últimos a domínios não básicos da cognição humana.

A noção de domínio está estritamente ligada à noção de *escopo*. O entendimento do que seja escopo está relacionado àquilo que se pretende atingir, ao alvo, ao intento. Desse modo, escopo pode ser tido em termos de *focalização*, ou seja, ao se produzir uma expressão linguística X, ela traz consigo o que podemos chamar de “cobertura”; ou seja, a expressão X aciona domínios cognitivos, conhecidos, e seleciona quais componentes desses domínios desempenham a função de serem alicerce para a construção do significado. O escopo é a cobertura ou alcance que uma expressão tem naquele domínio (LANGACKER 1987, 1990, 1991, 2008).

Langacker propõe duas espécies de escopo: o escopo máximo e o escopo imediato. O escopo máximo está relacionado à cobertura mais ampla de uma dada expressão linguística em um domínio cognitivo, como ele mesmo exemplificou com o termo *elbow* (“cotovelo”), o qual possui como escopo máximo o corpo humano. Já o escopo imediato está relacionado a uma porção importante e suficiente nesse domínio X para a construção do significado. Langacker exemplifica esses conceitos através do termo *hand* (“mão”), o qual possui o braço como escopo imediato e corpo humano como escopo máximo. Sendo assim, quando mencionamos escopo imediato, estamos também dizendo que uma dada região implica atenção ao que está visível, deixando as demais porções subfocalizadas.

1.2.5. Objetividade e subjetividade

Um outro aspecto inerente à noção de perspectiva e ligado ao ponto de vantagem são as noções de *objetividade* e *subjetividade*, que aqui serão trabalhadas em termos de suas relações com a estrutura linguística, isto é, a forma como o falante ou conceptualizador escolhe perspectivar a cena comunicativa: se por meio de um *construal* mais objetivo ou mais subjetivo.

Langacker (1990) discorre a respeito de haver possibilidades de retratar uma cena e seus participantes. Assim, os *construals* elaborados para tal constituem configurações também diferentes em seus arranjos. O autor defende que os conceptualizadores (falante e ouvinte) nem sempre figuram explicitamente na cena

comunicativa, ou seja, nem sempre são codificados explicitamente por meios das expressões linguísticas, mas a identificação de sua presença ocorre de maneira implícita, podendo ser recuperada contextualmente. A referência à configuração do *ground*, codificado na expressão linguística, sinaliza a perspectiva, o ponto de vantagem e o grau de objetividade e subjetividade com que o evento comunicativo é construído pelo falante ou conceptualizador. Sendo assim, quando o *ground* se encontra externo à codificação do evento comunicativo, isto é, não há uma marcação linguística explícita alusiva a ele, Langacker considera que tal construção possui máxima subjetividade. Na configuração oposta, quando o elemento foco de atenção dos conceptualizadores está explícita e completamente perfilado no *ground*, como o caso dos pronomes de 1ª e de 2ª pessoa, alusivos aos participantes da cena – falante e ouvinte- as construções exibem máxima objetividade. No caso em que o falante ou conceptualizador não é incluído na codificação linguística de forma direta, mas a expressão faz alusão indireta a ele, como no caso de advérbios de lugar (*aqui e lá*) ou advérbios de tempo (*hoje, ontem, etc.*), nesse caso, a construção não é plenamente objetiva nem subjetiva, e o conceptualizador não está totalmente, mas apenas parcialmente, perfilado, ou seja, há uma referência implícita e indireta a ele.

Langacker apresenta os seguintes exemplos acerca de construções objetivas e subjetivas:

(3)

a. Vanessa jumped across the table.

(Vanessa pulou por sobre a mesa)

b. The new highway goes/runs/climbs from the valley floor to the senator's mountain lodge.

(A nova rodovia vai/corre/sobe do pé do vale até a cabana do senador)

No exemplo (a) o conceptualizador observa a cena não sendo sujeito integrante dela, “Vanessa” é o *trajetor*, “the table” é o *landmark*, e o perfilamento do movimento é feito pela preposição *across*, configurando essa cena como maximamente objetiva. No exemplo (b), a rodovia é o *trajetor*, o qual é colocado em cena objetivamente. O conceptualizador realiza um movimento meramente subjetivo (percurso mental), visto que se projeta apenas mentalmente na rodovia e não está percorrendo nenhum espaço. Sendo assim, o conceptualizador está completamente implícito, o que faz da construção maximamente subjetiva. No exemplo (c), abaixo, temos uma alusão

indireta ao conceptualizador, que, por meio do *construal* escolhido, evidencia sua perspectiva sobre a cena descrita:

(c) Vanessa is sitting across the table from Veronica.

(Vanessa está sentada em frente à Verônica)

A construção, dessa forma, não é totalmente objetiva, mas nem totalmente subjetiva, visto que o conceptualizador está parcialmente projetado na representação da cena por meio de seu ponto de vantagem que tem Verônica como ponto de referência.

TRAUGOTT e DASHER (2005), por sua vez, posicionam-se frente aos conceitos de objetividade e subjetividade em termos de gradiência, defendendo, em termos de subjetividade, que há uma codificação linguística explícita (i) da dêixis espacial e/ou temporal, (ii) da atitude epistêmica do falante face à proposição, (iii) da atitude do falante frente à estrutura discursiva (FERRARI, 2016, p. 74). Assim sendo, os autores colocam a subjetividade como codificação de modo explícito da perspectiva do falante/escritor. Os marcadores discursivos e os elementos dêiticos são exemplos de possibilidades de codificação indicadora de subjetividade (TRAUGOTT e DASHER, 2005).

1.3. A noção de intersubjetividade

A intersubjetividade é concebida por Traugott e Dasher (2005) como sendo a expressão linguística explícita, ou, codificação linguística reveladora do foco de atenção do falante/escritor à imagem do ouvinte/leitor por meio de um viés de cunho social epistêmico. Assim, a codificação linguística explícita se dá por (i) dêixis social, (ii) marcadores de atenção do falante ao interlocutor (marcadores de polidez, títulos honoríficos e anguladores discursivos) (FERRARI, 2016, p. 74). Logo, entende-se que os conceitos de objetividade, subjetividade e intersubjetividade estão ligados à díade falante/escritor-ouvinte/leitor no que se refere a propósitos comunicativos.

Embora Langacker (1987, 1990, 1991, 2008) não chegue a tratar da noção de intersubjetividade de forma explícita, seu modelo inclui a relação entre conceptualizadores na medida em que ele reconhece que “uma expressão linguística implica um usuário em potencial, e em qualquer uso real, o falante e o ouvinte provavelmente estarão, pelo menos vagamente, conscientes de seu papel na escolha e na construção da concepção evocada.” (LANGACKER, 2019, p.166)

Verhagen (2005, 2007, 2008), por sua vez, com base nos trabalhos de Langacker (1987, 1990, 1991, 2008) trabalha com as noções de subjetividade, intersubjetividade e objetividade, as quais são também de suma importância para a pesquisa. Na linha dos trabalhos de TOMASELO (1999, 2003), o autor defende que a espécie humana possui a capacidade ímpar de assumir a perspectiva de outros. Ele destaca ainda que a habilidade da espécie humana em se identificar com seus semelhantes é de extrema importância para a vida, a cultura e o desenvolvimento de modo geral. Sendo assim, Verhagen postula que essas capacidades devem estar representadas no modo de codificar e interpretar expressões linguísticas.

A tomada de perspectiva, defendida por Verhagen, é um bom exemplo de que a sintaxe e a semântica podem ser compreendidas por meio de operações cognitivas produzidas por falantes e ouvintes. Ao reconhecer a si próprio e aos demais como agentes intencionais (TOMASELLO, 2003), cujas opiniões e crenças podem diferir das de outrem ou podem, por outro lado, serem endossadas, o falante assume sua subjetividade, em contraposição à objetividade, que se apoia no mundo real, de modo compartilhado e não pessoal. Esse aspecto, nas considerações de Verhagen, é chamado de intersubjetividade: a relação entre dois conceptualizadores que estão cognitivamente coordenados por meio da linguagem.

Assim, nesta pesquisa, argumentamos que, ao conceptualizar uma determinada cena ou evento comunicativo por meio de uma interação fictiva, falante e interlocutor assumem perspectivas que podem, de forma mais ou menos implícita, codificar o ponto de vantagem ou ponto de vista assumido sobre o evento discursivo, buscando promover um alinhamento de pontos de vista. Esses conceitos discutidos aqui serão oportunamente retomados na seção de análise de dados.

1.4. Frames atencionais

Em termos de organização discursiva, os *frames atencionais*, conforme descritos por Langacker (2008) e inicialmente cunhados por Chafe (1994) como “unidades entoacionais”, são semanticamente concebidos como “sucessivas janelas de atenção que formam grupos entoacionais coesos, encadeados por traços prosódicos, carregados de conteúdo conceptual e envolvidos no planejamento e na produção de

discurso.” (LANGACKER, 2008, p. 482, tradução nossa⁴). Embora tais frames tendam a coincidir com orações, Langacker reconhece que a estrutura organizacional da conversa pode escapar aos padrões normalmente atribuídos à escrita. Ele compreende, então, que pode haver agrupamentos de falas que podem se distinguir de outros por meio da percepção de diferença prosódica entre eles.

Iremos argumentar, então, nesta pesquisa, que as diferenças melódicas/prosódicas que se verificam na elaboração de um *construal* de Discurso Direto Fictivo em alguma medida contribuem para a elaboração da coerência discursiva de vozes reportadas e que a Interação Fictiva funciona, então, como uma janela de atenção no fluxo discursivo, com objetivos comunicativos específicos, como veremos adiante.

⁴ Texto original: “Semantically, these frames are plausibly characterized as successive windows of attention, each subsuming a manageable amount of conceptual content—the amount readily invoked at a given moment in the planning and production of the discourse” (LANGACKER, 2008, p. 482).

2. O CONCEITO DE *CONSTRUAL* SOB A PERSPECTIVA DA TEORIA DA FICTIVIDADE

2.1. Fictividade e Interação fictiva

O presente trabalho está também alicerçado na Teoria da Fictividade, abordada por Talmy (1996, 2000), Langacker (1999, 2008) e outros, que em seus desdobramentos conferiram corpo aos estudos sobre Interação Fictiva, contemplada e detalhada por Pascual (2002, 2006, 2014) e por Pascual e Sandler (2016). Diante disso, nesta seção, apontam-se os aspectos mais relevantes das teorias em questão, as quais se fazem indispensáveis para o entendimento do fenômeno aqui examinado.

2.2. Fictividade

No âmbito teórico dos estudos acerca da Fictividade, Talmy (1996, 2000), Langacker (1999, 2008), Pascual (2006, 2014, 2016) e Rocha (2004, 2006, 2012, 2013, 2014, 2018, 2020) trouxeram muitas contribuições para a construção e compreensão do conceito de fictividade.

Talmy (1996) advoga em favor de o ser humano ter a capacidade de elaborar *construals* fictivos acerca de um objeto ou evento, sendo uma dada representação linguística concebida como mais verídica do que outra. Sendo assim, entende que o conceptualizador (LANGACKER, 1987, 1990, 1991, 2008; VERHAGEN, 2005, 2007, 2008; TALMY, 1996, 2000) é hábil para produzir e/ou interpretar sentidos diferentes possíveis para uma construção; nesse caso, expressões que se configuram como mais ou menos verídicas. Tais construções têm entre si uma relação de oposição gradual, ou seja, existe um contínuo entre o que é concebido como plenamente fictivo, em um polo, e o que é concebido como plenamente factivo (real concebido) em outro, porém não se ignora de modo algum que há possibilidades híbridas existentes no intervalo entre os polos.

Talmy (1996) postula que uma língua requisita representações mentais, sendo a fictividade um importante elemento para a cognição humana. Desse modo, entende-se que é o conceptualizador que considera uma representação mais ou menos verídica do que outra, ele concebe a diferença entre fictividade e factividade como se tratando de modos distintos para se representar linguisticamente perspectivas.

Os estudos referentes às instâncias de fictividade na língua vêm ganhando a atenção de pesquisadores em relação a objetos específicos como:

a. Movimento Fictivo (LANGACKER, 1986, 2008; FAUCONNIER, 1994; MATSUMOTO, 1996; TALMY, 2000; DORNELAS, 2014; DORNELAS; ROCHA, 2016).

No trabalho de Dornelas (2004) e de Dornelas e Rocha (2016) são analisadas expressões como “A tatuagem vai de um ombro a outro” e “Essa rodovia vai do Rio a Salvador”, em que descrições de cenas estáticas fazem menção à existência de uma dinâmica via verbo de movimento; o escaneamento mental realizado subjetivamente pelo conceptualizador licencia a ideia de se ter uma trajetória; logo a representação de movimento é entendida como menos verídica.

b. Mudança Fictiva (MATSUMOTO, 1996; LANGACKER, 1999; ROCHA; PAULA; ANDRADE, 2016).

No trabalho de Rocha, Andrade e Paula (2016) foram analisadas expressões como “O quarto ficou muito maior depois que retiraram os móveis”. Tal construção revela a percepção do conceptualizador frente a uma mudança factual, mas a alteração na dimensão não é real. Ela é percebida apenas no plano subjetivo, sendo a representação de mudança entendida como menos verídica.

c. Autocitação Fictiva (ROCHA, 2006, 2011, 2013); Interação Fictiva (PASCUAL, 2002, 2006, 2014; PASCUAL; SANDLER, 2016; DORNELAS; PASCUAL, 2016; ROCHA; ARANTES, 2016).

No trabalho de Rocha (2006, 2011, 2013) foram analisadas expressões como “Eu disse: “Ai, meu Deus, o que é que eu vou fazer? E agora?”. Em contextos como esse identificou o uso dos verbos *dicendi*, “dizer” e “falar”, com o sentido de “pensar”. Sendo assim, verificou-se que o falante não expressou factivamente o enunciado, mas apenas pensou. Tais usos são licenciados pela metonímia FALAR POR PENSAR e pela metáfora PENSAMENTO É FALA, sendo a Autocitação Fictiva o recurso da fictividade mental integrado à cena psicologicamente real de pensamento, via cenário não verídico de reportagem discursiva.

A Teoria da Fictividade, desdobrada, resulta nos princípios que regem a Interação Fictiva, a qual se situa no centro do nosso trabalho, pois postula que a IF é

um tipo de manifestação de fictividade, que engloba a estrutura conceptual de comunicação na sua constituição. Em outras palavras, ela se vale do *Frame* de Conversa para estruturar o pensamento, o discurso e a gramática (PASCUAL, 2014, 2016).

A noção de *frame* se faz necessária para a compreensão acerca de como se estrutura e opera o *Frame* de Conversa, que é indispensável para nossas análises. Em um primeiro momento, vale lembrar que a Semântica de *Frames* é uma abordagem desenvolvida por Fillmore (1982, 1985, 1993), responsável por tratar de itens lexicais e estruturas gramaticais. O termo *frame* está ligado à ideia de estrutura de conhecimento armazenado na memória, organizado e esquematizado a partir de experiências humanas e culturais. Segundo essa abordagem, para interpretar uma dada palavra, acessamos as estruturas de conhecimento as quais relacionam elementos presentes nos registros de experiências humanas e culturais (FERRARI, 2016, p.50). Fillmore (1982, 1985, 1993), exemplifica defendendo que, para interpretar as palavras como “vender”, “pagar”, “comprar” e “gastar”, lançamos mão do *Frame* Evento Comercial já armazenado em nossa memória, o qual está relacionado a uma maneira de organização social humana. Assim sendo, para compreender tais expressões, é necessário ligá-las a um evento da experiência humana, criado e compartilhado socialmente, que é o evento de transação comercial, ou seja, o *Frame* Evento Comercial. Essa noção norteia o uso do *Frame* de Conversa usado em nossas análises, pois ele contém informações compartilhadas pelos falantes do que é uma conversa, de como ocorre a organização do ato de se conversar, contemplando aspectos como participantes, turnos de fala, pergunta, resposta, comentários, assunto, dentre outros.

2.3. Interação Fictiva

Do ponto de vista pragmático, a interação humana acontece frequentemente por meio de conversas em que duas ou mais pessoas se engajam na atividade comunicativa, estabelecendo trocas de turnos em um encadeamento sequencial de enunciados, com padrões que envolvem, por exemplo, perguntas, respostas e comentários. Do ponto de vista cognitivo, o conhecimento acerca de como se constitui essa forma de interação se consolida no plano mental de modo a estabelecer o que se entende como *Frame* de Conversa (PASCUAL, 2014, 2016), uma estrutura de

conhecimento acerca do que é e como conversar. Portanto, *Frame* de Conversa é, em certa medida, diferente de conversa. Não é a conversa propriamente dita; é sobre a conversa. É de natureza cognitiva, sendo evocado quando pistas linguísticas acionam diretamente o nosso conhecimento sobre conversa. Quando se diz, por exemplo, “eu falei”, factiva (“eu proferi”) ou fictivamente (“eu pensei”), dispara-se o conhecimento que temos sobre conversa.

O *Frame* de Conversa está relacionado à noção de domínio (LANGACKER, 1987, 1990, 1991, 2008), por ter como substrato a experiência da prática da conversa, que é aspecto elementar para a sobrevivência social humana. Por meio desse substrato, moldamos a nossa concepção de mundo físico e social, assim como a estruturação do pensamento. Consequentemente, é plausível o uso desse recurso para a organização do discurso e seus efeitos comunicativos, tanto quanto sua intencionalidade.

Pascual (2002, 2006, 2014) basicamente define Interação Fictiva (IF) como o uso do *Frame* de Conversa para estruturar cognição, discurso e gramática. De modo complementar: “A interação fictiva envolve a apresentação do que parece ser (parte de) uma conversação, com o propósito de introduzir, definir ou referir o que não é habitualmente uma conversação” (PASCUAL, 2016, p. 4, tradução nossa⁵).

De modo mais específico, a Interação Fictiva é uma interação não genuína, não factiva. Trata-se de um tipo de simulação de uma interação possível de existir no mundo real, que para a sua constituição, considera as capacidades cognitivas do enunciador real, o qual cria um interlocutor não verídico (fictivo), em projeção. O enunciador real transpõe tais capacidades para o enunciador não genuíno, projetando-as e tomando por base suas experiências sociais, comunicativas e culturais. Em outras palavras, a Interação Fictiva constitui-se por meio do *Frame* de Conversa, podendo ocorrer em sua totalidade ou parcialidade e convocando para interação corrente um participante genérico (ou mais), não materialmente presente no momento. Os enunciadores de tal evento fazem parte da representação de mundo construída no momento da interação, e não do mundo em si. O acontecimento e seus envolvidos são virtuais, ou seja, instâncias representativas (LANGACKER, 1987).

Para produzir ou interpretar uma IF, o interlocutor lança mão de aspectos prototípicos do *Frame* de Conversa, com o objetivo de estruturar cognição, discurso e

⁵ Texto original: Thus, in essence, fictive interaction involves presenting what seems to be (part of) a conversation, in order to introduce, define, or refer to what is usually not a conversation” (PASCUAL, 2016, p.4)

gramática como conversa, tais como troca de turnos de falas, afirmações, perguntas, pedidos, comandos, cumprimentos etc. Esses elementos compartilhados em eventos de interação fictiva representam processos miméticos realizados a fim de assemelhar, ao máximo, à interação genuína. A fictividade se manifesta, então, por meio da codificação linguística expressa no enunciado, as quais são indiretamente vinculadas a seus referentes pretendidos, pois esses referentes estão instanciados em cenários concebidos como não verídicos. Esses cenários são apresentados pelos falantes com o objetivo de se acessar e obter acesso mental aos cenários efetivos (PASCUAL, 2014).

A fictividade, neste trabalho, está relacionada a construções linguísticas menos verídicas, instanciadoras de um subsistema fictivo de representações discursivas, as quais são eventualmente realizadas pelo falante, a contar com sua expertise em saber conversar. Assim, com o apoio do *Frame* de Conversa, elas fazem uso do molde canônico de discurso reportado, não necessariamente com o objetivo de reportar discurso proferido, mas, argumentamos, para alinhar pensamentos, convencer e argumentar, forjando conversas não genuínas. Por serem assim altamente miméticas à conversa factiva, facilitam o acesso cognitivo dos interlocutores a contextos comunicativos específicos, construindo cenários plausíveis, e férteis para a argumentação. De fato, formam um recurso prolífico no que tange à criação de domínios conceptuais, atravessados pelo *Frame* de Conversa, que já é entrincheirado no plano cognitivo, para aquele que pretende convencer ou mesmo se convencer de algo, buscando proporcionar alinhamento de perspectivas ou pontos de vista entre interlocutores, fictivos ou não.

Desta forma, em nosso estudo, como será apresentado a seguir, postulamos, como hipótese-guia, que a Interação Fictiva, em sua modalidade específica, denominada Discurso Direto Fictivo (DDF) constitui-se em uma estratégia intersubjetiva e argumentativa de perspectivação conceptual (*construal*) (LANGACKER, 1987, 1990, 1991, 2008; VERHAGEN, 2005, 2007, 2008; TALMY, 1996, 2000), por meio da qual se assume uma determinada perspectiva ou ponto de vantagem, convidando o interlocutor a se alinhar com esse ponto de vista ou perspectiva. Essa postulação se sustenta em investigação promovida em dados reais de fala, conforme apresentados a seguir, os quais induziram nossos achados.

3. METODOLOGIA EMPREGADA

Os estudos acerca das manifestações do fenômeno da fictividade, *a priori*, foram constituídos com base em sofisticadas especulações científicas de linguistas renomados, como Talmy (2000) e Langacker (1999, 2008), por exemplo. No entanto, a teorização certamente direciona os estudos para uma dimensão abstrata de reflexão, no que se refere ao tratamento analítico do fenômeno. Trabalhos dessa forma orientados são construídos a partir de ilustrações imagísticas e linguísticas, apresentadas para exemplificar conceitos previamente estabelecidos. Pascual (2002, 2006, 2014), por sua vez, deu um passo a mais nesse sentido, ao tratar de Interação Fictiva, com base em dados reais de fala em situações comunicativas formais e informais, contribuindo diretamente para a investigação da relação entre os conceitos existentes sobre o fenômeno e as ações comunicativas dos falantes em contextos de interação real.

Para um tratamento atento das ocorrências de IF, optou-se por se dedicar, neste trabalho, ao desenvolvimento de uma pesquisa que, sobretudo, mostra-se plenamente atrelada ao caráter empírico e cuja intenção é investigar categorias teóricas em dados reais de fala espontânea, em dimensões informais e cotidianas. Para isso, contamos com dois *corpora* de fala espontânea distintos, o primeiro corpus foi gerado e transcrito pelo próprio pesquisador, o segundo é o corpus C-ORAL BRASIL (RASO; MELLO, 2012), somado à escolha de nos alinharmos a aspectos teóricos emergentes da corrente de estudos cognitivo-social, nomeadamente a Linguística Cognitiva, defensora de que: “Entender o significado como conceptualização e reconhecer a importância dos aspectos sociais da cognição e da linguagem implicam uma metodologia empírica de observação do uso dos dados, e o modo mais natural de os encontrar é em *corpora* textuais representativos” (SILVA, 2006, p. 32).

3.1. Objetivos

O objetivo desse trabalho é mapear as ocorrências do fenômeno de Interação Fictiva em dados de fala espontânea e analisá-las quanto aos seus efeitos comunicativos estratégicos, buscando identificar padrões específicos e potenciais de perspectivação conceptual (*construal*) em IF de discurso direto.

3.2. Hipótese

Argumentamos que o Discurso Direto Fictivo (DDF) é uma estratégia argumentativa que se apoia em um *construal* (LANGACKER, 1987, 1990, 1991, 2008; VERHAGEN, 2005, 2007, 2008) (inter)subjetivo por meio de tomada de perspectiva, de forma a desempenhar atos de fala específicos de argumentação na interação comunicativa factiva. Considerando que, se encontramos a manifestação do fenômeno no cotidiano em placas, anúncios, rótulos, romances, dentre outros, conforme apresentado por Pascual (2014, 2016), acreditamos que seja plausível sua ocorrência e eficácia no cotidiano das interações conversacionais informais. Sendo assim, optou-se por investigar (i) como ela ocorre e (ii) qual a potencial intenção do falante quando faz uso desse recurso.

3.3. Os dois *corpora*

3.3.1. A coleta de dados do corpus gerado

A coleta de dados inicia-se com a produção de um *corpus* (banco de dados linguísticos) no ano de 2018. Um celular da marca Motorola, modelo Moto X, foi escolhido para fazer as gravações por ser um dispositivo de fácil acesso e manuseio, que proporcionou boa qualidade de áudio e atendeu perfeitamente ao propósito e necessidade do trabalho. O *corpus* gerado é por completo de fala espontânea do português brasileiro, de diatopia mineira, proveniente especificamente da cidade de Juiz de Fora (MG), região da Zona da Mata. As gravações foram realizadas em um salão de beleza, localizado em um bairro central da cidade, e envolvem uma conversa informal entre a profissional cabeleireira Andréia (nome fictício) e a cliente Deise (nome fictício), em dado momento sobre Pedro (nome fictício do marido de Deise). O local do estabelecimento, por sua vez é passagem para outros bairros, tem forte comércio, além de um número significativo de estabelecimentos voltados à prestação de serviços, aspectos esses que garantem um fluxo intenso de pessoas com cultura, grau de escolaridade, idade e profissão bem variadas.

Importa-nos ressaltar o aspecto da espontaneidade, visto que é um aspecto considerável para a eficácia de nossas análises, pois permite uma observação que contemple também o plano pragmático.

3.3.2. O corpus gerado

O *corpus* gerado, como um todo, é composto por três horas de gravação e envolve três participantes, porém optamos por trazer para o presente trabalho um recorte de trinta e cinco minutos, extraídos da conversa gravada durante o atendimento à cliente Deise, realizado pela profissional Andréia, na execução de um procedimento capilar. A porção de conversa a ser analisada neste trabalho foi segmentada em quatorze seções temáticas, baseadas em tópicos discursivos (BROWN; YULE, 1983: "aquilo acerca do que se está falando"), ou seja, o assunto tratado na conversa foi norteador da segmentação e, por consequência, utilizado para nomear cada tópico. Sendo assim, o trecho da conversa cujo teor foi a negociação acerca do procedimento capilar, por exemplo, intitulou-se o tópico "Negociação acerca do procedimento capilar", que aparece como o primeiro.

A fim de atender de maneira mais direta às necessidades da pesquisa em questão, a transcrição foi feita de maneira simplificada, contendo apenas a sinalização pertinente ao trabalho, a qual foi embasada no modelo Jeferson, descrito no capítulo 6 do livro "Fala-Em-Interação Social: Introdução a Análise da Conversa Etnometodológica" (LODER e JUNG, 2008). As convenções que se fizeram relevantes para alcançarmos os resultados pretendidos com a pesquisa são listadas a seguir:

Quadro 1: Convenções de transcrição usadas (Modelo Jeferson, 2008)

Símbolo	Descrição
?	Pergunta
Pala-	Corte abrupto
Pa::lavra	Prolongamento do som
=	Elocução contínua, sem intervalo
[]	Início e término de falas sobrepostas
(risos)	Risos

Fonte: elaborado pela pesquisadora (2019)

3.4. O C-ORAL BRASIL I

De variada diafasia, O C-ORAL-BRASIL I (RASO; MELLO, 2012) é um *corpus* informal de fala espontânea do português brasileiro, sobretudo da região metropolitana de Belo Horizonte (MG), resultado do trabalho realizado pelo Laboratório de Estudos Empíricos e Experimentais da Linguagem, UFMG (LEEL). No total, o corpus é composto por 208.130 palavras, distribuídas em 139 textos de aproximadamente 1.500 palavras cada um, em média. Os autores atribuem o aspecto de espontaneidade ao fato de os participantes elaborarem suas falas simultaneamente a sua realização que ocorre de modo natural e não subordinadas a temas pré-estabelecidos (RASO, 2012, p. 14). No C-ORAL BRASIL, estão disponíveis as (i) gravações em áudio das conversas, todas separadas por categorias como: privado, público, diálogo, monólogo, conversação; (ii) os metadados contêm informações como: número de participantes, título, idade, contexto, local, data, etc; (iii) transcrições correspondentes às gravações.

No sentido de se preservar ainda mais o caráter empírico, buscando-se novas evidências externa acerca da pervasividade do fenômeno tratado neste trabalho, optou-se também por lançar mão do C-ORAL BRASIL I devido à riqueza de informações nele contidas. O comprometimento do trabalho realizado pelo LEEL se tornou evidente à medida que nos debruçamos sobre o *corpus*, pois identificamos os esforços por se contemplar com zelo a complexidade da fala espontânea cotidiana. Assim, o C-ORAL BRASIL ocupou *status* de referência, sendo de grande ajuda, quando se escolheu gerar dados para ampliar as investigações propostas neste trabalho.

Além dessas preocupações de cunho geral, tivemos o cuidado de selecionar, dentre os diversos arquivos de fala espontânea do C-ORAL-BRASIL I, um que está pareado plenamente com a esfera comunicativa concernente ao *corpus* que foi coletado por esta pesquisadora em Salão de Beleza na cidade de Juiz de Fora (MG). Trata-se do arquivo bfamdl22 (b: Brasil; fam: familiar; dl: diálogo; nº de registro), do C-ORAL BRASIL I, que apresenta os seguintes metadados de relevo: (i) Título: No cabeleireiro; (ii) Participantes principais: JAN, Janayna (mulher, graduada, cliente, paulistana, vive em Belo Horizonte/MG); JRM, Jaqueline (mulher, cabeleireira, Belo Horizonte/MG); (iii) Data da gravação: 25/09/2008; (iv) Lugar: Belo Horizonte/MG; (v) Situação: cabeleireira e cliente conversam enquanto a primeira está cuidando do cabelo da segunda; (vi) Tópico: vida particular de JRM e cabelo; (vii) Classe: informal, privado e diálogo; (viii) Extensão: 14' 01"; (ix) Número de palavras: 1665.

3.5. Procedimentos de análise: Abordagem *corpus-based* e *corpus-driven*

Para melhor desenvolver os aspectos metodológicos do trabalho, optou-se por atribuir ao *corpus* status de protagonista das análises. Sendo assim, nos colocamos sensíveis e flexíveis aos dados, não fazendo deles simples ilustrações linguísticas de teorias já formuladas. Optou-se por permitir que emergjam dos próprios dados hipóteses acerca de fenômenos linguísticos contemplados (MCENERY; HARDIE, 2012).

McEnery e Hardie (2012) apresentam duas possibilidades metodológicas de análise para corpus: a primeira baseada em *corpus* (*corpus-based*) e a segunda movida a *corpus* (*corpus-driven*). Inicialmente a concepção de *corpus-based* serviu de *input* para a observação e estudo do *corpus*. Nessa vertente, Tognini-Bonelli (2001) intitula *corpus-como-método* o ato de se fazer uso dos dados com o intuito de legitimar, contestar ou apurar a exploração de uma teoria ou hipótese. Sendo assim, a teoria é o ponto de partida, e o *corpus* é utilizado para “explicar, testar ou exemplificar teorias e descrições que foram formuladas antes que grandes corpora se tornassem disponíveis para o estudo linguístico” (TOGNINI-BONELLI, 2001, p.65, tradução nossa⁶).

Na abordagem *corpus-driven*, a proposta é que o pesquisador seja conduzido pelos dados, sendo essa proposta exatamente o oposto da anterior na qual o norteador da análise é a teoria. Nessa perspectiva, o *corpus* assume *status* de protagonista e os autores McEnery e Hardie (2012) intitulam *corpus-como-teoria* o ato de o próprio *corpus* ser o provedor de hipóteses e teorias acerca da linguagem. Tognini-Bonelli (2001) discorre ainda sobre a importância de o linguista se comprometer com o *corpus* de maneira plena, a fim de que a teorização linguística emergja dele. A autora menciona também a não autonomia da teoria, em outras palavras, a teoria não é livre de evidência, “a observação leva a hipóteses, a qual leva à generalização que leva à unificação da afirmação teórica” (TOGNINI-BONELLI, 2001, p.85, tradução nossa⁷).

⁶ Texto original: “to expound, test or exemplify theories and descriptions that were formulated before large corpora became available to inform language study” (TOGNINI-BONELLI, 2001, p.65)

⁷ Texto original: observation leads to hypothesis leads to generalization leads to unification in theoretical statement. (TOGNINI-BONELLI, 2001, p.85)

Em consequência do exposto, optou-se por trabalhar com uma metodologia que contemple a abordagem *corpus-based* e a abordagem *corpus-driven* para que a investigação tenha por característica preponderante o empirismo, sem negligenciar teorias já existentes. Tal combinação possibilita um mapeamento do fenômeno linguístico já postulado na literatura, assim como, também, a percepção de ocorrências de fenômenos linguísticos ainda não postulados, mas que se revelam significativos para a hipótese primária da pesquisa.

4. ANÁLISE DE DADOS

Esta análise se dedica à discussão em torno dos achados relativos a um certo tipo específico de Interação Fictiva, estudado por Rocha (2004, 2006, 2012, 2013, 2014, 2018, 2020), os quais são depreendidos de um inédito banco de dados extraído de conversas de salão de cabeleireiro. Com o propósito de se aprofundarem os referidos estudos já realizados em Português Brasileiro, fazendo-os avançar em perspectivas um pouco diferentes das que vêm sendo tratadas, elegeu-se como categoria teórica guia a noção de *construal* (ou perspectivação conceptual) (LANGACKER, 1987, 1991, 2008; TALMY, 1988, 2000; e VERHAGEN 2005, 2007, 2008) para tratarmos mais detidamente a questão da (inter)subjetividade (LANGACKER, 1987, 1990, 1991, 2008; VERHAGEN, 2005, 2008, 2013; TRAUGOTT; DASHER, 2005) e da tomada de perspectiva inerentes ao fenômeno.

O tipo específico de Interação Fictiva em foco nesta seção envolve um *construal* fictivo emparelhado ao molde de discurso diretamente reportado, tradicionalmente composto por verbo *dicendi* mais cláusula encaixada. Portanto, quando se menciona a expressão Interação Fictiva (IF) nesta análise, refere-se a casos de Discurso Direto Fictivo (DDF). Todas as ocorrências a serem analisadas qualitativamente na sequência sinalizam leituras fictivas da fórmula *dicendi*, como pensamento em voz alta, e não necessariamente a reportação de fala factualmente proferida. Trata-se de um uso do *Frame de Conversa* para estruturar algo que não é uma conversa ocorrida, mas algo que potencialmente poderia ter ocorrido no passado ou que poderá ocorrer no futuro.

De posse do áudio da conversa entre Andréia e Deise, que compreende nosso *corpus* de estudo (Corpus 1 - Salão de Cabeleireiro – Juiz de Fora (MG)), bem como de sua transcrição, realizou-se, primeiramente, um estudo minucioso que possibilitou o mapeamento sequencial de ocorrências de contrapartes fictivas de discurso reportado, no decorrer da interação face-a-face do banco de dados. Por isso, a organização da análise se dá segundo o fluxo discursivo cronológico e, à medida que o procedimento analítico foi avançando, identificaram-se diferentes modos de organização discursiva que põem em relevo o fenômeno linguístico da IF; no caso, especificamente, o Discurso Direto Fictivo. A análise do corpus real de fala possibilitou o mapeamento de ocorrências de IF as quais puderam ser classificadas em padrões sintático-semânticos distintos, que têm em comum uma característica discursivo-

pragmática que é a tomada de perspectiva (LANGACKER, 1987, 1990, 1991, 2008; VERHAGEN, 2005, 2007, 2008).

Com relação ao segundo *corpus*, o *corpus* de referência C-ORAL BRASIL (RASO; MELLO, 2012) (Corpus 2), buscou-se, ao mesmo tempo, corroborar as características do *corpus* de estudo quanto à temática das interações (conflitos em relações familiares) e ambientação das conversas (salões de beleza) a fim de ampliar, conforme já exposto, as investigações propostas nesta pesquisa.

4.1. Quadro analítico-resumitivo de ocorrências rastreadas de Discurso Direto Fictivo (DDF)

O quadro abaixo resume e traz apontamentos analíticos acerca de todas as ocorrências de DDF rastreadas tanto no *corpus* de estudo, o Salão de Cabeleireiro – Juiz de Fora (MG), quanto no *corpus* de referência, o C-ORAL-BRASIL I (RASO e MELO, 2012). É uma forma de antecipação do que será textualmente discutido e analisado logo em seguida:

Quadro 2: Ocorrências rastreadas de Discurso Direto Fictivo (DDF)

DDF 1	
Corpus	Salão de Cabeleireiro – Juiz de Fora (MG)
Tópico discursivo	Negociação acerca do procedimento capilar
Nº das linhas dos enuncia dos no corpus	17,18 e 19
Ocorrência de DDF (em negrito)	Andreia (17): Isso é aos poucos mesmo, se não assusta Deise (18): é, mas ficou ótimo, <u>todo mundo</u> , nossa mas ficou ma::ra Andreia (19): ah é, porque era pr:etinho né ?
Introdutor de DDF e DDF (Frame Atencional)	INT DDF: “todo mundo” DDF: “ nossa mas ficou ma::ra ”
Padrão sintático / semântico	[SN ØVDic [S]]
Perspectiva assumida pelo conceptualizador primário do conceptualizador invocado	≠ Por Deise (conceptualizador primário), do conceptualizador invocado[1] “Todo mundo”
Ground (ancoragem)	Parcialmente especificado (retrospecção)
Dêixis	Introdutor de DDF: Ø DDF: dêixis temporal (passado – “ficou”)
DDF 2	
Corpus	Salão de Cabeleireiro – Juiz de Fora (MG)
Tópico discursivo	Defeito do ônibus

Nº das linhas dos enuncia dos no corpus	34, 35,36 e 37
Ocorrência de DDF (em negrito)	<p>Andreia (34): No::sso Deus Andreia (35):é, i eu falei,i:::, não adianta não, = banqueei a esperta [entrei e sentei, que eu tava em pé.]</p> <p>Deise (36): [risos] Andreia (37): [fiquei esperta entrei e sentei], vá tomar banho, vê se eu vou perder tempo de murmurar, quanto mais murmura menos né, mais demora. mas o povo já fica atrasado, [i:: nem esquento .]</p>
<u>Introdutor de DDF</u> e DDF (Frame Atencional)	<p><u>INT DDF</u>: “eu falei”</p> <p>DDF: “i:::, não adianta não (...) vá tomar banho, vê se eu vou perder tempo de murmurar, quanto mais murmura menos né, mais demora.”</p>
Padrão sintático / semântico	[SN VDic [S]]
Perspectiva assumida pelo conceptualizador primário do conceptualizador invocado	= Por Andreia (conceptualizador primário), do conceptualizador invocado (“eu” – Andreia)
Ground (ancoragem)	Parcialmente especificado (retrospecção)
Dêixis	<p><u>Introdutor de DDF</u>:</p> <p>Dêixis de pessoa (1ª pessoa do singular, “eu”, Andreia);</p> <p>Dêixis temporal_(passado – “falei”);</p> <p>DDF: Dêixis temporal (presente – “adianta”, “vê”, “murmura”, “demora” - e perífrase verbal de futuro – “vou perder”);</p> <p>Dêixis de pessoa (1ª pessoa do singular, “eu”, Andreia)</p>
DDF 3	
Corpus	Salão de Cabeleireiro – Juiz de Fora (MG)
Tópico discursivo	Resultado da escova progressiva
Nº das linhas dos enuncia dos no corpus	59, 60 ,61 e 62
Ocorrência de DDF (em negrito)	<p>Andreia (59): cê gostou? Deise (60):meu Deus = [<u>falei assim</u>] Andreia (61):[se vê que hidrata né]</p> <p>Deise (62): = que progressiva é essa</p>
<u>Introdutor de DDF</u> e DDF (Frame Atencional)	<p><u>INT DDF</u>: “falei assim”</p> <p>DDF: “que progressiva é essa”</p>
Padrão sintático / semântico	[Ø VDic SAdv [S]]
Perspectiva assumida pelo conceptualizador primário do conceptualizador invocado	= Por Deise (conceptualizador primário), do conceptualizador invocado (“falei” – Deise)
Ground (ancoragem)	Parcialmente especificado (retrospecção)
Dêixis	<p><u>Introdutor de DDF</u>:</p> <p>Dêixis de pessoa (1ª pessoa do singular, por desinência verbal, “falei”, Deise);</p>

	Dêixis temporal_(passado – “falei”); Dêixis discursiva (“assim”); DDF: Dêixis temporal_(presente – “é”); Dêixis espacial (“essa” – progressiva)
DDF 4	
Corpus	Salão de Cabeleireiro – Juiz de Fora (MG)
Tópico discursivo	Resultado da Escova progressiva
Nº das linhas dos enuncia dos no corpus	78,79 e 80
Ocorrência de DDF (em negrito)	Andreia (78): não perdeu o brilho né Deise (79): não não perdeu Deise (80): aquilo que cê falou né, que ia ficar, que ia perder, daí <u>eu falei assim</u> , gente o que foi que foi que aconteceu, eu acho que essa progressiva é maravilhosa
Introdutor de DDF e DDF (Frame Atencional)	<u>INT DDF</u> : “eu falei assim” DDF: “gente o que foi que foi que aconteceu, eu acho que essa progressiva é maravilhosa”
Padrão sintático / semântico	[SN VDic SAdv [S]]
Perspectiva assumida pelo conceptualizador primário do conceptualizador invocado	= Por Deise (conceptualizador primário), do conceptualizador invocado (“eu” – Deise)
Ground (ancoragem)	Parcialmente especificado (retrospecção)
Dêixis	<u>Introdutor de DDF</u> : Dêixis de pessoa (1ª pessoa do singular, “eu” - Deise); Dêixis temporal_(passado – “falei”); Dêixis discursiva (“assim”); DDF : Dêixis temporal_(passado – “foi”, “aconteceu”); Dêixis temporal_(presente- “acho” e “é”); Dêixis de pessoa (1ª pessoa do singular); Dêixis espacial (“essa” - progressiva);
DDF 5	
Corpus	Salão de Cabelereiro – Juiz de Fora (MG)
Tópico discursivo	Viajem para os EUA
Nº das linhas dos enuncia dos no corpus	145, 146
Ocorrência de DDF (em negrito)	Deise (145): aí seis horas da manhã, oito horas eu levanto saio e ele levanta meio-dia trabalha e chega no outro dia seis horas da manhã Deise (146): aí essa noite eu dormi na minha mãe, <u>falei assim</u> ficar sozinha? É ruim hein
Introdutor de DDF e DDF (Frame Atencional)	<u>INT DDF</u> : “falei assim” DDF: “ficar sozinha? É ruim hein”
Padrão sintático / semântico	[Ø VDic SAdv [S]]
Perspectiva assumida pelo conceptualizador primário do conceptualizador invocado	= Por Deise (conceptualizador primário), do conceptualizador invocado (“falei” – Deise)
Ground (ancoragem)	Parcialmente especificado (retrospecção)
Dêixis	<u>Introdutor de DDF</u> :

	<p>Dêixis de pessoa (1ª pessoa do singular, por desinência verbal, “falei” - Deise); Dêixis temporal_(passado – “falei”); Dêixis discursiva (“assim”);</p> <p>DDF: Dêixis temporal_(infinitivo- “ficar”- e presente – “é”)</p>
DDF 6	
Corpus	Salão de Cabeleleiro – Juiz de Fora (MG)
Tópico discursivo	Tópico 05: crise de endometriose
Nº das linhas dos enunciados no corpus	156,157 e 158
Ocorrência de DDF (em negrito)	<p>Deise (156): no::ssa a gente tava andando, a gente foi na leitura comprar um livro e Depois a gente ia lá no Evanhoé, ai ela vão passar lá que eu quero levar uma rosca pra gente tomar café, que não sei o que, na hora que a gente tava chegando na padaria ela despencou</p> <p>Andreia (157): ela deu a crise</p> <p>Deise (158): a gritar, eu falei gente vamos pro hospital</p>
Introdutor de DDF e DDF (Frame Atencional)	<p><u>INT DDF:</u> “eu falei”</p> <p>DDF: “gente vamos pro hospital”</p>
Padrão sintático / semântico	[SN VDic [S]]
Perspectiva assumida pelo conceptualizador primário do conceptualizador invocado	= Por Deise (conceptualizador primário), do conceptualizador invocado (“eu” – Deise)
Ground (ancoragem)	Parcialmente especificado (retrospecção)
Dêixis	<p><u>Introdutor de DDF:</u> Dêixis de pessoa (1ª pessoa do singular, “eu” - Deise); Dêixis temporal_(passado – “falei”);</p> <p>DDF: Dêixis de pessoa (1ª pessoa do plural, por desinência verbal, “(nós) vamos” – Deise e mãe); Dêixis temporal_(presente – “vamos”);</p>
DDF 7	
Corpus	Salão de Cabeleleiro – Juiz de Fora (MG)
Tópico discursivo	Crise de endometriose
Nº das linhas dos enunciados no corpus	169
Ocorrência de DDF (em negrito)	Andreia (169): <u>pensei comigo, como?</u>
Introdutor de DDF e DDF (Frame Atencional)	<p><u>INT DDF:</u> “pensei comigo”</p> <p>DDF: “como?”</p>
Padrão sintático / semântico	[Ø VCog SPrep [S]]
Perspectiva assumida pelo conceptualizador primário do conceptualizador invocado	= Por Andreia (conceptualizador primário), do conceptualizador invocado (“pensei” – Andreia)
Ground (ancoragem)	Parcialmente especificado (retrospecção)
Dêixis	<u>Introdutor de DDF:</u>

	Dêixis de pessoa (1ª pessoa do singular, por desinência verbal, “pensei” – Andreia; e pronome “comigo”, Andreia) Dêixis temporal_(passado – “pensei”) DDF: ∅
DDF 8	
Corpus	Salão de Cabeleireiro – Juiz de Fora (MG)
Tópico discursivo	Saída noturna
Nº das linhas dos enuncia dos no corpus	414, 415
Ocorrência de DDF (em negrito)	Deise (414): Mas era muito bom, num tinha que dar satisfação, aia e voltava a hora que eu quisesse, só ligava pra minha mãe avisava onde que eu tava Deise (415): Aí eu saí de novo e falei gente o que que que eu fui fazê
Introdutor de DDF e DDF (Frame Atencional)	<u>INT DDF</u> : “falei” DDF: “gente o que que que eu fui fazê”
Padrão sintático / semântico	[∅ VDic [S]]
Perspectiva assumida pelo conceptualizador primário do conceptualizador invocado	= Por Deise (conceptualizador primário), do conceptualizador invocado (“falei” – Deise)
Ground (ancoragem)	Parcialmente especificado (retrospecção)
Dêixis	<u>Introdutor de DDF</u> : Dêixis de pessoa (1ª pessoa do singular, por desinência verbal, “falei”, Deise); Dêixis temporal_(passado – “falei”) DDF : Dêixis de pessoa (1ª pessoa do singular, “eu” - Deise); Dêixis temporal (passado – “fui”)
DDF 9	
Corpus	Salão de Cabeleireiro – Juiz de Fora (MG)
Tópico discursivo	Filha da Lilyan
Nº das linhas dos enuncia dos no corpus	428,429 e 430
Ocorrência de DDF (em negrito)	Deise (428): [Meu::] De::us do céu é a mi:ni:atura Andreia (429): É um absurdo Deise (430): Eu falei ge:nte como pode ser tão igual (.hh)
Introdutor de DDF e DDF (Frame Atencional)	<u>INT DDF</u> : “eu falei” DDF: “ge:nte como pode ser tão igual”
Padrão sintático / semântico	[SN VDic [S]]
Perspectiva assumida pelo conceptualizador primário do conceptualizador invocado	= Por Deise (conceptualizador primário), do conceptualizador invocado (“eu” – Deise)
Ground (ancoragem)	Parcialmente especificado (retrospecção)
Dêixis	<u>Introdutor de DDF</u> : Dêixis de pessoa (1ª pessoa do singular, “eu”, Deise); Dêixis temporal_(passado – “falei”);

	DDF: Dêixis temporal (presente – “pode”)
DDF 10	
Corpus	Salão de Cabeleireiro – Juiz de Fora (MG)
Tópico discursivo	Conflitos no matrimônio
Nº das linhas dos enuncia dos no corpus	546, 547, 548, 549 , 550, 551, 552,553, 554, 555, 556, 557 , 558, 559, 560
Ocorrência de DDF (em negrito)	<p>Andreia (546): Seu pai e sua mãe ue ah:que que ele tem que falar do seu pai e da sua mãe ele tem que lavar a boca pra falar do pai da sua mãe</p> <p>Andreia (547): Mas você tem que cortar ele Deise</p> <p>Deise (548):Não Aí eu falo mesmo</p> <p>Andreia (549):<u>Cê fala com ele</u> olha eu vou te falar uma coisa eu não fico falando do seu pai e nem da sua mãe</p> <p>Deise(550):Não eu (.hh) mas eu fico</p> <p>Andreia(551):Então cê para</p> <p>Deise(552):Parei já parei</p> <p>Andreia(553):Cê para</p> <p>Deise(554):Já parei tem um mês</p> <p>Andreia (555): Cada um com o seu</p> <p>Andreia (556): cada um com suas coisas</p> <p>Andreia (557): Você para de criticar meu pai e minha mãe por que eles não te devem nada</p> <p>Deise (558): Não, não mesmo</p> <p>Andreia (559): Entendeu</p> <p>Deise (560): Quem deve é você</p>
Introdutor de DDF e DDF (Frame Atencional)	<p><u>INT DDF:</u> “Cê fala com ele”</p> <p>DDF: “olha eu vou te falar uma coisa eu não fico falando do seu pai e nem da sua mãe</p> <p>(...)</p> <p>Cada um com o seu</p> <p>(...)</p> <p>cada um com suas coisas</p>

	(...) Você para de criticar meu pai e minha mãe por que eles não te devem nada (...) Quem deve é você
Padrão sintático / semântico	[SN VDic Sprep [S]]
Perspectiva assumida pelo conceptualizador primário do conceptualizador invocado	≠ = Por Andreia e Deise (conceptualizadores primários), do conceptualizador invocado (“cê” – Deise)
Ground (ancoragem)	Parcialmente especificado (prospecção)
Dêixis	<u>Introdutor de DDF:</u> Dêixis de pessoa (2ª pessoa do singular, “cê” - Deise) Dêixis temporal_(presente – “fala”) Dêixis de pessoa (3ª pessoa do singular - “ele” - marido) DDF: Dêixis de pessoa (1ª pessoa do singular, “eu” – Deise) Dêixis de pessoa (2ª pessoa, “te” - marido) Dêixis temporal_(perífrase de futuro – “vou falar”) Dêixis de pessoa (1ª pessoa do singular, “eu” – Deise) Dêixis temporal_(presente – “fico”) Dêixis de pessoa (2ª pessoa, “seu” e “sua” - marido) Dêixis de pessoa (2ª pessoa, “seu”, “suas” - casal) Dêixis de pessoa (2ª pessoa, “você”, relativo ao marido) Dêixis temporal_(presente – “para”) Dêixis de pessoa (1ª pessoa, “meu” e “minha” - Deise) Dêixis de pessoa (2ª pessoa, “te”, relativo ao marido) Dêixis temporal_(presente – “devem”) Dêixis temporal_(presente – “deve”, “é”) Dêixis de pessoa (2ª pessoa, “você”, marido)
DDF 11	
Corpus	Salão de Cabeleiro – Juiz de Fora (MG)
Tópico discursivo	Conflitos no matrimônio
Nº das linhas dos enuncia dos no corpus	561, 562, 563, 564, 565 e 566
Ocorrência de DDF (em negrito)	Andreia (561): falei você= eles num te devem nada eles me criaram muito bem criado Deise (562): É:: Andreia (563): Por que eu nunca dei problema para eles Deise (564): Pois é Andreia (565): Cê entendeu Andreia (566): E outra coisa você respeita por que eles são meus pais e aí você também respeita os deles
Introdutor de DDF e DDF (Frame Atencional)	<u>INT DDF:</u> “falei”

	<p>DDF: “você= eles num te devem nada eles me criaram muito bem criado</p> <p>Por que eu nunca dei problema para eles</p> <p>(...)</p> <p>E outra coisa você respeita por que eles são meus pais”</p>
Padrão sintático / semântico	[Ø VDic [S]]
Perspectiva assumida pelo conceptualizador primário do conceptualizador invocado	≠ Por Andreia (conceptualizador primário), do conceptualizador invocado (“você” – Deise)
Ground (ancoragem)	Parcialmente especificado (retrospecção/prospecção)
Dêixis	<p><u>Introdutor de DDF:</u> Dêixis temporal_(passado – “falei”) Dêixis de pessoa (2ª pessoa do singular, “você” - Deise)</p> <p>DDF: Dêixis de pessoa (2ª pessoa do singular, “te” – marido) Dêixis temporal_(presente – “devem”) Dêixis de pessoa (1ª pessoa do singular, “me” – Deise) Dêixis temporal_(passado – “criaram”) Dêixis de pessoa (1ª pessoa do singular, “eu” – Deise) Dêixis temporal_(passado – “dei”) Dêixis de pessoa (2ª pessoa do singular, “você” - marido) Dêixis temporal_(presente – “respeita”) Dêixis de pessoa (2ª pessoa, “meus” - Deise)</p>
DDF 12	
Corpus	Salão de Cabeleireiro – Juiz de Fora (MG)
Tópico discursivo	Conflito no matrimônio
Nº das linhas dos enuncia dos no corpus	623 e 624
Ocorrência de DDF (em negrito)	<p>Deise (623): Acha que qué manda por que fala lá em casa quem manda lá em casa é minha mãe e que se eu tô achando que vou cantar de galo lá em casa que eu tô muito enganada</p> <p>Andreia (624): Mas <u>cê fala</u> é: ela manda muito bem</p>
Introdutor de DDF e DDF (Frame Atencional)	<p><u>INT DDF:</u> “cê fala”</p> <p>DDF: “é: ela manda muito bem”</p>
Padrão sintático / semântico	[SN VDic [S]]
Perspectiva assumida pelo conceptualizador primário do conceptualizador invocado	≠ Por Andreia (conceptualizador primário), do conceptualizador invocado (“cê” – Deise)
Ground (ancoragem)	Parcialmente especificado (prospecção)
Dêixis	<p><u>Introdutor de DDF:</u> Dêixis de pessoa (2ª pessoa do singular, “cê” - Deise) Dêixis temporal_(presente – “fala”)</p> <p>DDF: Dêixis temporal_(presente – “manda”)</p>
DDF 13	

Corpus	Salão de Cabeleireiro – Juiz de Fora (MG)
Tópico discursivo	Conflito no matrimônio
Nº das linhas dos enunciados no corpus	644, 645 e 646
Ocorrência de DDF (em negrito)	Deise (644): Uai você mudou de ideia agora você mudou de ideia mas eu num vô não agora eu vou ficar por que vou sair com minhas amigas Deise (645): Aí peguei saí Deise (646): Chegou lá ele passou a maior vergonha <u>todo mundo perguntando por mim</u> uai mas cadê a sua: sua esposa
Introdutor de DDF e DDF (Frame Atencional)	<u>INT DDF</u> : “todo mundo perguntando por mim” DDF : “ uai mas cadê a sua: sua esposa ”
Padrão sintático / semântico	[SN VDic SPrep [S]]
Perspectiva assumida pelo conceptualizador primário do conceptualizador invocado	≠ Por Deise (conceptualizador primário), do conceptualizador invocado (“todo mundo”)
Ground (ancoragem)	Parcialmente especificado (retrospecção)
Dêixis	<u>Introdutor de DDF</u> : Dêixis de pessoa (1ª pessoa, “mim” - Deise) Dêixis temporal (gerúndio no passado discursivo – “perguntando”) DDF : Dêixis de pessoa (“sua” - marido)
DDF 14	
Corpus	C-ORAL-BRASIL I
Tópico discursivo	Conflito familiar
Nº das linhas dos enunciados no corpus	26, 27, 28 , 29, 30 e 31
Ocorrência de DDF (em negrito)	*JRM: [26] &e [1] &che [1] &ti [1] teve uma época que até eu [1] eu fiquei com raiva dela / cê acredita // \$ *JRM: [27] comecei a tomar raiva dela // \$ *JRM: [28] <u>eu falei assim</u> / não / mas nũ posso / né // \$ *JAN: [29] é // \$ *JRM: [30] nũ dianta // \$ *JRM: [31] tentar resgatar / que é melhor // \$
Introdutor de DDF e DDF (Frame Atencional)	<u>INT DDF</u> : “eu falei assim” DDF : “ não / mas nũ posso / né // \$” (...) nũ dianta // \$

	(...) tentar resgatar / que é melhor // \$
Padrão sintático / semântico	[SN VDic SAdv [S]]
Perspectiva assumida pelo conceptualizador primário do conceptualizador invocado	≠ Por JMR (conceptualizador primário), do conceptualizador invocado (“eu” - JMR)
Ground (ancoragem)	Parcialmente especificado (retrospecção)
Dêixis	Introdutor de DDF: Dêixis de pessoa (1ª pessoa – “eu” - JMR) Dêixis temporal (passado – “falei”) Dêixis discursiva (“assim”)
DDF 15	
Corpus	C-ORAL-BRASIL I
Tópico discursivo	Decisão profissional
Nº das linhas dos enuncia dos no corpus	262, 263 , 264
Ocorrência de DDF (em negrito)	*JRM: [262] eu sempre assim / cortei o cabelo da minha filha / e tal // \$ *JRM: [263] aí eu falei assim / ah / eu vou fazer um curso de cabeleireiro // \$ *JRM: [264] aí eu fiz / lá no SENAC / tal / e / depois saí do curso / foi [/1] foram quatro meses / fiz o aperfeiçoamento lá mesmo / e / a [/1] a instrutora me chamou pra trabalhar com ela // \$
Introdutor de DDF e DDF (Frame Atencional)	INT DDF: “eu falei assim” DDF: “ah / eu vou fazer um curso de cabeleireiro // \$”
Padrão sintático / semântico	[SN VDic SAdv [S]]
Perspectiva assumida pelo conceptualizador primário do conceptualizador invocado	≠ Por JMR (conceptualizador primário), do conceptualizador invocado (“eu” -JMR)
Ground (ancoragem)	Parcialmente especificado (retrospecção)
Dêixis	Introdutor de DDF: Dêixis de pessoa (1ª pessoa – “eu” - JMR) Dêixis temporal (passado – “falei”) Dêixis discursiva (“assim”) DDF: Dêixis de pessoa (1ª pessoa - “eu”, JMR) Dêixis temporal (perífrase verbal de futuro – “vou fazer”)

Fonte: elaborado pela pesquisadora (2019)

Desta forma, com base nos dois *corpora* analisados, os padrões de *construal* relacionados ao Discurso Direto Fictivo, com seus exemplos a serem detalhados adiante, para fins **exclusivamente** qualitativos, compreendem:

Quadro 3: Os padrões sintático-semânticos

	Padrões sintático-semânticos	Quantidade	Nº no quadro
1	[SN ØVDic [S]] ⁸	1	1
2	[SN VDic [S]] ⁹	4	2, 6, 9, 12
3	[Ø VDic SAdv [S]] ¹⁰	2	3, 5
4	[SN VDic SAdv [S]] ¹¹	3	4, 14, 15
5	[Ø VCog SPrep [S]] ¹²	1	7
6	[Ø VDic [S]] ¹³	1	8, 11
7	[SN VDic Sprep [S]] ¹⁴	2	10, 13
TOTAL	7	15	-

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2019)

Com o objetivo de economia analítica e buscando certa generalização com base circunscrita aos dados encontrados, optou-se por condensar os padrões em quatro. As justificativas recaem ainda sobre os seguintes fatos: (i) mesmo com a marcação nula (Ø), as ocorrências (8) e (11) passam a pertencer ao padrão 2, visto que seu sujeito é inferível pela marca desinencial de primeira pessoa do verbo “falei”; (ii) mesmo com a marcação nula (Ø), as ocorrências (3) e (5) passam a pertencem ao padrão 3, visto que seus sujeitos são inferíveis pela marca desinencial de primeira pessoa do verbo “falei”; (iii) mesmo com a marcação nula (Ø), a ocorrência (7) passa a pertencer ao padrão 4, visto que seu sujeito é inferível pela marca desinencial de primeira pessoa do verbo “pensei”, que aciona fictivamente debate interno. Com isso, os padrões encontrados nos *corpora* são assim arregimentados:

Quadro 4: Padrões de construais

Padrão de <i>construal</i>	Padrão sintático/semântico ¹⁵	Nº da ocorrência
1	[SN ØVDic [S]]	1
2	[(SN) VDic [S]]	2, 6, 8, 9, 11, 12
3	[(SN) VDic SAdv [S]]	3, 5, 4, 14, 15

⁸ SN (Sintagma Nominal); ØVDic (Verbo *dicendi* nulo); S (Sentença).

⁹ SN (Sintagma Nominal); VDic (Verbo *dicendi*); S (Sentença).

¹⁰ Ø (nulo); VDic (Verbo *dicendi*); SAdv (Sintagma Adverbial); S (Sentença).

¹¹ SN (Sintagma Nominal); VDic (Verbo *dicendi*); SAdv (Sintagma Adverbial); S (Sentença).

¹² Ø (nulo); VCog (Verbo de Cognição); Sprep (Sintagma Preposicional); S (Sentença).

¹³ Ø (nulo); VDic (Verbo *dicendi*); S (Sentença).

¹⁴ SN (Sintagma Nominal); VDic (Verbo *dicendi*); Sprep (Sintagma Preposicional); S (Sentença).

¹⁵ O entendimento de “expressão semântico sintático” na representação abstrata se dá exclusivamente pela presença do verbo *dicendi* (falar).

Fonte: elaborado pela pesquisadora (2019)

Esses padrões gerais de *construal*, aqui sem a marcação de pessoa, serão desdobrados e detalhados posteriormente como as suas respectivas informações dêiticas de acordo com dados analisados de modo pontual. São entendidos, neste trabalho, como padrões básicos estabelecidos segundo critérios sintático-semânticos, os quais agregam sintagmas e verbos *dicendi* (de dizer), tendo em vista configurações formais induzidas de usos constantes do banco de dados. Nesse sentido, podem ser também compreendidos como padrões de *construal*, cuja contraparte formal se emparelha, no uso, a uma contraparte funcional (GOLDBERG, 1995, 2006).

Os padrões de *construal* encontrados revelam diferentes configurações conceituais, ou seja, diferentes estratégias discursivas de tomada de perspectiva, seja a própria, seja a do interlocutor, seja a de terceiros. Desse modo, os participantes das cenas comunicativas factivas, Andreia, Deise, JRM e JAM, como conceptualizadoras da interação verbal, face-a-face, assumem perspectivas diferentes em uma interação que não é real, mas fictiva, à medida que o discurso flui/evolui.

Em decorrência do jogo de perspectivas promovido pelos conceptualizadores participantes das conversas em análise, identificou-se ainda a existência de uma dinâmica de *construal*, que diz respeito à focalização ou à desfocalização do plano discursivo deiticamente ancorado na cena comunicativa corrente (LANGACKER, 2008); isso em detrimento daquele que se assenta na Interação Fictiva. Sendo assim, quando profere uma IF, o conceptualizador subfocaliza a interação factiva¹⁶ (PASCUAL, 2002, 2016), acionando tempo e espaço diferentes do aqui-e-agora (*ground*) da conversa. Porém, pelo menos na modalidade contemplada neste trabalho, que é a modalidade falada, a IF não existe sem interação factiva na medida em que se lida com a *gestalt* figura e fundo, promovida pela perspectivação conceptual. Na verdade, não conseguimos linguística e cognitivamente acionar tempo e espaço distintos sem o fundo, ou seja, sem a base de um centro dêitico do discurso. Logo, pode-se conceber que há uma relação de proeminência entre IF e interação factiva,

¹⁶ O termo se refere ao evento discursivo corrente de interação entre conceptualizadores da interação, essa expressão aparece no trabalho de FitzGerald e Oakley (2016), constante de Pascual e Sandler (2016), relaciona a tradição retórica.

pois, em cada momento da interação, uma dada fala, seja ela fictiva ou não, assume o lugar de destaque.

As evidências representativas do que foi delineado até o momento, acerca do fenômeno descrito, serão apresentadas e analisadas em sequência. É importante lembrar que a organização da análise segue a ordem de aparecimento das ocorrências de IF no banco de dados, que foi dividido em etapas sucessivas, nomeadas por tópicos ou assuntos focalizados pelas participantes da interação no decorrer da conversa.

4.2. Análise pontual do *corpus* de estudo (Salão de Cabeleireiro, Juiz de Fora - MG)

Para a análise pontual foram escolhidas, conforme informado anteriormente, as ocorrências mais representativas do fenômeno em análise, em seus diferentes padrões de *construal*, organizadas de acordo com seu aparecimento no fluxo conversacional.

4.2.1. Tópico 1 “Negociação do procedimento capilar”

Este tópico diz respeito à negociação entre a cabeleireira Andréia e a cliente Deise acerca do procedimento capilar a ser adotado no atendimento. Ambas conversam sobre o resultado do *ombré*¹⁷, tratamento de cabelo feito anteriormente.

Excerto 1: Negociação de procedimento capilar

17	Andréia	Isso é aos poucos mesmo, senão assusta
18	Deise	é, mas ficou ótimo, <u>todo mundo</u> , nossa mas ficou ma::ra
19	Andréia	ah é, porque era pr:etinho né ?

Nessa etapa do atendimento, Andréia, na linha 17, está se referindo à moderação de intensidade de aplicação do *ombré*. Por sua vez, Deise, na linha 18,

¹⁷ O termo se refere ao procedimento capilar o qual altera a cor de algumas mechas do cabelo, podendo assumir uma coloração em diferentes níveis de clareamento.

contra-argumenta (“mas”), já demonstrando satisfação com o resultado do procedimento: “é, mas ficou ótimo, todo mundo, **nossa mas ficou ma::ra**”. A expressão sublinhada (“todo mundo”), como SN do padrão [SN ØVDic [S]], introduz o Discurso Direto Fictivo, sendo representativa da metonímia TODO PELA PARTE. Estamos diante da primeira IF a ser analisada, que pode ser compreendida como híbrida com discurso direto factivo, porém sinalizando um ambiente adequado para a mudança de perspectiva, algo comum a ambos os casos (fictivo e ou factivo).

Ao lançar mão de “todo mundo”, sem verbo *dicendi* realizado linguisticamente, mas que é contextualmente inferido, e com apoio da mudança prosódica presente na fronteira do introdutor de IF com a estrutura encaixada (**nossa mas ficou ma::ra**), a participante assume a perspectiva de um todo (terceiros), que na verdade está metonimicamente representado por algumas pessoas individualmente, como se esse todo pudesse proferir uma fala em uníssono.

O fragmento do enunciado, destacado em negrito, dessa forma, constitui uma IF híbrida de discurso direto, revelando a tomada de perspectiva de Deise, uma das participantes da interação factiva (face-a-face). Ela assume a perspectiva de um interlocutor genérico em projeção (“todo mundo”), o qual não está perfilado na cena comunicativa corrente. A fala encaixada está sendo atribuída a um grupo genérico no plano fictivo (virtual) e direcionada à Deise em outro tempo e espaço, até mesmo porque esses participantes nem estão perfilados na cena comunicativa corrente, estando apenas nas projeções mentais de um dos conceptualizadores da interação factiva, a participante Deise. Os elogios feitos ao cabelo de Deise são condensados na fala encaixada, como se talvez tivessem sido proferidos/emitidos em coro. Por mais que cada pessoa que elogiou possivelmente tenha usado expressões diferentes, a fala reportada por Deise se fictiviza, em certa medida, dado que reporta falas como se fossem uma só, uma fala genérica.

O prolongamento melódico sinalizado pela convenção (: :) da primeira sílaba na palavra “maravilha”, pronunciada como “**ma::ra**”, intensifica o grau de expressividade atribuído ao enunciado fictivo pelo interlocutor fictivo e metonímico (“todo mundo”), consistente com a ênfase dramática de encenação característica do *Frame de Conversa* usado como componente estrutural de IF.

Como já se observou, em “... **nossa mas ficou ma::ra**”, o interlocutor-alvo do *construal* fictivo na cena de elogio, projetada no passado (“ficou”), é a própria Deise, que reitera, na cena comunicativa corrente, usando a voz de “todo mundo”, os elogios, feitos a ela no passado. Ela demonstra, assim, estar “mentalmente” alinhada com os elogios. Desse modo, pode-se conceber que a realização da IF se apresenta como uma solução (ROCHA, 2020), revelando um alinhamento de pontos de vista. Em outras palavras, o conceptualizador Deise sinaliza que concorda com a opinião fictivizada: o procedimento teve ótimo resultado.

4.2.2. Tópico 2, de tema “Defeito no ônibus”

Nesse tópico, a participante da interação factiva Andréia inicia uma narrativa a respeito do dia em que estava indo para o trabalho e, no meio do caminho, o ônibus apresentou defeito. Por isso, todos os passageiros tiveram que permanecer um tempo aguardando uma solução para seguirem viagem.

Excerto 2: Defeito no ônibus

34	Andréia	No::sso Deus
35	Andréia	é, e <u>eu falei</u> , i::: , não adianta não , = banquei a esperta [entrei e sentei, que eu tava em pé.]
36	Deise	[risos]
37	Andréia	[fiquei esperta entrei e sentei], vá tomar banho, vê se eu vou perder tempo de murmurar, quanto mais murmura menos né, mais demora. mas o povo já fica atrasado, [i::: nem esquento.]

Na linha 34, Andréia, por meio de um recurso intersubjetivo (TRAUGOTT; DASHER, 2005; VERHAGEN, 2005), a interjeição, “No::sso Deus”, convida Deise, sua interlocutora, a focalizar sua atenção para a IF que está por vir, a qual exhibe maior expressividade ainda ao realizar o prolongamento da sílaba inicial sinalizado pela

convenção (: :). Na linha 35, Andréia continua sua narrativa direcionada à Deise, que já tem sua atenção voltada para ela, “é, e eu falei, i:::, não adianta não, = banquei a esperta [entrei e sentei, que eu tava em pé]”. O termo sublinhado (SN “e eu falei”) constitui a parte inicial do padrão de *construal* de Discurso Direto Fictivo, cuja representação abstrata é [SN VDic [S]], operando como introdutor da IF, indicando um ambiente propício para a tomada de perspectiva. Em termos dêiticos, esse introdutor contém o pronome de primeira pessoa (“eu”), somado ao verbo *dicendi* (falar), acrescido da desinência indicadora de pretérito perfeito e da marcação de primeira pessoa (“-ei”), por meio do qual se faz uma referência indireta ao *ground* (“o aqui e agora”), que é mapeado linguisticamente pela construção de pretérito perfeito “eu falei”, recuperando-o parcialmente. Assim, o tempo presente se encontra subfocalizado, implícito à cena comunicativa corrente, a qual focaliza uma interação fictiva deslocada no tempo e no espaço, sem ancoragem (*grounding*) definida. Nesse caso, a participante Andréia toma a perspectiva dela própria, porém em um outro momento no tempo e no espaço, diferente do da interação factiva entre Andrea e Deise, como pode ser percebido no excerto: “i : : : , não adianta não”, que se encontra encaixado na construção de Discurso Direto Fictivo “eu falei”, a qual sinaliza eventos passados, consistente com a sequência narrativa “eu falei [...] banquei a esperta [...]entrei e sentei”, cuja relação com o *ground* é apenas parcial.

Essa IF integra a sequência narrativa descrita pela Andréia na interação factiva criando, dessa forma, um jogo de perspectivas, focalizando e desfocalizando a interação factiva (destacada abaixo em vermelho) em prol de uma interação fictiva, deiticamente deslocada no tempo e no espaço, destacada em negrito no excerto a seguir. Observe: “é, e eu falei, i:::, não adianta não, = banquei a esperta [entrei e sentei, que eu tava em pé.]”

Os termos destacados em vermelho compõem um grupo entoacional e conceptual harmônico, juntamente com outros enunciados factivos, e destoante do grupo entoacional e conceptual formado pelos enunciados concebidos como fictivos, por exemplo, os que estão em negrito acima. Esse aspecto, contemplado em conjunto com a observação do deslocamento do centro dêitico da interação factiva em relação ao da interação fictiva, torna-se um indicador de como se pode estruturar as IFs de

discurso direto. Defendemos, então, que a prosódia atua como recurso para dar coerência ao jogo de perspectivas, ora fictivas, ora factivas.

Em termos dêiticos, na linha 37, Andréia dá continuidade à sua narrativa, introduzindo uma IF (trecho em negrito) subordinada ao introdutor de IF “eu falei” (linha 35). A participante mais uma vez assume a perspectiva de um conceptualizador invocado fictivamente, o qual ela materializa por meio de uma voz em coro, ou fala em uníssono, que representa o senso comum naquela situação comunicativa, apresentada de modo fictivo. Andréia elabora a IF assumindo a perspectiva de um participante genérico insatisfeito, expresso na 1ª pessoa, de modo a manifestar também seu próprio descontentamento como o ocorrido, o defeito no ônibus. Logo, há um alinhamento entre a voz do senso comum licenciada pela IF e a opinião de Andréia no plano factivo, como pode ser observado no trecho destacado em negrito: [fiquei esperta entrei e sentei], **vá tomar banho, vê se eu vou perder tempo de murmurar, quanto mais murmura menos né, mais demora.** mas o povo já fica atrasado, [i:: nem esquento].

4.2.3. Tópico 03, de tema “O resultado da escova progressiva”.

Nesse tópico, Andréia e Deise conversam a respeito do resultado da escova progressiva feita no cabelo de Deise pela profissional Andréia em uma data anterior ao atendimento corrente.

Excerto 3: O resultado da escova progressiva

59	Andréia	cê gostou?
60	Deise	meu deus = [<u>falei assim</u>]
61	Andréia	[se vê que hidrata né]
62	Deise	= que progressiva é essa

Na linha 59, a cabeleireira Andréia pergunta à cliente Deise sobre seu grau de satisfação referente ao resultado de uma escova progressiva feita em um atendimento anterior, aproximadamente há quatro meses. Imediatamente, Deise, na linha 60, chama a atenção de Andréia para um ponto de vista e o faz por meio do uso da interjeição “meu deus”, reconhecidamente intersubjetiva (TRAUGOTT; DASHER, 2005; VERHAGEN, 2005). Desta forma, Deise convida Andreia a assumir sua perspectiva sobre a cena descrita. Ao referenciar a si mesma, em um mecanismo de deslocamento dêitico, evidenciado pela construção introdutora de IF “falei assim”, Deise confere ao enunciado, no contexto comunicativo, um caráter de surpresa positiva, mais uma vez em uma estratégia discursiva de alinhamento com a perspectiva representada.

Esse uso da interjeição reforça o postulado de que o *Frame de Conversa* é usado como ferramenta para estruturar o discurso, nesse caso o fictivo, além de revelar uma comunicação entre os sistemas cognitivos das participantes. O falante invoca a atenção de seu interlocutor que não apresenta nenhum sinal de estranhamento, mostrando o alinhamento ou coordenação entre suas respectivas bases conceituais, o que na concepção de Verhagen (2005, 2007, 2008) é entendido com traço de (inter)subjetividade.

Ao se desdobrar o padrão de *construal*, tem-se, em termos dêiticos, a expressão sublinhada constituída pelo verbo *dicendi* (falar), acrescido da desinência de tempo (pretérito perfeito) e de pessoa (“-ei”) revelando o sujeito autor da fala, uma referência indireta ao *ground* pela desinência de pretérito perfeito. O *ground* então é perfilado e recuperado, embora parcialmente. O tempo presente está subfocalizado, pois só é possível conceber um tempo passado em relação a um tempo presente, o do discurso corrente. Sendo assim, pode-se afirmar que o tempo presente está implícito à codificação linguística de pretérito.

Nessa construção em questão, ocorre a inclusão do advérbio “assim” na composição do introdutor de IF. O falante convida o interlocutor a “visualizar” sua própria dramatização na cena que será em seguida construída fictivamente, sinalizando, por meio do advérbio “assim”, um alto grau de comprometimento com a veracidade da encenação; do mesmo modo, isso convida o interlocutor a se alinhar com a perspectiva apresentada. Desta forma, Deise usa o *Frame de Conversa* para realizar a tomada de perspectiva dela mesma em outro tempo e espaço (não perfilados) no enunciado a seguir, dizendo: “= **que progressiva é essa**”. A

participante Deise elabora um diálogo fictivo, com um interlocutor em restrospecção, ou seja, que existe apenas na projeção mental e perceptual de Deise, sendo tal interlocutor fictivo e não perfilado, por isso também não acessado contextualmente, embora factivamente na interação ancorada no *ground* (o aqui e agora) Deise objetiva responder ao questionamento de Andréia, seu interlocutor, como de fato o faz.

Assim, ao se utilizar de uma IF, um dos conceptualizadores, Deise, subfocaliza momentaneamente a interação face-a-face, colocando-a como pano de fundo para a realização de sua interação fictiva, que atua como figura, revelando um jogo gestáltico de "luz e sombra", em que tais interações ganham maior saliência ou proeminência, de acordo com que o discurso flui.

Ainda no tópico 03, de tema "o resultado da escova progressiva", Andréia e Deise dão continuidade ao assunto: Andréia segue com o diálogo, elencando características do que seria um resultado satisfatório referente à utilização de um produto para a execução de uma escova progressiva de qualidade. Defende que a aparência do fio do cabelo após a aplicação do produto é uma resposta ao nível de eficácia do procedimento e ressalta o aspecto do brilho como indicador de sucesso, como se pode conferir abaixo:

Excerto 4: Resultado da escova progressiva

78	Andréia	não perdeu o brilho né
79	Deise	não não perdeu
80	Deise	aquilo que cê falou né, que ia ficar, que ia perder, daí <u>eu falei assim</u> , gente o que foi que foi que aconteceu, eu acho que essa progressiva é maravilhosa

Na linha 78, a participante Andréia faz uma afirmação relacionada ao cabelo da participante Deise e, na sequência discursiva, introduz ao enunciado um elemento intersubjetivo atencional ("né?"), termo destacado em vermelho, "não perdeu o brilho né". Desse modo, Andréia convida Deise a se pronunciar verbalmente sobre o que afirmara. A cabeleireira o faz com um tom de quem dita o conteúdo da resposta, invocando um alinhamento com a sua própria opinião sobre o brilho do cabelo.

Imediatamente, Deise demonstra a aceitação ao convite feito pela participante Andréia, atendendo à expectativa de resposta, pronunciando-se, na linha 79, da seguinte forma: “não não perdeu”. Andréia opta, então, por realizar o enunciado da linha 80, o qual revela a busca por maior grau de expressividade. Para isso, a participante Deise faz menção às informações apresentadas anteriormente, sobre o aspecto que o cabelo iria adquirir após a realização da escova progressiva, oferecidas pela participante Andréia, “aquilo que cê falou né, que ia ficar, que ia perder”. Em seguida, após a criação de um ambiente discursivo que dá sustentação à IF, Deise se utiliza da construção “eu falei assim,” que opera como introdutor de IF. Nesse caso, o padrão de *construal* de Discurso Direto Fictivo é: [SN VDic SAdv [S]].

Em termos dêiticos, o padrão de *construal* de “eu falei assim, **gente o que foi que foi que aconteceu, eu acho que essa progressiva é maravilhosa**” compreende a construção “eu falei assim”, que é constituída pelo verbo *dicendi* (falar), acrescido da desinência de tempo (pretérito perfeito) e de pessoa (“-ei”), revelando o sujeito-autor da fala, a participante Deise. Desse modo, faz-se uma referência indireta ao *ground* pela desinência de pretérito perfeito, o que evidencia que o “aqui e o agora” é parcialmente perfilado e também recuperado parcialmente. O tempo presente se encontra subfocalizado, pois como já mencionado anteriormente, só sendo possível conceber um tempo passado em relação a um tempo presente. Desse modo, pode-se afirmar que o tempo presente está apenas implícito à codificação linguística de passado.

No *construal* em questão, mais uma vez tem-se a presença do advérbio “assim” como termo integrante do padrão de *construal* de IF, contendo informação semântica contextualmente favorável à configuração da expressão, como um convite à participante Andréia de se colocar atenta para o discurso que segue por meio da utilização de uma IF. Deise convida a Andréia a “visualizar”, “acompanhar” a encenação da tomada de perspectiva dela própria, a qual se realiza no fluxo discursivo por meio de uma IF. Por conseguinte, a participante Deise, por meio do advérbio “assim”, integrado ao padrão de *construal*, evidencia um alto grau de comprometimento com a veracidade da encenação que se dará a seguir. Do mesmo modo, solicita o alinhamento da participante Andréia, sua interlocutora, com a perspectiva a ser apresentada.

Em seguida, Deise dá início à elaboração da IF **“gente o que foi que foi que aconteceu, eu acho que essa progressiva é maravilhosa”**, a qual se inicia com o termo “gente”, destacado em azul. Ela o profere tomando a perspectiva dela mesma em outro tempo e espaço que não o do “aqui e agora” do evento comunicativo propriamente dito, ou seja, a interação está no plano virtual, fictivo. O uso do *Frame* de Conversa, como ferramenta para a elaboração da IF, é também evidenciado pela interjeição “gente”, marcadamente intersubjetiva, que consiste em uma dupla marcação (em conjunto com o “assim”) de força argumentativa e representativa da metonímia TODO PELA PARTE. Deise se dirige a um grupo de interlocutores em restrospecção/prospecção (um todo), que na verdade está expresso metonimicamente.

Deise assume uma perspectiva sobre si própria, por meio da IF, ao usar o *Frame* de Conversa para perguntar "o que foi que foi que aconteceu". Ela não obtém uma resposta plausível de seu interlocutor da interação face-a-face, o que evidencia que essa não é uma pergunta factiva, cuja resposta seria "aconteceu X". Em vez disso, o falante, Deise, engata a fala fictiva **“eu acho que essa progressiva é maravilhosa”**.

Sendo assim, a ocorrência da IF por meio do *Frame* de Conversa, associada à tomada de perspectiva, mostra-se operando como uma estratégia intersubjetiva e argumentativa de expressividade (avaliação) do evento comunicativo para que haja o alinhamento cognitivo entre as participantes da interação factiva, no caso, Andréia e Deise.

4.2.4. Tópico 14 de tema “Conflito matrimonial”

Andréia e Deise conversam sobre problemas recorrentes no casamento. A participante Deise, que é a cliente, conta para Andréia, a profissional, sobre o comportamento de seu marido, Pedro, com relação aos sogros (pais de Deise). Ela segue a narrativa discorrendo sobre as opiniões negativas que Pedro tem acerca dos sogros e de como ele as utiliza para agredir Deise, comportamento esse desaprovado pela interlocutora Andréia, que sustenta sua argumentação no decorrer do discurso por meio de uma extensa IF, na qual realiza várias tomadas de perspectiva, as quais serão analisadas a seguir:

Excerto 5: Conflito matrimonial

548	Andréia	Mas você deve cortar ele Deise
549	Deise	Não Aí eu falo mesmo
550	Andréia	Cê fala com ele olha eu vou te falar uma coisa eu não fico falando do seu pai e nem da sua mãe
551	Deise	Não eu (.hh) mas eu fico
552	Andréia	Então cê para
553	Deise	Parei já parei
554	Andréia	Cê para
555	Deise	Já parei tem um mês
556	Andréia	Cada um com o seu
557	Andréia	cada um com suas coisas
558	Andréia	Você para de criticar meu pai e minha mãe por que eles não te devem nada
559	Deise	Não, não mesmo
560	Andréia	Entendeu
561	Deise	Quem deve é você
562	Andréia	falei você= eles num te devem nada eles me criaram muito bem criado
563	Deise	É::
564	Andréia	Por que eu nunca dei problema para eles
565	Deise	Pois é
566	Andréia	Cê entendeu

567	Andréia	E outra coisa você respeita por que eles são meus pais e aí você também respeita os deles
568	Andréia	Cê dexa pra lá

Na linha 548, a participante Andréia, na tentativa de persuadir Deise a agir como ela julga ser adequado, dá um comando à cliente em relação a Pedro (marido de Deise), porém, para atenuar esse comando, modaliza sua fala, usando o verbo “deve”, “Mas você deve cortar ele Deise”. Deise, na linha 549, profere um enunciado que não acolhe a fala de Andréia, evidenciando o não-alinhamento com a sugestão apresentada na linha 548. Sendo assim, Andréia, insatisfeita, coloca-se, na linha 550, de modo mais enfático, e desta vez, não modalizado, quando explicitamente ordena: “Cê fala com ele”, que opera como introdutor de IF, propiciando um ambiente favorável para a ocorrência do Discurso Direto Dictivo a se reportar, cujo padrão de *construal* de DDF é [SN VDic Sprep [S]].

Em termos dêiticos, ao se detalhar o padrão inicial do *construal*, que compreende a construção sublinhada, tem-se a escolha de Andréia por começar sua fala pelo pronome “Cê”, o que evidencia que o discurso está sendo direcionado à segunda pessoa, o interlocutor Deise, que participa do evento comunicativo corrente ancorado no *ground*. O verbo *dicendi* (“fala”), que é proferido no imperativo, aciona um comando. A expressão “com ele” aparece ligada ao verbo falar como um sintagma complemento o qual especifica a quem do comando é dado. A expressão “Cê fala com ele” funciona como um comando, um ato de fala diretivo endereçado ao interlocutor Deise, na cena factiva, preparando o ambiente cognitivo para a IF que é encaixada na construção com o verbo *dicendi* na 2ª pessoa.

O comando dado por Andréia em “Cê fala com ele”, o qual se encontra ancorado na interação face-a-face com a Deise, evidencia que ele é dado a partir do *ground* com perspectiva futura. Sendo assim, o *ground* está parcialmente perfilado e indiretamente atrelado ao evento comunicativo corrente, pois embora seja uma construção realizada no tempo presente ela remete a um tempo futuro, em outras palavras, possibilita uma outra leitura de perspectiva futura.

Em seguida, o interlocutor atrela uma IF ao discurso, realizando uma encenação, como pode ser observado em “**olha eu vou te falar uma coisa eu não fico falando do seu pai e nem da sua mãe**”, na qual Andréia assume momentaneamente a perspectiva de Deise ao realizar a IF.

A IF é constituída por um conteúdo linguístico elaborado e encenado por Andréia, na perspectiva ou sob o ponto de vista de Deise. E consiste em uma construção de Discurso Direto Fictivo pró-factual (ROCHA, 2020), fazendo referência a uma fala a se reportar, pois oferece ao interlocutor Deise o texto que deve ser dito a Pedro, marido de Deise, interlocutor participante potencial (em projeção) na IF.

Para abrir o diálogo fictivo que compõe a IF prospectiva, Andréia, assumindo a perspectiva de Deise, constrói a fala usando o marcador discursivo de atenção “olha”, para invocar a atenção do interlocutor fictivo em prospecção, Pedro, não perfilado no *ground*, mas recuperado contextualmente, para interação dentro do plano fictivo, que se inicia. Nesse contexto, é um diálogo fictivo de conflito, e o uso dos pronomes “te” (pronome pessoal oblíquo átono) aqui está operando como dêixis de pessoa. Desse modo, constitui-se uma evidência de que o Discurso Direto Fictivo se destina ao interlocutor em projeção, Pedro, e “seu” (pronome possessivo) constitui também uma pista dêitica contextual sinalizando sobre quem se fala, já que o pronome se refere aos pais de Pedro.

A participante Deise acompanha a encenação realizada pela participante Andréia e discorda da perspectiva oferecida por meio da IF e imediatamente interrompe a encenação, mostrando o não-alinhamento com a essa perspectiva por meio do enunciado proferido na linha 551 “Não eu (. hh) mas eu fico”. Tal enunciado inibe Andréia de continuar a IF. Pressionada pela não-convergência de pontos de vista, Andréia retoma a cena factiva da interação face-a-face para exercer um ato de fala diretivo na linha 552 “Então cê para”. A participante Deise, na linha 553, responde ao ato diretivo, também no plano factivo, “Parei já parei”. Possivelmente não convicta do posicionamento de Deise, Andréia busca novamente a atenção de sua interlocutora para retomar a IF. A cabeleireira insiste em ordenar na linha 554 “Cê para”. Deise, certa de sua posição e atitude em relação ao assunto, mantém sua resposta, acrescentando informação nova na linha 555 “Já parei tem um mês”. Outra evidência de que o diálogo fictivo e a tomada de perspectiva compreendem a IF é a prosódia percebida na oitiva dos dados. Existe uma procura

por coerência discursiva através dos contornos melódicos na encenação (representação, tomada de perspectiva) realizada por Andréia. Identificou-se uma diferença prosódica substancial entre o momento em que a participante Andréia, na interação corrente situada no *ground* da conversa com Deise (interação factual) e o momento em que Andréia assume a perspectiva de Deise na interação encenada, ou seja, na IF, deslocada do *ground* ou com ele parcialmente perfilado. Desse modo, pode-se conceber a IF como *frame* atencional (LANGACKER, 2008), ou seja, são trechos do discurso que possuem harmonia fonológica; sendo assim, pertencem à mesma janela de atenção, neste caso à IF.

Andréia, ao tomar a perspectiva de Deise, segue com a IF por meio do Discurso Direto Fictivo “Você para de criticar meu pai e minha mãe por que eles não te devem nada”, continuando a IF iniciada na linha 550 e dirigindo-se ao interlocutor fictivo, Pedro. Segue-se, inclusive com a mesma temática, a qual gira em torno de instruir Deise a resolver a questão do hábito que Pedro tem de falar mal dos sogros. O pronome “você” revela que a fala é direcionada à segunda pessoa, no caso o interlocutor fictivo (em prospecção) Pedro, que foi introduzido na IF que se iniciou na linha 550. Os termos “meu pai minha mãe” se referem aos pais da Deise, na voz da primeira pessoa, a qual, nesse evento comunicativo fictivo, tem sua perspectiva assumida fictivamente por Andréia. A presença do pronome “te” (pronome pessoal oblíquo átono) aqui operando como dêixis de segunda pessoa é uma evidência de que o Discurso Direto Fictivo se destina ao interlocutor fictivo Pedro, corroborando o uso do pronome “você” estabelecendo uma coerência discursiva. O pronome “eles”, no enunciado, refere-se aos pais de Deise, sogros de Pedro.

Na linha 559, a participante Deise apresenta o primeiro sinal de alinhamento frente à argumentação da participante Andréia, quando diz; “Não, não mesmo”, alinhando-se com o discurso fictivo apresentado por Andréia na linha 558, porém o faz no plano factivo. O *construal* em análise “Não, não mesmo” se mostrou prosodicamente alinhado com todo o conteúdo discursivo presente na interação entre Andréia e Deise, ou seja, pertence à mesma janela de atenção, a da interação factiva ancorada no *ground*. Em seguida, na linha 560, Andréia busca se certificar se sua estratégia comunicativa argumentativa por meio da IF está sendo bem sucedida, ao questionar, na linha 560: “Entendeu”.

Deise, ao invés de responder Andréia de modo objetivo, como por exemplo, dizendo “sim” ou “entendi”, escolhe participar na IF já construída e incrementada por Andréia desde a linha 550. Deise, na linha 561, assume a perspectiva dela mesma, em outro tempo e espaço diferente do “aqui e agora” e em perfeito alinhamento com toda a cena fictiva, a qual inclui seus participantes projetados e o discurso fictivamente criado. Ela se dirige ao marido, o interlocutor fictivo Pedro, quando diz: “Quem deve é você”.

Mais uma vez, o pronome “você” evidencia que a fala é direcionada a uma segunda pessoa, no caso, o interlocutor fictivo Pedro. O verbo “deve” também se configura como um evidenciador de IF, apontando para o alinhamento entre a perspectiva de Deise, tomada por Andréia e a de Deise projetada por ela mesma, pois integra sentido com o enunciado da linha 558. O uso do verbo “dever” está relacionado ao interlocutor fictivo, Pedro, e é empregado mantendo a semântica discursiva.

Na linha 564, Andréia continua a tomar a perspectiva de Deise, acrescentando material linguístico à fala fictiva, dizendo: “Por que eu nunca dei problema para eles”. O pronome de primeira pessoa (eu), atuando como dêixis de pessoa, tem por referente Deise, cuja perspectiva é tomada fictivamente, e o pronome de terceira pessoa “eles” referencia os pais de Deise. Um outro aspecto relevante é que o *construal* investigado é apresentado, em termos prosódicos, alinhado com todo o conteúdo discursivo presente na IF, ou seja, possui harmonia fonológica e pertence à mesma janela de atenção, a da Interação Fictiva.

Na linha 567, o Discurso Direto Fictivo elaborado por Andréia, que toma a perspectiva de Deise, apresenta contornos de encerramento de argumentação como pode ser observado na IF, no trecho destacado em negrito: “**E outra coisa você respeita por que eles são meus pais** e aí você também respeita os deles”.

O recorte “E outra coisa” tem sua perspectiva assumida fictivamente como estratégia de persuasão. Sendo assim, Andréia propõe uma solução para um problema via IF (ROCHA, 2020). No trecho em negrito que corresponde à IF, o pronome “você” informa que o discurso é direcionado a segunda pessoa, no caso o interlocutor fictivo Pedro, o pronome “eles” referencia os pais de Deise, e o pronome possessivo “meus” faz referência aos pais de Deise na perspectiva de primeira pessoa, assumida por Andréia. Todo o discurso destacado em negrito compreende

um mesmo grupo entoacional coeso, ou seja, pertence à mesma janela de atenção, a da Interação Fictiva.

Em “e aí você também respeita os deles”, o grupo entoacional estabelece coesão com o discurso corrente ancorado no *ground*. A participante Andréia, em sua própria voz, dirige-se à participante Deise, na interação face-a-face entre conceptualizadores, reivindicando dela uma atitude específica no plano factivo relacionada à temática abordada no plano fictivo, ou seja, na IF, e o faz de modo a concluir a solução apresentada por ela à Deise por meio da IF. Já o pronome “você” informa que a fala factiva é direcionada à segunda pessoa. Nesse caso, a participante Andréia se encontra perfilada no *ground*, o que pode ser comprovado pelo pronome possessivo “deles” que se refere aos pais de Pedro, sob a perspectivização da própria Andréia. Na linha 568, Andréia se dirige a Deise “Cê dexa pra lá”, encerrando a conversa sobre o tema em questão e apresentando uma solução.

Em síntese, é possível perceber que os enunciados exclusivamente fictivos (i) compõem uma narrativa baseada em *frames* atencionais, do ponto de vista melódico; e (ii) não apresentam incongruência no perfilamento dos interlocutores fictivos. O agrupamento proposto para leitura apresenta uma coerência melódica que se une à contraparte conceptual da IF.

4.3. Análise pontual do corpus C-ORAL BRASIL I

A escolha de um segundo *corpus* para análise, como já foi dito, veio no sentido de reforçar a dimensão empírica das IFs em discurso direto. Como o C-ORAL-BRASIL I é de dimensões muito amplas, selecionou-se apenas um de seus arquivos, que foi também coletado de uma conversa entre cabeleireira e cliente, em um salão de beleza. Dentre os 139 arquivos que compõe o referido *corpus*, o intitulado bfmdl22 é o único que se passa no mesmo contexto comunicativo do *corpus* de estudo Salão de Cabeleireiro – Juiz de Fora (MG). Além de podermos verificar que o fenômeno estudado não é exclusividade desse *corpus* de estudo, por nós coletado, pode-se confirmar a ideia de que nas rotineiras interações factivas entre cabeleireiro e cliente emergem muitos contextos subjetivos em que as DDFs podem aparecer como *construal* que permite aos conceptualizadores, para além de serem os conceptualizadores primários (falante e ouvinte), invocarem ou serem invocados nos próprios enunciados que produzem. Estabelece-se, assim, um jogo de perspectivas,

que conta com a ancoragem (*grounding*), mesmo que de modo parcial, para que falas fictivas sejam construídas, porém absolutamente estruturadoras do discurso.

4.3.1. Tópico “Conflito Familiar”

Esse tópico diz respeito às reclamações que a profissional JRM¹⁸ faz de sua filha Júlia para a cliente JAN¹⁹ enquanto realiza um procedimento capilar. No decorrer da conversa, bem mais adiante do excerto logo abaixo, JAN questiona a profissional sobre a escolha pela profissão de cabelereira e JRM segue a conversa respondendo aos questionamentos.

Excerto 6: Conflito familiar

26	JRM	&e [/1] &che [/1] &ti [/1] teve uma época que até eu [/1] eu fiquei com raiva dela / cê acredita // \$
27	JRM	comecei a tomar raiva dela // \$
28	JRM	<u>eu falei assim</u> / não / mas nũ posso / né // \$
29	JAN	É

Na linha 26, a participante JRM, em sua narrativa sobre o comportamento da filha Júlia, faz uma afirmação confessando suas emoções e em seguida lança um questionamento “/ cê acredita // \$”, por meio do uso do verbo epistêmico “acreditar”, o qual sinaliza atenção ao universo epistêmico do interlocutor em uma perspectiva intersubjetiva de alinhamento de pontos de vista. Sem nenhuma objeção de seu interlocutor JAN, JRM segue reafirmando sua colocação de que em tempos atrás ela havia desenvolvido um sentimento negativo em relação à Júlia.

A fim de conferir maior expressividade e veracidade à sua narrativa, JRM em seguida, logo na linha 28, utiliza-se da construção “eu falei assim,” que opera

¹⁸ No *corpus* do C-ORAL BRASIL I, os nomes dos participantes são indicados por siglas; JRM corresponde à Jaqueline, cabelereira.

¹⁹ No *corpus* do C-ORAL BRASIL I, os nomes dos participantes são indicados por siglas; JAN corresponde à Janayna, cliente.

como introdutor de DDF. Nesse caso, o padrão sintático-semântico de *construal* de Discurso Direto Fictivo é: [SN VDic SAdv [S]].

No *corpus* de estudo, Salão de Cabeleireiro – Juiz de Fora (MG), que foi analisado anteriormente, encontrou-se o mesmo padrão sintático-semântico de *construal* introdutor de DDF que o extraído do *corpus* agora em discussão, o C-ORAL BRASIL I. Em termos dêiticos, o *construal* introdutor de DDF “eu falei assim” é composto por pronome de primeira pessoa (“eu”), verbo *dicendi* (falar), acrescido da desinência de tempo (pretérito perfeito) e de pessoa (“-ei”) e advérbio “assim”. Ele revela o sujeito-autor da fala, a participante JRM, sobrepostamente como conceptualizadora primária (falante) e também invocada em retrospecção pelo próprio. Desse modo, faz-se uma referência indireta ao *ground* pela desinência de pretérito perfeito, o que evidencia que o “aqui e o agora” é parcialmente perfilado e também recuperado parcialmente. O tempo presente se encontra subfocalizado, pois como já mencionado em análise anterior (cf. *corpus* de estudo, excertos: três e quatro), só é possível conceber um tempo passado em relação a um tempo presente. Desse modo, pode-se afirmar que o tempo presente está implícito à codificação linguística de passado.

No *construal* em questão (excerto 6), mais uma vez, de modo semelhante às ocorrências encontradas no *corpus* de estudo, excertos três e quatro, tem-se a presença do advérbio “assim” como termo integrante do padrão de *construal* de DDF, contendo informação semântica contextualmente favorável à configuração da expressão, como um convite à participante JAN para se colocar atenta ao discurso que segue por meio da utilização de uma IF. JRM convida a JAN a “visualizar”, “acompanhar” a encenação da tomada de perspectiva dela própria, a qual se realiza no fluxo discursivo por meio de uma IF; o advérbio “assim”, componente do *construal*, revela o alto grau de comprometimento do falante com a encenação que fará em seguida, assim como solicita o alinhamento de JAN com o que será encenado.

Ainda na linha 28, os termos em negrito “/ não / mas nũ posso / né //§”, fala de JRM, revela o uso do *Frame* de Conversa como *frame* atencional na tomada de perspectiva, no caso a dela mesma, em um momento diferente do “aqui e agora” em que ocorre o evento discursivo. Sendo assim, JRM é projetada para um plano virtual onde repreende a si mesma (JRM fictiva); nessa projeção, a JRM fictiva usa o *Frame* de Conversa para convidar o interlocutor em projeção a se alinhar com o conteúdo linguístico pragmático e semântico colocado dramaticamente na cena por

meio do questionamento “/ né // \$”, o qual nessa IF pode ser a própria JRM projetada por ela mesma no plano virtual. O conteúdo pragmático e semântico do trecho “mas eu não posso” é uma evidência das diferentes perspectivas, diferentes *grounds* e diferentes planos discursivos, pois se configura numa possível resposta à afirmação feita - relacionada ao sentimento da participante JRM para com a filha Júlia - realizada linguisticamente na interação face-a-face (factiva) nas linhas 26 e 27.

Na linha 29, a participante JAN oferece a evidência de que se alinhou à argumentação realizada pela participante JRM por meio de DDF, o qual se estruturou por meio do *Frame* de Conversa. Observa-se que a DDF assim modelada não se configura explicitamente como um discurso direto canônico, visto não remeter a algo marcado como proferido de modo prévio. A própria presença da expressão “cê acredita”, na linha 26, abre um ambiente discursivo propício para as dimensões epistêmicas que podem ser afeitas a fluxos subjetivos no discurso. Isso representa uma condição ideal para as DDFs, que podem ser compreendidas também como interações subjetivas, que refletem uma espécie de debate interno do falante.

4.3.2. Decisão profissional

Com relação ao segundo tópico da conversa, a pedido da cliente JAM, a cabeleireira JRM desenvolve o tema acerca de sua escolha profissional, atrelando a sua experiência informal de cabeleireira à sua decisão de viver disso.

Excerto 7: Decisão profissional

262	JRM	eu sempre assim / cortei o cabelo da minha filha / e tal // \$
263	JRM	aí <u>eu falei assim</u> / ah / eu vou fazer um curso de cabeleireiro // \$
264	JRM	aí eu fiz / lá no SENAC / tal / e / depois saí do curso / foi [/1] foram quatro meses / fiz o aperfeiçoamento lá mesmo / e / a [/1] a instrutora me chamou pra trabalhar com ela // \$

No desenvolver da conversa online situada no *ground* JAM questiona JRM sobre a escolha pela profissão de cabelereira, e é nesse momento que JRM começa a narrar sobre o fato de realizar alguns cortes de cabelo mesmo sem formação técnica, como se pode conferir na linha 262 “eu sempre assim / cortei o cabelo da minha filha / e tal // \$”.

JRM segue com a narrativa realizando linguisticamente o *construal* introdutor de DDF “eu falei assim”, o qual se apresenta como nas análises anteriores. Em seguida, JRM realiza o DDF “/ ah / eu vou fazer um curso de cabeleireiro // \$”, usando o *Frame* de Conversa, como *frame* atencional, este delimitador de um domínio conceptual prosodicamente específico, para produzir a cena virtual na qual encena um diálogo fictivo, assumindo a perspectiva dela mesma, como se fosse um debate interno. JRM é a conceptualizadora primária e, ao mesmo tempo, conceptualizadora invocada no enunciado, por ela mesma, quando usa a primeira pessoa “eu”, no introdutor de IF. Com o uso do verbo “falei”, ela adiciona um texto “pensado” anteriormente, não necessariamente proferido. Note-se que não há marcas explícitas de que a “fala” passada foi realmente proferida para alguém que não fosse ela mesma, sugerindo apenas um pensamento que, na cena corrente, é enquadrado como fala; por isso, uma IF.

Ainda em termos dêiticos, ao assumir a perspectiva de primeira pessoa, JRM fala como quem acaba de ter a ideia de fazer o curso e que o fará em um futuro, como expressa pela locução verbal “vou fazer”, conteúdo esse não-alinhado com o *ground* da interação face-a-face, pois o curso já fora realizado há tempos atrás. A produção do DDF, então, não se encontra ancorada na interação factiva, o que pode ser comprovado pelo enunciado da linha 264, quando a participante retoma a sequência da narrativa ancorada no tempo passado (*ground* parcialmente perfilado), conforme se pode observar: aí eu fiz / lá no SENAC / tal / e / depois saí do curso / foi [/1] foram quatro meses / fiz o aperfeiçoamento lá mesmo / e / a [/1] a instrutora me chamou pra trabalhar com ela // \$.

Sendo assim, argumentamos que as ocorrências de IF por meio do *Frame* de Conversa, compreendidas como frames atencionais, estão associadas à tomada de perspectiva e se revelam como operadoras de uma estratégia intersubjetiva e argumentativa para que se promova o alinhamento cognitivo entre as participantes da

interação factiva, no caso, JRM e JAN. Dessa forma, a DDF se consolida como propiciadora de um manejo de perspectivas muito próprio, servindo de evidência nítida da multiplicidade de alternativas que o *construal* oferece, com formas e funções muito bem pareadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se dedicou a realizar um percurso teórico-metodológico de investigação de um tipo de IF, o Discurso Direto Fictivo, apoiada em dados oriundos de *corpora* compostos por dados reais de fala, fossem constituídos com o propósito de estudo (PAULA, 2018) ou fossem tomados como referência (C-ORAL BRASIL, RASO; MELLO, 2012).

Delineou-se, a partir de uma abordagem centrada na Linguística Cognitiva (LANGACKER (1987, 1990, 1991, 2008), TALMY (1988, 2000) LAKOFF E JOHNSON (1980), FAUCONNIER (1994, 1996, 1997), FILLMORE (1982, 1985, 1993), SWEETSER (1990), uma série de conceitos ou noções que deram sustentação ao objeto da pesquisa, em especial os conceitos de ancoragem (*grounding*), domínio, perspectiva conceptual (*construal*), perspectiva, ponto de vantagem (ou ponto de vista) e (inter)subjetividade (LANGACKER, 1987, 1990, 1991, 2006, 2008; VERHAGEN, 2005, 2007, 2008; TRAUGOTT; DASHER, 2005).

Em termos metodológicos, optou-se pelo desenvolvimento de uma metodologia que combinasse a abordagem *corpus-based* com a abordagem *corpus-driven* (MCENERY;HARDIE, 2012; TOGNINI-BONELLI,2001), priorizando-se o tratamento qualitativo dos dados e considerando-se a natureza do objeto da pesquisa - intuitivamente percebido como característico de contextos informais de uso e potencialmente sinalizador de estratégias discursivas específicas - bem como a natureza dos dados, provenientes de contextos de fala espontânea.

Sendo assim, levantou-se a hipótese de que a IF (PASCUAL, 2002, 2014; PASCUAL; SANDLER, 2016), em especial o tipo destacado neste estudo, o Discurso Direto Fictivo (DDF) (ROCHA, 2004, 2006, 2012, 2013, 2014, 2018, 2020) , estruturado por meio de um *Frame* de Conversa (PASCUAL, 2014, 2016) exibiria um determinado propósito discursivo por parte do falante, ao convidar seu interlocutor a assumir uma dada perspectiva discursiva - valendo-se, para isso, de uma janela de atenção ou *frame* atencional (LANGACKER, 2008)- para obter, em última instância, um alinhamento de pontos de vista sobre um determinado evento discursivo (VERHAGEN, 2005, 2007, 2008; ALMEIDA, 2010, 2019; ALMEIDA; FERRARI, 2012)

Por meio de uma análise qualitativa dos dados, identificou-se padrões de perspectivação conceptual (*construal*) que operam como introdutores de DDF, sendo o padrão “eu falei assim” ([SN VDic SAdv [S]]) o mais produtivo da amostra, quando o

falante toma a sua própria perspectiva no plano fictivo, deslocado do centro dêitico do discurso, o *ground*, evidenciando uma interação não genuína ou verídica.

Do ponto de vista cognitivo-linguístico, observou-se que o DDF é caracterizado por determinados padrões sintático-semânticos que podem ser codificados linguisticamente (TRAUGOTT; DASHER, 2005) ou que só podem ser compreendidos de modo implícito (LANGACKER, 1987, 1990, 1991, 2008; VERHAGEN, 2005, 2007, 2008), sendo fortemente dependentes da relação estabelecida entre os conceptualizadores primários da interação face-a-face, falante e interlocutor.

Do ponto de vista melódico, verificou-se, ainda, que o fenômeno do DDF funciona como um *frame* atencional ou janela de atenção (LANGACKER, 2008), que, combinado a padrões sintático-semânticos específicos, assume contornos melódicos também específicos, contribuindo, dessa forma, para a interpretação de uma interação verbal não genuína.

Finalmente, mas não menos importante, esta pesquisa espera ter contribuído para os estudos sobre a Teoria da Fictividade (TALMY, 1996, 2000; LANGACKER, 1999, 2008), em especial sobre Interação Fictiva, representada neste estudo pelo tipo Discurso Direto Fictivo, lançando luz, também, sobre a interface entre Cognição, Discurso e Gramática que fundamenta os estudos sobre Linguística Cognitiva.

A presente pesquisa se constitui, dessa forma, em um movimento em direção ao aprofundamento dos achados aqui delineados, ampliando as bases de *corpora* de fala espontânea bem como as ferramentas metodológicas de análise de dados em pesquisas futuras sobre a função discursiva da Interação Fictiva, em especial do Discurso Direto Fictivo, nas interações verbais cotidianas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sandra. Tese de Doutorado. **Subjetividade e Intersubjetividade**: as construções completivas epistêmicas em inglês. Rio de Janeiro, 2010 (mimeo).

ALMEIDA, S. A. F.; FERRARI, L. V. **Subjectivity, intersubjectivity and epistemic complementation constructions**. Online proceedings of Uk-cla meetings - selected papers, v. 1, p. 110-127, 2012.

ALMEIDA, Sandra Aparecida Faria de. **O conceito de perspectiva na rede conceptual das construções completivas epistêmicas**: o caso das construções intersubjetivas disjuntivas. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 9, n. 2, p. 214-236, maio-ago/2019.

DORNELAS, A. B.; ROCHA, L. F. M. **Movimento fictivo no português brasileiro**: uma abordagem construcionista. *Linguagem & Ensino*, v. 17, n. 1, 2014, 129-150.

DORNELAS, A. B. **Construções de movimento fictivo em Português do Brasil**: cognição e corpus. 2014. 157 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguística, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/4638>. Acesso em: 15 dez. 2017.

DORNELAS, A.; PASCUAL, E. Echolalia as communicative strategy: Fictive interaction in the speech of children with autism. In: PASCUAL, E.; SANDLER, S. **The conversation Frame**. Forms and Functions of Fictive Interaction. Amsterdam / Philadelphia, John Benjamins, 2016, p. 563-595.

FAUCONNIER, G. **Mental Spaces**: aspects of meaning construction in natural languages. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1994.

_____. **Mappings in language and thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. **The way we think**: conceptual blending and the mind's hidden complexities. Nova York: Basic Books, 2002.

FERRARI, Lilian. **A teoria dos espaços mentais**. In: _____. **Introdução à Linguística Cognitiva**. 1. ed., 2. Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016. p. 109-128.

FILLMORE, C. Frame and the semantics of understanding. *Quarderni di semantica*, 6(2):222-253, 1985.

FILLMORE, C. Frame semantics. In: **Linguistic Society of Korea** (ed.). *Linguistics in the Morning Calm*. Seoul: Hanshin, pp.111-138, 1982.

FILLMORE, C; KAY, P. **Construction grammar**. Unpublished manuscript. University of California, Berkeley, 1993.

KOCH, I.V; CUNHA-LIMA, M. L.. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: **Introdução à Linguística 3: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things**. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LANGACKER, R. W. **Cognitive Grammar: a basic introduction**. New York: Oxford University Press, 2008.

LANGACKER, R. W. **Virtual reality**. *Studies in the Linguistics Sciences*. V. 29, n. 2, 1999.

LANGACKER, R.W. **Concept, Image, and Symbol: The Cognitive Basis of Grammar**. Berlin and New York: Mouton de Gruyter, 1991.

LANGACKER, R.W. **Foundations of Cognitive Grammar: Theoretical Prerequisites**. Vol. 1. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, R. **Subjetificação**. (Tradução) In: *Veredas -Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de, nº 23, vol.2, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas> Acesso em: 30 de set. de 2020.

PASCUAL, E. **Fictive interaction within the sentence: a communicative type of fictivity in grammar**. *Cognitive Linguistics*, v. 17, n. 2, p. 245-267, 2006.

PASCUAL, E. **Fictive interaction: the conversation frame in thought, language and discourse**. Amsterdam: John Benjamins, 2014.

PASCUAL, E. **Imaginary dialogues: conceptual blending and fictive interaction in criminal courts**. 2002. 295 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Vrije Universiteit, Amsterdam. 2002.

PASCUAL, E.; SANDLER, S. **The conversation frame: forms and functions of fictive interaction**. Amsterdam: John Benjamins, 2016.

ROCHA, B. N. R. de M. **Uma metodologia empírica para a identificação e descrição de ilocuções e a sua aplicação para o estudo da Ordem em PB e**

Italiano. 266 f. Tese de Doutorado (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

ROCHA, L. F. M. **A autocitação fictiva:** abordagem sociocognitiva de um tipo de fictividade discursiva em Português Europeu e Brasileiro. 2011. 185 f. Relatório (Estágio Pós-Doutoral) – Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos, Universidade Católica Portuguesa. Braga, 2011.

ROCHA, L. F. M. **A construção da mimesis no reality show:** uma abordagem sociocognitivista para o discurso reportado. 2004. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

ROCHA, L. F. M. **A fala silenciosa reportada:** metáfora, metonímia e mesclagem. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 23-38, junho de 2006.

ROCHA, L. F. M. **A perspectivação conceptual em Autocitação Factiva e Fictiva.** DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada (PUCSP. Impresso). , v.29, p.311 - 339, 2013b.

ROCHA, L. F. M. **Autocitação fictiva como escaneamento mental:** mover-se conceptualmente sem se deslocar. *Revista da ABRALIN.* , v.11, p.113 - 143, 2013a.

ROCHA, L. F. M. **Autocitação fictiva em português europeu e brasileiro.** Alfa: Revista de Linguística (UNESP. Online). , v.58, p.63 - 92, 2014.

ROCHA, L.; ARANTES, P. Intonation of fictive vs. actual direct speech in a Brazilian Portuguese corpus. In: PASCUAL, E.; SANDLER, S. (Eds.) **The conversation frame:** forms and functions of fictive interaction. Amsterdam: John Benjamins, 2016.

ROCHA, L.; PAULA, L.; ANDRADE, M. **Mudança fictiva em corpus de fala espontânea do PB.** Gragoatá, vol. 21, n. 40, p. 224-249, 2016.

SILVA, A. S. da. **Perspectivação conceptual e Gramática.** *Revista Portuguesa de Humanidades:* estudos linguísticos. Faculdade de Filosofia da UCP, Braga, 2008, vol. 12-1, p. 17-44.

SWEETSER, E. **Changes in figures and changes in grounds:** A note on change predicates, mental spaces, and scalar norms. *Cognitive Studies: Bulletin of the Japanese Cognitive Science Society*, 3:3 (Sept. 1996 - Special Issue on Cognitive Linguistics), p. 75-86, 1996.

SWEETSER, E. **From Etymology to Pragmatics.** Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TALMY, L. **Toward a cognitive semantics.** 2 volumes. Cambridge, MA: Massachusetts Institute of Technology, 2000.

TOMASELLO, M. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano.** (C. Berliner, Trad.) São Paulo: Martins Fontes, 2003.)

VERHAGEN, Arie. *Constructions of Intersubjectivity: Discourse, Syntax and Cognition.* New York: Oxford University Press, 2005.

VERHAGEN, A. Intersubjectivity and the architecture of the language system. In: ZATLEV, J. et al (eds.). **The shared mind: perspectives on intersubjectivity.** Vol. 12 Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2008.

VERHAGEN, A. Construal and perspectivization.

In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H (eds.). **The Oxford handbook of Cognitive Linguistics.** New York: Oxford University Press, 2007.

SILVA, A. S. da. **Perspectivação conceptual e Gramática.** *Revista Portuguesa de Humanidades: estudos linguísticos.* Faculdade de Filosofia da UCP, Braga, 2008, vol. 12-1, p. 17-44.

ANEXOS

Anexo 1: Transcrição do Corpus de Estudo

Transcrição conversa 01 Negociação e Execução do Procedimento Papilar

Tópico 01: Negociação acerca do procedimento capilar ombré hair

1	Luciana	É :: Deise, vai ficar lora hen ?
2	Deise	mas é mais nas pontas né?
3	Luciana	é,
4	Deise	é [né ?]
5	Andreia	[mas] olha da onde ele pega na franja, vê se você qué que ele desce mais (pausa)que ele é bem, tá vendo, é nas pontas, mais ele é bem, tá vendo?
6	Deise	Hanrã
7	Ambiente	((ruído de secador de cabelo))
8	Andreia	aqui ó:: ele pega uns por cima daqui da franja ó aí, aqui:,e por dentro
9	Deise	Eu não queria muito não, queria [mais] na[ponta]
10	Andreia	[tá] [mais] a partir daqui então
11	Deise	é:
12	Andreia	Daqui?(pausa)faz um poquinho aqui né?
13	Deise	é, um poquinho
14	Andreia	aqui,[aqui:] e [vai] = degrade
15	Deise	[é] [isso] isso
16	Pessoas	(barulho de outras pessoas no fundo)
17	Adrina	Isso é aos poucos mesmo, se não assusta
18	Deise	é, mas ficou ótimo, todo mundo, nossa mas ficou ma::ra
19	Andreia	ah é, porque era pr:etinho né ?
20	Deise	=
21	Andreia	deu uma diferença gritante
22	Deise	mas depois volta (pausa)
23	Ambiente	((ruído de secador de cabelo))
24	Ariana	E bom mudar né Deise?
25	Deise	ah é (pausa)uma vida inteira morena (pausa longa)

Obs: A participante Luciana pronuncia a palavra “loira” como “lora”; a participante Andreia pronuncia a palavra “quer” como “qué”; a participante Deise pronuncia a palavra “Mara” como uma possibilidade de variação da palavra “maravilhoso”.

Tópico 02: Defeito do ônibus

	26	Andreia	ô gente, o povo é muito engraçado né? O:: = onios é:: o ônibus deu [defeito],
	27	Deise	[risos]
	28	Andreia	teve:: que:: parar né, mas o povo xinga né ?
	29	Deise	(risos)
	30	Andreia	de ter que fazer baldiação né? no::sso Deus.
	31	Deise	(risos)
	32	Pessoas	(barulho de pessoas no ambiente)
	33	Luciana	= como se o motorista tivesse culpa
	34	Andreia	No::sso Deus
	35	Andreia	é, e eu falei, i:::, não adianta não, = banquei a esperta [entrei e sentei, que eu tava em pé.]
	36	Deise	[risos]
	37	Andreia	[fiquei esperta entrei e sentei], vá tomar banho, vê se eu vou perder tempo de murmurar, quanto mais murmura menos né, mais demora. mas o povo já fica atrasado, [i:: nem esquento.]
	38	Deise	[ridos]
	39	Andreia	Tem dia que cê tá na paz né?
	40	Deise	É
	41	Andreia	mas o povo briga né?
	42	Deise	(risos)
	43	Andreia	briga por tudo, que merda, esse ônibus, esses ônibus tá lata véia, ah tá doido.tamem tanta gente carregando
	44	Luciana	= fazer o que
	45	Deise	Mas é semvergonhice do dono da viação
	46	Andreia	é:::
	47	Andreia	Porque tem tem oficina né?
	48	Deise	Tem
	49	Andreia	mas eles não para pra faze manutenção, porque num = é:: prejuízo
	50	Deise	tem oficina [i::]
	51	Andreia	[tem] ônibus pra substituí tamem
	52	Deise	Exatamente
	53	João	E o passageiro pode mudar pó otro, =
	54	Todos	(risos)
	55	Andreia	é verdade, reclamam:::do [horro::res [mais]
	56	Deise	[mais] fica reclamando

Obs: A participante Andreia pronuncia a palavra “estava” como “tava”, a palavra “vai” como “vá”, a palavra “você” como “cê”, “velha” como véia”, “também” como “tamem”.

Tópico 03 : Resultado da escova progressiva

	57	Ambiente	(pausa longa)
	58	Deise	e essa progressiva ma::ravilhosa Andreia?
	59	Andreia	cê gostou?
	60	Deise	meu deus = [falei assim]
	61	Andreia	[se vê que hidrata né]
	62	Deise	= que progressiva é essa
	63	Andreia	Num fica com aquele::: com aquela::ponta
	64	Deise	com aquela ponta [esticada]
	65	Andreia	[a ponta horro::rosa] né
	66	Deise	é:: no::ssa que progressiva é essa
	67	Andreia	Ah, não gosto de progressiva ruim ô Deise, eu falo assim que eu pago o fornecedor um pouco mais caro mas o cliente vê o resultado.
	68	Deise	no::ssa eu falei mã::e
	69	Andreia	Do que aquelas baratinhas que fica com as ponta [tudo espigada]
	70	Deise	[que progressiva é essa]falei assim, gente num precisa nem fazer hidratação nesse cabelo nunca mais na vida. (risos)
	71	Andreia	ah é hidrata muito né
	72	Andreia	[nu:: demais]
	73	Andreia	[Mas progressiva] que fazer isso, tem que alinhar tem que hidratar, quando é diferente é que tá errado, que porque o produto só tem formol sabe
	74	Deise	hurum nó::ssa eu amei, eu lavo o cabelo e saio com ele molhado
	75	Andreia	ah: que beleza
	76	Deise	precisa fazer nada
	77	Lucina	oh vida boua
	78	Andreia	não perdeu o brilho né
	79	Deise	não não perdeu
	80	Deise	aquilo que cê falou né, que ia ficar, que ia perder, daí eu falei assim, gente o que foi que foi que aconteceu, eu acho que essa progressiva é maravilhosa

	81	Andreia	não, é que por que na verdade não é que perde totalmente, é que o cabelo preto brilha mais
	82	Deise	é::
	83	Andreia	mas ta vendo, mesmo o seu oh, a lá
	84	Deise	não perdeu
	85	Deise	e não ficou ressecado, aquele ressecadão
	86	Andreia	Não
	87	Deise	só embaraça né
	88	Deise	gente como o cabelo embaraça
	89	Andreia	É
	90	Deise	na hora que toma banho assim embaraça

Tópico 04: A viagem para o EUA

	91	Andreia	oh Deise, tá animada?
	92	Deise	não (risos)
	93	Andreia	não, Deise
	94	Andreia	tá com medo?
	95	Andreia	também não né
	96	Deise	não, medo não
	97	Andreia	tá:: tá na expectativa né
	98	Deise	é,
	99	Deise	eu tô indo se der certo bem se não dé certo eu volto
	100	Andreia	é:
	101	Andreia	tem pra onde voltá né que
	102	Deise	[graças e Deus]
	103	Andreia	[é ruim quando] se vai e a gente num, num, né, num tem escapatória
	104	Andreia	mas acho que tem que tentar mesmo
	105	Deise	graças a Deus aí eu -
	106	Luciana	você vai quando?
	107	Deise	vou domingo agora
	108	Luciana	agora já?
	109	Deise	(risos)
	110	Andreia	aí se vai, mas eu acho que você vai gostar de lá, diz que vida lá é boa
	111	Deise	mas o problema é que eu não falo inglês né, e vou ficar sozinha, e eu num dirijo
	112	Andreia	mas se aprende a falar inglês lá uai
	113	Luciana	= vai ouvir e [aprender na marra]
	114	Deise	[Não, aprender] é o de menos
	115	Deise	o problema é eu ficar em casa porque, eu comê que eu vô fazê, lá é tudo de carro
	116	Andreia	É
	117	Andreia	é::: se vai estranhar

118	Deise	é,mas eu do um jeito
119	Andreia	ah é, cê anda de uber
120	Deise	[em casa é que eu num fico]
121	Luciana	[viva a internet viva o::]
122	Luciana	vai pagar uns mico diferente na rua né
123	Deise	(risos)
124	Deise	vai tê história pra conta
125	Deise	ai ai
126	Deise	mas o inglês é o seguinte, o básico eu sei me comunica pergunta alguma coisa, pedir comida
127	Andreia	Sim
128	Deise	agora ficar batendo papo eu não sei não
129	Luciana	Mas aí você sabe o básico, [o resto é vem com o tempo]
130	Deise	[é só o essencial mesmo]
131	Deise	pedir informação e pronto, perguntar quanto que custa (risos)
132	Deise	e só
133	Luciana	ai Deise, pedir comida Deise
134	Andreia	mais lá por exemplo ele fica muito ocupado muito?
135	Andreia	fica né, claro
136	Deise	ah:: se aqui ele não me dá muita atenção Andreia imagina lá
137	Deise	essa semana ele não dormiu em casa dia nenhum
138	Andreia	num ficô não
139	Deise	Não
140	Deise	ai ele vai:: trocou a loja de lugar né
141	Andreia	Uhrum
142	Deise	aí tá lá fazendo obra ai ele chega seis horas da manhã ai,
143	Andreia	tem que fazer a noite né
144	Deise	É
145	Deise	aí seis horas da manhã, oito horas eu levanto saio e ele levanta meio-dia trabalha e chega no outro dia seis horas da manhã
146	Deise	aí essa noite eu dormi na minha mãe, falei assim ficar sozinha? É ruim hein
147	Andreia	aí também ficar com ela um pouco né Deise?
148	Deise	é:: (pausa longa)

Obs: A participante Deise pronuncia a palavra “estou” como “tô”, a palavra “der” como “dé”, a expressão “como é” como “comé”; a participante Luciana pronuncia a palavra “ter” como “tê” e a participante Andreia pronuncia “ficou” como “ficô”.

Tópico 05: Crise de endometriose

149	Deise	segunda-feira ela me deu um susto
150	Deise	[a gente tava na rua-]
151	Andreia	[é menina]
152	Luciana	[e ela melhorou?]
153	Deise	nã-o
154	Deise	é só crise, ai depois que passa parece que nada acontece
155	Andreia	=ter crise na rua é terrível né?
156	Deise	no::ssa a gente tava andando, agente foi na leitura comprar um livro e Depois a gente ia lá no Evanhoé, ai ela vão passar lá que eu quero levar uma rosca pra gente tomar café, que não sei oque, na hora que a gente tava chegando na padaria ela despencou
157	Andreia	ela deu a crise
158	Deise	a gritar, eu falei gente vamos pro hospital
159	Luciana	ela falou
160	Andreia	aí ela toma medicação na veia né?
161	Deise	na veia
162	Deise	aí ela tava sem lugar, ela deitava, ela levantava
163	Luciana	ainda dei noticia errada pra Andreia
164	Deise	(risos)
165	Luciana	Andreia, a mãe da Lu teve uma crise de endometriose
166	Deise	(risos)
167	Deise	a mãe da Lu?
168	Deise	(risos)
169	Andreia	pensei comigo, como?
170	Deise	(risos)
171	Luciana	aí ela falou Nã::o, tá errado
172	Luciana	eu falei nã::o, tá certo olha aqui a mensagem no celular aqui ó, pergun- né vô perguntar como é que tá e tal ue,
173	Luciana	ela, Luciana quem mandou essa mensagem foi a Deise
174	Deise	(risos)
175	Luciana	[a vó dela não pode ter uma crise de endometriose]
176	Deise	[(risos intensos)]
177	Luciana	[eu ah::: Andreia uai, como que eu vou saber
178	Deise	[risos]
179	Andreia	mas a endometriose é o endurecimento do muco né cervical ?

	180	Deise	É
	181	Andreia	como é que a dona vai ter muco [=]não tem há muito tempo
	182	Deise	[(risos)]
	183	Luciana	Deni::se, a Deise não assinou a mensagem e mandou pelo celular da Lu
	184	Deise	o que que eu falei na mensagem, eu nem lembro
	185	Luciana	nã::o, você falou Lu minha mãe teve uma crise assim, assim, assado,
	186	Luciana	só que eu achei que quem tava me mandando a mensagem [era a sua mãe]
	187	Deise	[ah era minha mãe]
	188	Luciana	aí eu falei Adria::na a mãe da Lu teve uma crise de endometri-
	189	Luciana	não Luciana não pode ser,
	190	Luciana	é sim olha aqui a mensagem, ela teve uma crise
	191	Deise	[(risos intensos)]
	192	Andreia	eu não aguentei
	193	Andreia	mas a Lu tinha me mandado também uma mensagem que ela não foi
	194	Deise	aí gente,
	195	Luciana	fica difícil
	196	Deise	aí Lucia:na, da próxima vez eu assino
	197	Luciana	eu, não Andreia está escrito
	198	Andreia	Figura
	199	Luciana	Ai Deise foi muito engraçado
	200	Deise	Não Andreia olha aqui (risos)
	201	Luciana	Não Andreia tô falando sério aqui oh, ela nem pô-, ia visitar o Evanhoé e nem pôde, por que teve que ir ajudar a mãe dela

Tópico 06: Negociação a respeito do procedimento capilar que está sendo realizado

	202	Ambiente	(período longo de silêncio)
	203	Andreia	Um palmo?
	204	Deise	Você que manda Andreia
	205	Ambiente	(ruídos)
	206	Andreia	Vira pra cá vira
	207	Ambiente	(ruídos)

Tópico 07: Retorno ao Tópico 04 (viagem para EUA)

	208	Andreia	E aí Dê lá se vai morar a on-, em qual estado?
	209	Deise	Vou morar em Massachusetts
	210	Deise	Perto de Boston, na cidade perto de Boston que eu não sei o nome ainda
	211	Andreia	Aham

	212	Deise	Porque:: o diálogo lá em casa é muito complicado (.hh)
	213	Andreia	Uhum
	214	Deise	Só sei que eu vou
	215	Andreia	O pessoal que vai pra lá gosta muito de lá né
	216	Deise	é:
	217	Andreia	fala que a qualidade de vida é outra
	218	Deise	é:
	219	Andreia	Que assim, é bom de viver, que é tranquilo
	220	Deise	é::
	221	Deise	E chegando lá também vou estudar sabe Andreia
	222	Deise	Tem uma escola lá perto da minha casa, diz ele né que aí vou me matricular pra aprender inglês
	223	Andreia	Uhum
	224	Andreia	Tem quanto tempo que ele tá aqui?
	225	Deise	Ele voltou em fevereiro
	226	Andreia	Do ano passado?
	227	Deise	Desse ano
	228	Deise	Ele foi em janeiro
	229	Andreia	Ah:: ele teve lá
	230	Deise	Teve, esse mês-esse ano
	231	Deise	Ele foi arrumar as coisas
	232	Deise	Alugar a casa:: e tudo
	233	Andreia	Uhunrum
	234	Ambiente	(pausa longa)

Tópico 08: Reação do enteado

	235	Andreia	E o mininim?
	236	Deise	Vai ficar
	237	Andreia	Tá chorando? [não]
	238	Deise	[tá]nada
	239	Deise	Não liga pra ele não, vê ele como banco
	240	Andreia	Uhunrum
	241	Deise	[Pai quero comprar]
	242	Andreia	[=]
	243	Deise	Aí ele foi esse final de semana pra lá pra São Paulo, aí ele perguntou, cadê a Deise, cadê a Desinha?
	244	Deise	Aí o Pedro, não ela não veio não
	245	Deise	Aí ele pegou e falou, não liga pra ela, vamo busca ela (.hh)
	246	Deise	Aí o Pedro, nã:o mas não é tão perto assim não, não vai dar pra buscar ela não

	247	Deise	Aí o Pedro disse que ele encheu o olho de lágrima
	248	Andreia	Criança se apega né?
	249	Deise	É
	250	Andreia	Num tem quem trata eles com carinho
	251	Deise	Esses dias ele tava reclamando que o filho dele não ama ele
	252	Andreia	É porque não convive muito né Deise, e homem é seco
	253	Deise	Ah:: e eu falei é sua ah::é a mãe do seu filho porque
	254	Andreia	Agora a mãe é burra também, né
	255	Deise	É:: muito burra
	256	Andreia	Porque se fosse eu não ia, assim incentivava o menino a gostar:: dele né
	257	Andreia	Num ia né?
	258	Andreia	Ela dá mole demais, é burra
	259	Deise	(.hh) é muito burra mesmo
	260	Andreia	Que que tem uma coisa avê com a outra né? são duas relações muito diferentes
	261	Deise	Ela devia agradecer, eu trato tão bem o filho dela
	262	Andreia	É:: devia ser sua a::-divia se assim te considerar porque tratar mau o filho da gente é muito ruim né
	263	Deise	É:: ainda mais uma criança
	264	Andreia	E ele por exemplo ter liberdade de saber que ele vai pra sua casa é que ele vai ser bem tratado
	265	Deise	E aqui minha mãe trata ele igual neto cê tem que ver
	266	Deise	I vai na rua e compra presente enche a geladeira de coisa de criança
	267	Deise	Faz fe:sta de aniversário

Tópico 9: Retorno ao Tópico 04 e 08 (a viagem para EUA)

	268	Ambiente	(pausa longa)
	269	Luciana	Dobrar a beiradinha ou não?
	270	Andreia	Não, não precisa não poque:: e de ponta né
	271	Ambiente	(pausa longa)
	272	Andreia	Aí você vai viajar domingo de manhã?
	273	Deise	É
	274	Andreia	Vai pro Rio?
	275	Deise	É
	276	Andreia	De manhã?
	277	Deise	É
	278	Andreia	Seu voo é que horas?
	279	Deise	É oito horas

	280	Andreia	Da manhã?
	281	Deise	Hanram
	282	Andreia	Tem que sair muito cedo né? quantas horas daqui lá?
	283	Deise	Duas horas e meia mais ou menos
	284	Andreia	Não é muito não né?
	285	Deise	Aí (pausa longa)
	286	Deise	Aí como eu num posso parar nos Estados Unidos aí vou ter que ir pra Bogotá, de Bogotá ir pra Cidade do México, aí na terça-feira é que eu vou chegar no Canadá.
	287	Luciana	Por que?
	288	Deise	Por causa do visto
	289	Luciana	Ah tá
	290	Deise	Aí num pode parar lá, porque se fosse = né aí parava-
	291	Andreia	Aí cê vai pra Bogotá primeiro
	92	Deise	Vou pra Bogotá primeiro, aí fica uma hora lá
	293	Andreia	Hunrum
	294	Deise	E depois na Cidade do México agente vai ter que passar a noite lá
	295	Andreia	E aí do México você consegue entra?
	296	Deise	Do México pro Canadá
	297	Andreia	Mas de [avião]?
	298	Deise	[de] avião
	299	Andreia	Hanram
	300	Deise	Aí eu vou ficar lá no Canadá uma semana, no domingo eu vou
	301	Andreia	Ele vai com você?
	302	Deise	Ele vai comigo
	303	Andreia	Deus me livre né?
	304	Deise	Não, tá doido (risos)
	305	Deise	Já tô fazendo uma coisa ilegal e ainda sozinha
	306	Deise	(pausa longa)
	307	Andreia	Aí eles não pode te pegar lá
	308	Deise	Não
	309	Deise	Não porque eu tenho visto canadense né
	310	Deise	Canadense eu tenho
	311	Andreia	Ah:: então cê pode ficar no Canadá, pode falar que veio passeá,
	312	Deise	é
	313	Andreia	passeá se pod né?[claro]
	314	Deise	[não]não pode
	315	Andreia	Não?
	316	Deise	Não pode
	317	Deise	[Não pode de jeito nenhum]
	318	Luciana	[Não porque ela não tem visto]

	319	Deise	Nenhum
	320	Andreia	Que horror né, porque
	321	Andreia	O que eles alegam, que se é nova, que se
	322	Deise	É porque que eles acham que eu vou pra lá fazer vida
	323	Deise	acharam muito esquisito eu viajar na minha idade sou formada já conquistei tudo ((.)) aqui né? eu tenho um emprego:: que- que na época é:: eu levei os documentos da loja, porque a loja tava o meu no me e tal né
	324	Deise	Aí eu tenho um emprego, um negócio meu, e::: sou formada ((.))
	325	Andreia	O que que cê ia fazer lá né?
	326	Deise	Que que eu ia fazer lá?
	327	Deise	Mora lá?
	328	Andreia	É e vai
	329	Deise	Eles acertaram em cheio (risos)
	330	Luciana	Como se quem não é formado e não tem negócio próprio não [pudesse ir mora lá]
	331	Andreia	[pudesse morar lá]
	332	Deise	[é] (risos)
	333	Andreia	É mais fácil o quem negócio próprio voltar do que o que não tem né?
	334	Deise	É::
	335	Deise	Mas aí eu tinha que ter falado, sei lá, que eu ia pra Disney
	336	Deise	Que pra Disney todo mundo libera
	337	Andreia	Ah é?
	338	Deise	Hunrum
	339	Andreia	Mas é- mas se tem- cumpa- ida e volta né não?
	340	Deise	O que?
	341	Andreia	Passagem ida e volta
	342	Deise	É, a passagem minha também comprei, ida e volta
	343	Andreia	Hanram
	344	Deise	Porque eles perguntam, perguntam quanto tempo a gente vai ficar lá, perguntam quanto a gente tá levando de dinheiro
	345	Andreia	Pergunta tudo?
	346	Deise	Pergunta tudo
	347	Andreia	Se tem que comprova?
	348	Deise	Tenho, tem que levar caso eles peçam, mas eles não pedem não, só mesmo eles olham pra sua cara se for coma sua cara se vai, se não for com a sua cara se num vai.

Tópico 10: Venda de móveis

	349	Ambiente	(pausa longa)
	350	Deise	Mas é tão ruim desfazer das coisas da gente né?
	351	Andreia	É
	352	Deise	[Nossa (risos)= tô]
	353	Andreia	[Se tá vendendo tudo]
	354	Deise	Desmontando minha casa mas
	355	Andreia	Ou você vai guarda?
	356	Deise	Algumas coisas eu vou guarda, tipo copo, panela essas coisas dá pra guardar né
	357	Andreia	Hunrum
	358	Deise	Agora:: cama maquina de lavar geladeira eu tô vendendo tudo
	359	Andreia	Aí Lu, sua maquina tem quantos quilos?
	360	Deise	Dez quilos
	361	Andreia	Tá novinha né?
	362	Deise	Tá novinha, [a gente usou::]
	363	Andreia	[Já anunciou?]
	364	Deise	seis meses, ainda não mas tem que anuncia, ela lava e seca
	365	Andreia	Hanram
	366	Luciana	O que que você que vender Deise?
	367	Deise	Então a geladeira e o micro ondas eu já vendi e aí tem a minha cama que eu acho que vai ser muito difícil vender a cama
	368	Andreia	Por que? Ela é muito grande?
	369	Deise	Ela é muito grande
	370	Andreia	E ela tem maquina de lavar roupa Luciana
	371	Deise	e a maquina
	372	Luciana	Depois você me fala o que você quer vender, [quanto você quer]
	373	Deise	[vou] mandar foto te mando tudo direitinho

Tópico 11: Insatisfação com o casamento

	374	Andreia	A Lu vai casa- tá comprando algumas coisas pra casar
	375	Deise	É né Lu (risos)
	376	Luciana	Pedro
	377	Deise	(risos)boa sorte
	378	Deise	Mas você vai ser feliz, tem gente eu tem sorte eu é que não tive mesmo (risos)
	379	Luciana	Deixa de ser dramática Deise

	380	Deise	(risos)ai Deus
	381	Luciana	Você só esta estranhando e tem coragem de falar o que o zotro num tem, só isso
	382	Deise	Nossa mas tô estranhando tem muito tempo, não tem não?
	383	Luciana	Nã::o
	384	Deise	Já vai fazer um ano em agosto já
	385	Luciana	É muita mudança Deise
	386	Deise	Nosso Deus
	387	Luciana	É muita mudança
	388	Deise	Deus me livre
	389	Luciana	E você casou muito jovem, ouvi pouca história de [outras pessoas] entendeu?
	390	Deise	[Ouvi], ouvi mesmo
	391	Deise	Se eu soubesse não teria casado de jeito nenhum, nunca na minha vida
	392	Andreia	Mas a gente não acredita boba
	393	Deise	Deus me livre
	394	Luciana	É por que eu já ouvi um milhão de coisas aqui
	395	Deise	(risos)
	396	Andreia	E também a gente não acredita quando a gente tá apaixonado
	397	Deise	É
	398	Deise	= he he
	399	Luciana	A minha tia quando casou ela falou que o pior ano [do casamento dela]foi o primeiro,
	400	Andreia	[é o primeiro ano]
	401	Luciana	Por que o segundo foi menos pior, ela flou que quando chegou com dez anos de casado ela falou, gente por que que não era assim antes? (pausa longa)

Tópico 12: Saída noturna

	402	Deise	Sexta::: sexta e sábado eu saí né, fui lá naquele festeja lá
	403	Deise	Nossa gente, como era bom, fico lembrando, como que era bom,[sai]
	404	Andreia	[Agora] não tem graça né
	405	Deise	Num tinha é:: num tinha:: hora pra voltar, não, tem graça tem muita graça (.hh)
	406	Andreia	É?
	407	Deise	Dá saudade,
	408	Andreia	Hanram
	409	Deise	chega em casa-
	410	Andreia	Não tem graça assim, por que agora é:: é diferente num é?

	411	Deise	É diferente
	412	Deise	Agora cê num pode ficar com ninguém né Andreia, por que (risos) antes eu passava o rodo e agora eu posso ficar com ninguém
	413	Andreia	Hum
	414	Deise	Mas era muito bom, num tinha que dar satisfação, aia e voltava a hora que eu quisesse, só ligava pra minha mãe avisava onde que eu tava
	415	Deise	Aí eu saí de novo e falei gente o que que eu fui fazê
	416	Deise	Deus que-
	417	Andreia	Ah boba isso também uma hora cansa Deise
	418	Deise	Cansa, cansa
	419	Andreia	Depois você que tê casa, que tê família, que tê filho
	420	Deise	É, mas isso a gente pode fazer sozinha né?
	421	Andreia	Não
	422	Deise	Po::de (.hh)
	423	Andreia	Mas não boba, mas fica sem estrutura pra criança
	424	Deise	Mas a gente pode fazer sozinha Andreia (pausa longa)

Tópico 13: Filha da Lilyan

	425	Deise	Outro dia eu tava vendo a foto da Lilyan com a pititica dela
	426	Deise	No::ssa gente, mas é igualzinho
	427	Andreia	Num é a mesma [coisa]
	428	Deise	[Meu::] De::us do céu é a mi:ni:atura
	429	Andreia	É um absurdo
	430	Deise	Eu falei ge:nte como pode ser tão igual (.hh)
	431	Andreia	É
	432	Deise	É um xeroxzinho
	433	Andreia	Nunca vi parecer tanto é absurdo
	434	Andreia	A gente vê as fotos dela piquinininha
	435	Deise	E é igualzinho
	436	Andreia	Igualzinho
	437	Deise	(risos)
	438	Andreia	Mesmo cabelinho, poco cabelo, que só consegue deixar ele Chanel por que não cresce mais
	439	Deise	[(.hh)]

440	Andreia	Aquela carinha de:: minina de apartamento
441	Andreia	Aquela carinha assim (cara de idiota)
442	Deise	(.hh)
443	Andreia	Cachorro só morde neles
444	Deise	[(.hh)]
445	Andreia	[(.hh)]
446	Andreia	Nela e no irmão dela ela tem um irmão né
447	Deise	Tem
448	Andreia	Tem um irmão
449	Andreia	De nove anos, nove não oito
450	Andreia	Aí eles tem guarda compartilhada
451	Deise	Hã
452	Andreia	O minino durante a semana fica lá
453	Deise	Ó
454	Andreia	E vai pra escola né, ele é doido com o pai dele
455	Deise	Diferente né
456	Andreia	É
457	Deise	A mãe dexá
458	Andreia	A num teve alternativa né
459	Deise	Han
460	Andreia	Por que ela é desequilibrada
461	Deise	Ha::
462	Andreia	O menino num come o minino ela ela por exemplo ela que que ela faz ela num num assim num conformou né
463	Deise	Hanran
464	Andreia	Nunca conformou
465	Deise	Nunca conforma
466	Andreia	Não
467	Andreia	Aí fez fez fez fez o que que aconteceu ela:: põe o minino:: fala que ele não pode gostar da da família dela dela que ela só tem ele
468	Andreia	Oh: Luciana você num pode fazer um depósito pra mim no Itaú não?
469	Luciana	Tá fechado ainda
470	Andreia	Há:: no car- no coisa porque eu não consegui fazer ontem
471	Luciana	Não tem que ser só depois do almoço por causa daquele negócio
472	Andreia	Hanram
473	Ambiente	(pausa longa)
474	Andreia	Ai Dê o minino é bunitinho sabe, chama Pedro, ele é uma gracinha mas é completamente neurótico
475	Deise	É:: tadinho com a mãe estragou ele
476	Andreia	A mãe dele é a mãe dele::

	477	Deise	Mas aí ele vai pra lá final de semana e:::
	478	Andreia	Aí fica as vez fica é compartilhada ele queria a guarda total mas não vai conseguir por que não tem jeito né
	479	Deise	[Não pode]
	480	Andreia	[Aí é guarda] compartilhada ma::s ela::i ele adora a minina a airmãzinha
	481	Deise	É que bonitinho
	482	Andreia	Ai ele:: mas a Lilyan pena com isso, quando a Lilyan foi casar eu falei com ela, Lulyan você está preparada
	483	Deise	É:::
	484	Andreia	Eu fa- eu perguntei sabe
	485	Deise	Não é fácil não Andreia
	486	Andreia	Eu falei se tá preparada por que você já vai com uma família pronta, e aliás ele tem ele tem ó ele teve um filho na adolescência-
	487	Deise	Ele tem dois
	488	Andreia	Tem uma minina de dezessete anos
	489	Deise	Nossa
	490	Andreia	Com a mãe dela, a mãe dela é outra há:: assim não quis nada com o Fernando não arrumou um cara rico e viaja o mundo
	491	Deise	Hanram
	492	Andreia	A minina é criada pela vó materna
	493	Deise	Gente
	494	Andreia	Sempre foi a cara do pai o pai né o pai paga paga o colégio paga outras coisas
	495	Deise	Hanram
	496	Andreia	Ela também paga outras coisas ela casou com um homem muito rico
	497	Deise	Hanram
	498	Andreia	Aí a minina chama Gabriela
	499	Deise	Pelo menos dá sussego né
	500	Andreia	e gosta da Lilyan

Tópico 14: Conflitos no matrimônio

	501	Deise	Alô, oi bom dia,tu:do e você? (pausa)
	502	Deise	Por que meu marido não dorme em casa (pausa)
	503	Deise	(.hh)
	504	Deise	É: tem que levar as caixas né e você marcou o churrasco as onze horas
	505	Deise	Hã (pausa)
	506	Deise	Tá (pausa)
	507	Deise	Acho que:(pausa)
	508	Deise	Ah, você vai dar um pulo lá? Beleza

509	Deise	Aí quero vê com você vai ou não vai reservar o hotel lá no: no México?
510	Deise	Então tá
511	Deise	E tem que dar uma olhada na bolsa Pedro por que: tem que fechar aquela mala
512	Deise	Então tá
513	Deise	De tarde
514	Deise	Tá bom beijo tchau
515	Deise	Gente como que a pessoa dorme fora de casa e a outra nem se importa é impressionante
516	Andreia	É por que ele sabe que estava na sua mãe Deise
517	Deise	Nosso Deus hehe di= a semana inteira Andreia
518	Deise	Deus me livre
519	Andreia	Mas você falou alguma coisa com ele
520	Deise	Nada, eu não falo nada falar o que?
521	Deise	Que ai ele fala cê tá reclamando que eu tô trabalhando
522	Deise	Divia ser um vagabundo que não sei o que não sei o que
523	Deise	Pra mim tudo tem limite Andreia tudo
524	Andreia	Tem
525	Deise	Tudo tem limite num é possível a pessoa tem que trabalhar vinte e quatro horas e ai não se satisfaz Deus me livre hehe
526	Andreia	As vezes ele é muito:ativo pró ativo num é não, tem um poco de bipolaridade não
527	Deise	Não bipolar não ele é narcisista purim só pensa nele e pronto
528	Andreia	Cê acha que é isso
529	Deise	É::
530	Andreia	Por que por exemplo a pessoa que é muito ativa muito dinâmica tem hora que ela vacila de humor aí pode ser uma coisa fisiológica
531	Deise	Não::
532	Andreia	Você acha que não é
533	Deise	Ele é narcisista, se você não elogiar ele Andreia no:ssa
534	Andreia	Ah ele tem necessidade
535	Deise	Necessidade ele se acha melhor do que os outros em algumas coisas
536	Andreia	Hanram
537	Deise	É mui difícil é: um:ito difícil
538	Deise	Ai eu acabo com ele isso mata ele
539	Andreia	Cê fala né

540	Deise	Eu falo vou ficar deixando ele crescer pra cima de mim tá doida
541	Deise	Ai ai ele fala
542	Deise	Ai eu falo você tem todo dinhe- você se pode ter todo dinheiro do mundo mas num tem um real na sua conta
543	Deise	Ai ele morre de ódio
544	Andreia	Porque cê fala isso com ele né
545	Deise	Eu falo, ah:: vem falar do meu pai e da minha mãe
546	Andreia	Seu pai e sua mãe ue ah:que que ele tem que falar do seu pai e da sua mãe ele tem que lavar a boca pra falar do pai da sua mãe
547	Deise	Te:m
548	Andreia	Mas você deve cortar ele Deise
549	Deise	Não Aí eu falo mesmo
550	Andreia	Cê fala com ele olha eu vou te falar uma coisa eu não fico falando do seu pai e nem da sua mãe
551	Deise	Não eu (.hh) mas eu fico
552	Andreia	Então cê para
553	Deise	Parei já parei
554	Andreia	Cê para
555	Deise	Já parei tem um mês
556	Andreia	Cada um com o seu
557	Andreia	cada um com suas coisas
558	Andreia	Você para de criticar meu pai e minha mãe por que eles não te devem nada
559	Deise	Não, não mesmo
560	Andreia	Entendeu
561	Deise	Quem deve é você
562	Andreia	falei você= eles num te devem nada eles me criaram muito bem criado
563	Deise	É::
564	Andreia	Por que eu nunca dei problema para eles
565	Deise	Pois é
566	Andreia	Cê entendeu
567	Andreia	E outra coisa você respeita por que eles são meus pais e aí você também respeita os deles
568	Andreia	Cê dexa pra lá
569	Deise	Aí semana passada esse melhor amigo dele o sócio é:: foi fofoca com ele e eu nem tava sabendo Andreia por que::eu não falo com esse cara
570	Andreia	Hunrum
571	Deise	Sai da loja e:: tinha:: bastante tempo que eu num ia: num era bastante tempo

			mas assim tinha uns três dias que eu nem via minha mãe
572	Andreia		Hunrum
573	Deise		Que eu tava lá em casa arrumando as coisa já começando empacotar as coisas
574	Deise		Aí ele foi lá falar fiado com o Pedro que que o meu pai foi pedir a fura- a parafusadeira emprestada pra ele desparafusar o guarda roupa lá de casa que minha mãe comprou um novo
575	Deise		Aí minha mãe minha mãe foi fa- falou assim coitado do meu genro é:: compra as coisa mas num tem nada por que ele num tem cuidado com nada era pra ele ter muita coisa mas num tem cuidado com nada empresta pros outros os outros num tem cuidado, pronto
576	Andreia		É
577	Deise		Aí chegou no ouvido do Pedro assim
578	Andreia		Tudo destorcido né
579	Deise		Coitado do meu genro era pra ele ter muito mais coisa mas hoje ele não tem nada
580	Deise		Aí ele veio rezar uma ladainha na minha cabeça que a minha mãe tinha falado da situação financeira dele que ele num tinha nada
581	Deise		Aí eu falei assim Pedro esse discurso não é da minha mãe esse discurso é do Leandro eu tenho certeza que foi ele que te contou por que ele já falou isso comigo
582	Deise		Ah:: pra que
583	Deise		Eu liguei pra minha mãe e falei mãe que história é essa que você tá falando da vida da situação financeira do Pedro sendo que eu sou esposa e nem eu sei
584	Deise		Ela Deise não foi isso aconteceu isso isso e isso
585	Deise		Aí minha ligou pra ele discascou ele e ele gritou com a minha mãe também
586	Deise		aí depois ele veio falar comigo que gosta muito da minha mãe e: que: a situação esta muito- que eu causei aquela situação
587	Deise		Andreia eu nem sabia da história
588	Deise		Como é que eu causei que eu inflamo as coisas que não sei o que não sei o que
589	Deise		Falei assim ah: Pedro

590	Andreia	Vê se você ia provoca- fazer uma situação pra sua mãe ainda deixar sua mãe mal na situação
591	Deise	Minha mãe passou mal aí o Leandro pegou e me bloqueou no telefone e eu nem falei com o Leandro hen bloqueou a minha mãe
592	Deise	Aí depois minha mãe foi lá na igreja e no outro dia foi lá pedir perdã- meio que perdão dá um tapa de luva no Leandro
593	Deise	falou olha você- o que você fez foi errado e tal mas eu queria te pedir desculpa
594	Deise	aí deu um tapa de luva aí ele desbloqueou a gente mas antes de desbloquear falei aqui ó [seu amigo]
595	Andreia	[ele é]crente
596	Deise	É:: ele é crente
597	Andreia	Se diz
598	Deise	É:: a mãe dele é pastora
599	Deise	Aí antes dele te desbloqueado eu mostrei pra o Pedro aqui ó seu amigo tão adulto que eu não falei nada com ele e ele me bloqueou no telefone
600	Deise	Aí ele mas ele não fez isso não
601	Deise	Falei assim olha aqui um dia tem foto outro dia num tem
602	Deise	Nem com ele eu falo
603	Deise	Aí tá
604	Deise	Aí agora tá tudo bem minha mãe conversou com ele lá e ele me desbloqueou
605	Andreia	Um idiota né
606	Deise	É um idiota mesmo e o Pedro tem que levar mesmo Andreia enquanto ele num levar pela cara a fora igual minha psicóloga falou
607	Deise	Enquanto ele não tiver prejuízo ele não vai aprender dar valor as coisas ele não vai: dá
608	Andreia	Hunrum
609	Andreia	Dexa ele dexa ele levar tinta né
610	Deise	É:: tem que levar
611	Andreia	Só num te envolver nas tinta
612	Deise	Pois é esse o problema é um outro problema
613	Andreia	Num envolve nem você e nem seu nome né Deise
614	Deise	Pois é

615	Andreia	Por que depois pra sair é fria
616	Deise	É:
617	Andreia	Dexa ele levar tinta e você vai saindo de fininho das coisas
618	Andreia	Por que num obstinado né num ouve
619	Deise	Não não ouve
620	Andreia	Se ele te ouvisse ele não se dava mal né
621	Deise	Não não escuta Andreia
622	Andreia	É por que acha que a gente qué manda
623	Deise	É exatamente
624	Deise	Acha que qué manda por que fala lá em casa quem manda lá em casa é minha mãe e que se eu tô achando que vou cantar de galo lá em casa que eu tô muito enganada
625	Andreia	Mas cê fala é: ela manda muito bem
626	Andreia	[(risos)]
627	Deise	[(risos)]
628	Andreia	É por que ela tem poder de decisão Deise é diferente né que ela manda no seu pai não
629	Andreia	Seu pai sabe que ela tem ela tem estrutura ela tem ela tem o que experiência [nos negócios]
630	Deise	[E o meu-]
631	Deise	E o meu pai fica feliz ele chama a minha mãe você é minha galinha dos ovos de ouro fala assim como ela
632	Deise	Olha que bunitinho
633	Andreia	Hanram
634	Deise	E o meu pai faz o dele pra lá e ela o dela pra cá
635	Deise	Os dois são muito companheiros ele limpa a cozinha pra ela meu pai é muito bom pra minha mãe
636	Andreia	Sim
637	Deise	E ele devia ser a mesma coisa
638	Andreia	Num é mole não né
639	Deise	Não
640	Deise	Não é fácil
641	Deise	Aí ele passou a maior vergonha né por que ele não quis me levar pra São Paulo não quis
642	Deise	não porque eu quero ter um tempo com a minha família que não sei o que
643	Deise	Aí a hora que ele me viu pronta pra sair na sexta feira ahn: se você quiser ir comigo tá pode pegar suas coisas

	644	Deise	Uai você mudou de ideia agora você mudou de ideia mas eu num vô não agora eu vou ficar por que vou sair com minhas amigas
	645	Deise	Aí peguei saí
	646	Deise	Chegou lá ele passou a maior vergonha todo mundo perguntando por mim uai mas cadê a sua: sua esposa
	647	Deise	Ele teve que falar mentira óbvio que ele num ia falar ah eu não quis que ela viesse
	648	Andreia	Hunrum
	649	Andreia	Dá até raiva num dá Deise
	650	Deise	Aí bem feito o filho dele choro por que eu num fui e ele também lá num deu atenção pra ele bem feito
	651	Andreia	E a família deve ter cagado e andado
	652	Deise	É:
	653	Andreia	Mas foi bom boba num é levando tinta que ele vai aprender
	654	Deise	É:: bem feito ele falou nossa todo mundo perguntando por você você devia ter vindo
	655	Deise	Eu falei pois é você num quis você falou a verdade
	656	Deise	Ah:: não né cê num fala a verdade
	657	Deise	Eu sô desse jeito
	658	Deise	(risos)
	659	Deise	Aí:: por eu tenho tanto ódio no coração meu Deus
	660	Deise	É muito difícil viver com uma pessoa que cê acha que é seu inimigo
	661	Andreia	Mas cê acha que é
	662	Deise	Ah: é: Andreia
	663	Deise	Andreia se eu passar mal e precisar de qualquer coisa ele é a última pessoa que eu posso contar
	664	Andreia	Ah: né não Deise

Anexo 2: Corpus C-ORAL BRASIL I – arquivo bfamdI22

*JAN: [1] gente / mas nũ pode isso / não // \$

*JRM: [2] nũ pode / não / ué // \$

*JRM: [3] nũ sei qual que + \$

*JRM: [4] &he / nũ adianta a &con + \$

*JRM: [5] na conversa nũ [/1] nũ tá indo / sabe // \$

- *JAN: [6] mas ela sempre foi assim / ou ela tá assim / <depois de que aconteceu essas coisas> // \$
- *JRM: [7] <ficou assim desde os quinze anos> // \$
- *JRM: [8] ela sempre foi meio pirracenta // \$
- *JRM: [9] ciumenta // \$
- *JRM: [10] sempre me deu trabalho assim / sabe // \$
- *JAN: [11] uhn // \$
- *JRM: [12] mas / agora tá demais // \$
- *JRM: [13] junta com a / turminha / some / eu tenho que ficar procurando / onde é que tá // \$
- *JRM: [14] nts // \$
- *JRM: [15] ai / nũ tá muito fácil não // \$
- *JRM: [16] sabe // \$
- *JRM: [17] nũ &fa [2] mente demais // \$
- *JRM: [18] difícil // \$
- *JRM: [19] eu tenho conversado muito com ela // \$
- *JRM: [20] falei / o' / Júlia / cê fica c' essas amizade aí / some / vai pa casa de um / &po [1] depois / se / der algum problema / ninguém vai querer ocê não // \$
- *JRM: [21] &ent [1] vai recorrer mesmo é pai e a mãe // \$
- *JRM: [22] e ocê fica aí / dando desgosto / falando cada coisa com a gente // \$
- *JRM: [23] acho que nũ devia ser assim não // \$
- *JRM: [24] falei lá [2] eu falo muito com ela // \$
- *JRM: [25] Nossa // \$
- *JRM: [26] &e [1] &che [1] &ti [1] teve uma época que até eu [1] eu fiquei com raiva dela / cê acredita // \$
- *JRM: [27] comecei a tomar raiva dela // \$
- *JRM: [28] eu falei assim / não / mas nũ posso / né // \$
- *JAN: [29] é // \$
- *JRM: [30] nũ dianta // \$
- *JRM: [31] tentar resgatar / que é melhor // \$
- *JAN: [32] ela se dava bem co pai // \$
- *JRM: [33] briga muito com ele ultimamente // \$
- *JRM: [34] mas ela sempre gostou muito dele / sabe // \$
- *JAN: [35] ah / o pai dela nũ é o / mesmo pai do seu <menino não> / né // \$

- *JRM: [36] <não> // \$
- *JRM: [37] não // \$
- *JRM: [38] eu casei e divorciei // \$
- *JRM: [39] &ti [/1] ela &com [/2] &t [/1] eu tive a Júlia / com seis ano de casamento // \$
- *JRM: [40] eu já tava / já / com trinta ano já // \$
- *JAN: [41] hum hum // \$
- *JRM: [42] ih / ela &fi [/1] &f [/1] nasceu / &f [/1] &f [/1] com um ano e três meses nós separamo // \$
- *JRM: [43] Luciano foi outro // \$
- *JRM: [44] outro caso // \$
- *JRM: [45] uns &fi [/2] e' tem outros filhos // \$
- *JRM: [46] tem um mais + \$
- *JRM: [47] o Luciano / né // \$
- *JAN: [48] uhn // \$
- *JRM: [49] pai do João // \$
- *JRM: [50] tem mais três filhos / né // \$
- *JRM: [51] com a [/2] com a ex-esposa // \$
- *JRM: [52] nós somos muito amiga / eu mais a ex-esposa dele / sabe // \$
- *JRM: [53] ea tem a cabeça boa // \$
- *JAN: [54] mas ela é ex-esposa / ela também tinha separado / <ou ela / viúva> // \$
- *JRM: [55] <&s [/1] não> // \$
- *JRM: [56] ela é viúva // \$
- *JAN: [57] ah / tá // \$
- *JRM: [58] entendeu // \$
- *JRM: [59] mas / Luciano era meio da pá virada / nũ [/1] nũ [/1] nũ dava pensão / nem nada // \$
- *JRM: [60] agora / minha filha / depois que [/1] que &te + \$
- *JRM: [61] e' já tava / com &persa [/1] pressão alta / parecendo que já tava pressentindo que ia ter alguma coisa / sabe // \$
- *JAN: [62] hum hum // \$
- *JRM: [63] foi em / final de dois-mil-e-sete que ele arrumou um [/1] um emprego // \$
- *JRM: [64] ele é / projetista // \$
- *JRM: [65] sempre trabalhou a freelance / né // \$

- *JRM: [66] final de [/1] de dois-mil-e-sete ele arrumou / trabalhar na / cepecê / como é que chama o lugar / um negócio assim / uma firma aí // \$
- *JRM: [67] e fez um seguro / aque' seguro / &he / opcional / né // \$
- *JRM: [68] seguro de vida // \$
- *JAN: [69] uhn // \$
- *JRM: [70] fez em nome dos quatro // \$
- *JRM: [71] aí / depois cê acredita / minha filha / que ele deixou / um dinheirinho bom pro João Vítor / e / com isso / uma pensão // \$
- *JRM: [72] que ele nunca tinha dado pensão // \$
- *JRM: [73] uma pensão / &he / como é que fala // \$
- *JRM: [74] pensão de [/1] por morte / né // \$
- *JAN: [75] hum hum // \$
- *JAN: [76] até ele ter vinte-e-um anos // \$
- *JRM: [77] é // \$
- *JRM: [78] até dezoito // \$
- *JRM: [79] então são três // \$
- *JRM: [80] são três / que um já tem vinte-e [/1] vinte [/1] mais de vinte ano // \$
- *JRM: [81] vinte-e-dois / por aí // \$
- *JRM: [82] e ano que vem / o [/1] o Quinha já faz vinte // \$
- *JRM: [83] já passa o [/1] a parte dele pra ele // \$
- *JAN: [84] hum hum // \$
- *JRM: [85] né // \$
- *JRM: [86] e assim vai // \$
- *JRM: [87] e a Beth recebe cinquenta por cento / né // \$
- *JRM: [88] mas ele é muito honesto // \$
- *JRM: [89] tudo [/1] tudo quanto é dinheiro que aparece / tipo assim / o' / saiu um fundo de garantia aqui // \$
- *JRM: [90] o' / tem um dinheiro preso aqui no banco / vamo tentar resgatar // \$
- *JRM: [91] Nossa // \$
- *JRM: [92] ele é gente boa demais // \$
- *JAN: [93] ai / que bom / né // \$
- *JRM: [94] No' // \$
- *JAN: [95] é mesmo / depois que a pessoa morre / que que eles fazem com o dinheiro na conta dela // \$

- *JRM: [96] pois é // \$
- *JRM: [97] por [/1] no caso / nũ fez inventário nem nada / ficou retido esse dinheiro aí / sabe // \$
- *JAN: [98] ahn // \$
- *JRM: [99] nũ sei como é que faz pa tirar agora // \$
- *JRM: [100] acho que tem uns quatro-mil lá na [/1] na conta dele / Banco Real // \$
- *JRM: [101] não sei que que faz / como que faz // \$
- *JRM: [102] gostaria de saber / porque + \$
- *JRM: [103] pois vou até / sondar com a Beth / que que que que resolveu isso aí // \$
- *JAN: [104] levar o atestado de óbito dele nũ funciona não / no banco // \$
- *JRM: [105] nũ sei / porque mãe tá no mesmo caso aí / sabe // \$
- *JRM: [106] tá fazendo um inventário pa ter [/1] tirar um dinheiro que ficou na conta // \$
- *JAN: [107] ah / <tá> // \$
- *JRM: [108] <de> pai / do meu pai // \$
- *JRM: [109] tem que fazer o inventário // \$
- *JRM: [110] o inventário / acho que depois de trinta dias / aí / fica caro // \$
- *JRM: [111] paga uma multa aí / cara aí // \$
- *JAN: [112] depois de trinta dias que a pessoa morreu // \$
- *JRM: [113] é // \$
- *JAN: [114] <ô gente / mas quem [/1] quem que vai ter> a cabeça de fazer o inventário <com uma pessoa [/3] com uma semana que a pessoa> morreu // \$
- *JRM: [115] <nũ pode passar trinta dias não> // \$
- *JRM: [116] <uai / pois é / minha filha> // \$
- *JRM: [117] isso <que eu pensei> // \$
- *CCA: [118] <quem pode receber pra mim / hein> // \$
- *JRM: [119] <&quan [/1] quando> eu lembro eu tirando um [/1] uma semana / mais ou menos / duas semana / eu ali tirando xerox dos documento // \$
- *CCA: [120] quem pode receber // \$
- *JRM: [121] hein // \$
- *CCA: [122] cê tá <com a mão &m> + \$
- *JRM: [123] <pa receber> // \$
- *CCA: [124] é // \$
- *JRM: [125] ô [/1] ô meninas / uma d' ocês pode receber dela // \$

- *JRM: [126] eu nũ posso sair daqui agora // \$
- *CCA: [127] ah / então eu espero a Héliida / eu chamo ela lá // \$
- *HHA: [128] vou receber a metade do caixa / vou ficar pra mim // \$
- *HHA: [129] pode // \$
- *CCB: [130] pera aí // \$
- *HHA: [131] ahn // \$
- *CCA: [132] chamar a Héliida // \$
- *HHA: [133] não / eu vou lá // \$
- *CCA: [134] cê vai // \$
- *CCA: [135] <yyyy> // \$
- *JRM: [136] <abaixa> um pouquinho a cabeça // \$
- *HHA: [137] por que que cê resolveu fazer unha hoje // \$
- *CCA: [138] ah / porque amanhã eu tenho uma festa pra ir / nũ vai dar <tempo> // \$
- *HHA: [139] <é> // \$
- *CCA: [140] ah // \$
- *CCA: [141] quanto que é // \$
- *HHA: [142] Nossa // \$
- *HHA: [143] olha o que que cê fez // \$
- *CCA: [144] <pé e mão> // \$
- *CCB: [145] <tchau / gente> // \$
- *HHA: [146] <dezoito> // \$
- *HHA: [147] tchau // \$
- *CCC: [148] tchau / gente // \$
- *JRM: [149] tchau // \$
- *CCB: [150] Di // \$
- *CCB: [151] mamãe vem amanhã // \$
- *HHA: [152] viu / querida // \$
- *CCB: [153] tá // \$
- *HHA: [154] tá bom // \$
- *HHA: [155] eu lembro ela // \$
- *CCB: [156] tchau // \$
- *HHA: [157] tchau / <beijo> // \$
- *JRM: [158] <tchau> // \$
- *HHA: [159] com Deus // \$

- *HHA: [160] cê quer +\$
- *HHA: [161] vou te dar moeda / <tá / filhote> //\$
- *CCA: [162] <pode> //\$
- *CCA: [163] é bom que eu ponho no meu cofrinho //\$
- *HHA: [164] põe no seu cofre //\$
- *CCA: [165] é //\$
- *HHA: [166] então vou te dar de vinte-e-cinco //\$
- *CCA: [167] ah //\$
- *CCA: [168] tava pensando que cê ia me dar de um //\$
- *HHA: [169] hhh é / ué //\$
- *HHA: [170] pôr no cofre / aqui o' //\$
- *CCA: [171] é //\$
- *CCA: [172] é dinheiro //\$
- *CCA: [173] <tá valendo / né> //\$
- *HHA: [174] <um> //\$
- *HHA: [175] não / &n [1] nũ vou comprar c' cê <yyyy> //\$
- *CCA: [176] <ah> / então tá bom //\$
- *CCA: [177] ajudou //\$
- *HHA: [178] pronto / aí o' //\$
- *CCA: [179] <tchau / brigada hhh> //\$
- *HHA: [180] <brigada / viu> //\$
- *JRM: [181] tá aberto lá / Diene //\$
- *HHA: [182] olha se tá aberto lá //\$
- *CCA: [183] acho que tá //\$
- *CCA: [184] yyyy //\$
- *CCA: [185] tá //\$
- *CCA: [186] tchau tchau //\$
- *HHA: [187] <tchau> //\$
- *JRM: [188] <tchau> //\$
- *JRM: [189] se ocê conseguisse fazer esse relaxamento pelo menos / de três meses /\$
- *JAN: [190] hum hum //\$
- *JRM: [191] / seu cabelo ia ficar sempre tratado //\$
- *JRM: [192] <sempre bonito> //\$

- *JAN: [193] <hoje em dia ninguém> mais faz amaciamento / né // \$
- *JRM: [194] é // \$
- *JRM: [195] amaciamento é + \$
- *JRM: [196] depende // \$
- *JAN: [197] eu fazia muito quando eu era criança // \$
- *JRM: [198] <é mais fraquinho> / né // \$
- *HHB: [199] <ô Héliida> // \$
- *JAN: [200] é // \$
- *HHB: [201] que que cê tá fazendo // \$
- *HEL: [202] tô trocando de roupa // \$
- *HHB: [203] &na [1] desce aqui embaixo / <depois> // \$
- *JAN: [204] <mas eu acho> que depois de tanto relaxamento / essas coisa que eu fiz / <nũ deve mais fazer efeito> / né // \$
- *HHB: [205] <depois> // \$
- *JRM: [206] é // \$
- *JRM: [207] como é / amaciamento / pode ser esse produto mesmo // \$
- *JRM: [208] mas aí é só [2] nũ precisa fazer tração // \$
- *JAN: [209] <que que é tração> // \$
- *JRM: [210] <com o pente> // \$
- *JRM: [211] <&he / com> o pente / né // \$
- *JAN: [212] <ah / tá> // \$
- *JRM: [213] porque / geralmente homem / assim / com o cabelo mais curto / só quer amaciar mesmo / aí faz // \$
- *JAN: [214] uhn // \$
- *JRM: [215] hoje mesmo eu fiz / num homem aí // \$
- *JRM: [216] no Edson // \$
- *JRM: [217] cabelo curtinho // \$
- *JRM: [218] tipo um amaciamento mesmo // \$
- *JAN: [219] uhn // \$
- *JRM: [220] mais pra + \$
- *JAN: [221] então se passar esse pente / faz diferença / <né> // \$
- *JRM: [222] <faz> // \$
- *JRM: [223] faz diferença // \$
- *JRM: [224] relaxamento / depende do produto / e / do profissional // \$

- *JAN: [225] cê trabalha com salão há quanto tempo / Jaque // \$
- *JRM: [226] fez / dez anos // \$
- *JRM: [227] trabalhava com informática // \$
- *JRM: [228] cê acredita // \$
- *JAN: [229] ah / é // \$
- *JRM: [230] é // \$
- *JRM: [231] trabalhei catorze ano no SERPRO // \$
- *JRM: [232] processamento de dados // \$
- *JRM: [233] lá na Cidade Nova // \$
- *JRM: [234] ai // \$
- *JRM: [235] eu nũ suportava // \$
- *JRM: [236] e era meia hora [3] era só meio horário / sabe // \$
- *JAN: [237] ham ham // \$
- *JRM: [238] ai // \$
- *JAN: [239] <cê é técnica> // \$
- *JRM: [240] <eu nũ suportava> // \$
- *JRM: [241] ahn // \$
- *JAN: [242] cê é técnica / <ali> // \$
- *JRM: [243] <não> // \$
- *JRM: [244] era auxiliar de &inf [2] de [1] de informática // \$
- *JRM: [245] <na digitação> / ou na / conferência / sabe // \$
- *JAN: [246] <ah / tá> // \$
- *JRM: [247] tinha um salarinho até / bonzinho / benefício / convênio médico / tudo / que precisava // \$
- *JRM: [248] mas / eu nũ suportava muito aquilo não // \$
- *JRM: [249] aí depois que eu saí de lá / eu / andei trabalhando ali / acolá e tal // \$
- *JRM: [250] saí no pedevê // \$
- *JRM: [251] um pedevê que teve em / noventa-e-seis // \$
- *JAN: [252] o que é um pedevê // \$
- *JRM: [253] &he / pedido / de demissão / voluntário // \$
- *JAN: [254] ah / <tá> // \$
- *JRM: [255] <es> dão dinheiro pr' ocê / tal / oferece uma grana / aí cê endoida com a grana / e pega e sai hhh // \$
- *JAN: [256] hhh <ótimo isso> // \$

- *JRM: [257] <saí> // \$
- *JRM: [258] nũ arrependo não // \$
- *JRM: [259] nũ arrependo não / porque &realmen [/1] eu gosto / demais / de mexer / com cabelo // \$
- *JAN: [260] mas antes cê nunca tinha pensado <nisso> // \$
- *JRM: [261] <não> // \$
- *JRM: [262] eu sempre assim / cortei o cabelo da minha filha / e tal // \$
- *JRM: [263] aí eu falei assim / ah / eu vou fazer um curso de cabeleireiro // \$
- *JRM: [264] aí eu fiz / lá no SENAC / tal / e / depois saí do curso / foi [/1] foram quatro meses / fiz o aperfeiçoamento lá mesmo / e / a [/1] a instrutora me chamou pra trabalhar com ela // \$
- *JRM: [265] lá no &Jagra [/1] Jaraguá // \$
- *JRM: [266] fiquei lá um tempo / depois vim pa área de cá // \$
- *JRM: [267] trabalhei até aqui / o' / nesse salão aqui do lado // \$
- *JAN: [268] uhn // \$
- *JRM: [269] hum hum // \$
- *JRM: [270] comecei fazer curso dali / curso daqui / tal / tal tal // \$
- *JRM: [271] adoro // \$
- *JRM: [272] gosto de mexer com química e cortar // \$
- *JRM: [273] penteado / é Maria // \$
- *JRM: [274] eu nũ dou pra penteado de jeito nenhum // \$
- *JRM: [275] adoro // \$
- *JRM: [276] gosto mesmo // \$
- *JRM: [277] e aqui tá melhor ainda / porque a gente trabalha do jeito que gosta / \$
- *JAN: [278] é / né // \$
- *JRM: [279] / a gente mesmo faz o horário // \$
- *JAN: [280] lá cês tavam [/2] tava muito difícil <pra vocês / né> // \$
- *JRM: [281] <Nossa> // \$
- *JRM: [282] é / e / tinha responsabilidade toda e [/1] e nũ ganhava [/2] ganhava muito pouco / assim / né // \$
- *JAN: [283] hum hum // \$
- *JRM: [284] aqui não // \$
- *JRM: [285] aqui a gente / trabalha com o material da gente / mas / é gratificante // \$
- *JRM: [286] graças a Deus foi uma coisa que deu certo / isso aqui / viu // \$

- *JAN: [287] cê trabalhou lá na +\$
- *JAN: [288] é Sandra o nome dela / né //\$
- *JRM: [289] é //\$
- *JRM: [290] &m [/1] o Bellite //\$
- *JAN: [291] é //\$
- *JRM: [292] trabalhamo / acho que / cinco anos / eu acho / que nós ficamo <lá> //\$
- *JAN: [293] <todas> vocês //\$
- *JRM: [294] todas nós //\$
- *JRM: [295] aliás / nós saímo do Esmalte / uma turma / eu / Carla / Diene / Elis / Cidinha //\$
- *JRM: [296] que a Sandra levou a gente pra lá / pro Bellite //\$
- *JRM: [297] lá no Bellite nós já ficamo mais cinco anos //\$
- *JRM: [298] agora / nós vamo / lavar essa parte / <Janayna> //\$
- *JAN: [299] <tá> //\$
- *JAN: [300] hum hum //\$
- *JRM: [301] deixa eu só / prender mais aqui / pra nũ molhar //\$
- *JAN: [302] melhor assim do que fazer o cabelo inteiro / né //\$
- *JRM: [303] uhn //\$
- *JAN: [304] melhor assim do que fazer <com o cabelo inteiro> //\$
- *JRM: [305] <é / porque / sendo> muito cabelo / a gente trabalha melhor nas partes assim / sabe //\$
- *JAN: [306] hum hum //\$
- *JRM: [307] porque senão nũ dá tempo //\$
- *JRM: [308] porque tem um tempo certo / <né> //\$
- *JAN: [309] <hum hum> //\$